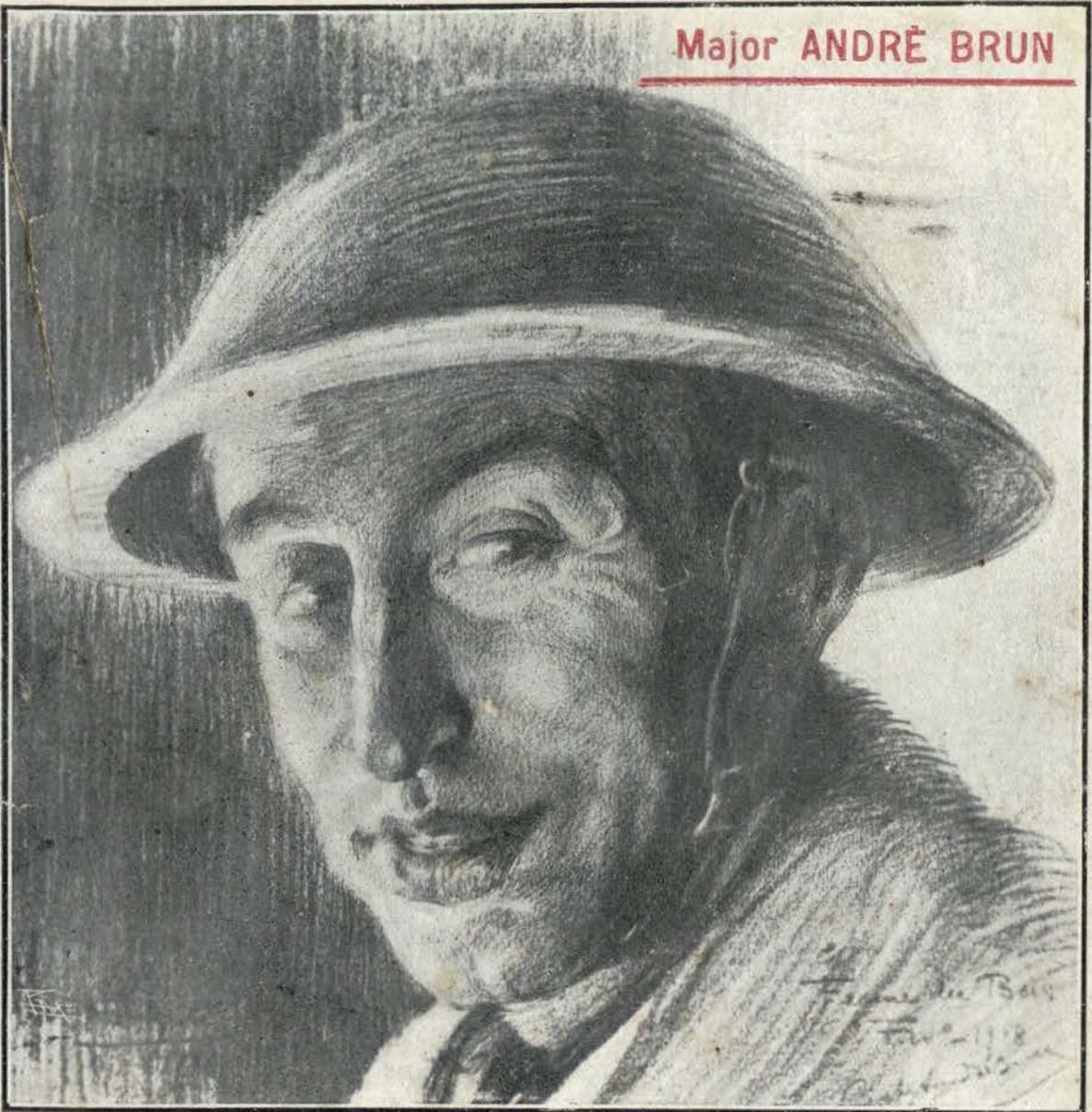
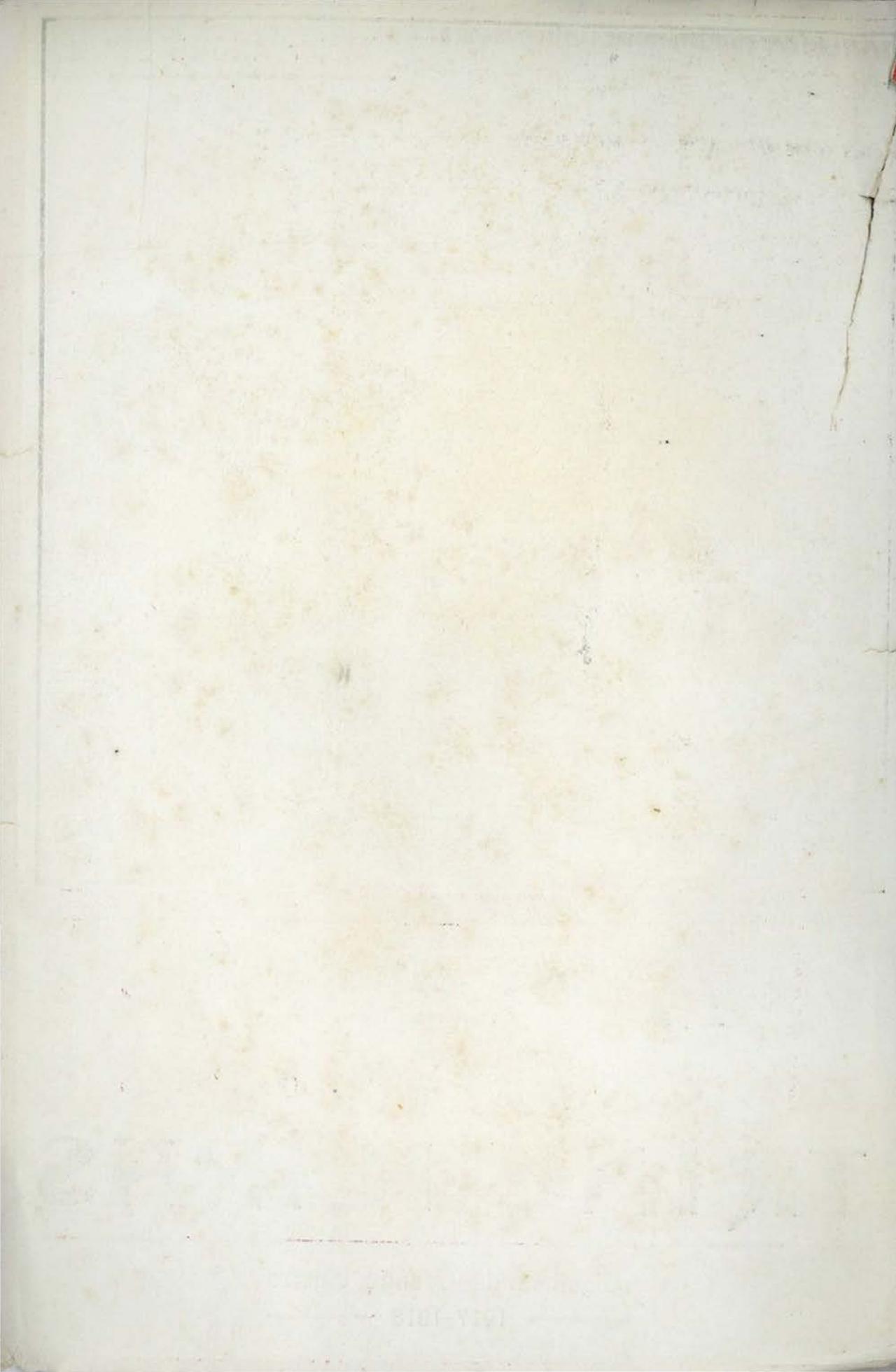


Major ANDRÉ BRUN



✦ ✦ A MALTA ✦ ✦
✦ ✦ DAS ✦ ✦
TRINCHEIRAS

Migalhas da Grande Guerra
1917-1918



705-6

••A•MALTA••
••••DAS••••
TRINCHEIRAS

Amador
16-II-919

DO MESMO AUTOR:

Edições de GUIMARÃES & C.^a

Dez contos em papel, *Terceira edição.*
Sem pés nem cabeça, *Segunda edição.*

Esgotada.

Cada vez peór, *Segunda edição.*

Sem cura possível, *Esgotado.*

Soldados de Portugal, *Esgotado.*

Folhinha de qualquer ano, *Esgotado.*

Praxédes, mulher e filhos, *Segunda edição.*

Teatro — *Código penal, art. ***. Ano novo, vida velha. Cavalheiro respeitavel. O primo Isidoro.*

Almas d'um outro mundo — *Versos.*

Outra vês Praxédes.

94 (100) "1814/18"

BRU

Major ANDRÉ BRUN

•• A • MALTA ••
•••• DAS ••••
TRINCHEIRAS

Migalhas da Grande Guerra

1917-1918

2.^a EDIÇÃO AMPLIADA

138529
16700



1919

GUIMARÃES & C.^a — Editôres
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

94(100) 1914/18"
827.134.3-94

*Propriedade literária e artística ga-
rantida em todos os países que aderi-
ram á convenção de Berne. (Em Por-
tugal pela lei de 18 de Março de 1911.
No Brasil pela lei n.º 2577 de Ja-
neiro de 1912) * * * * **

18700

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA
* * * DE MANUEL LUCAS TORRES
RUA DIARIO DE NOTICIAS, 59 A 61.

*Aos meus companheiros de trincheira,
humildes ou notáveis, esquecidos ou lou-
vados, áquêles que, a menos de mil e
quinhentas jardas do inimigo, soubéram
ser soldados e portugêses.*

Amador

*O retrato, cuja reprodução serve de
capa ao presente volume, foi executado
nas trincheiras de Ferme du Bois pelo
pintor Sousa Lopes. * * * * **

Em comêços de Fevereiro d'este ano, guarnecendo o meu batalhão nas horas do expediente o sub-sector esquerdo de Ferme du Bois e descansando nas horas vagas em Sénéchal-Farm, nos arredôres de Lacouture, surgiu-me certa manhã um moço official de cavalaria, que desempenhava junto de uma cabeça do C. E. P. as funções de ajudante de campo. Para aproveitar os ócios do seu officio, tivera esse joven cavaleiro a peregrina ideia de fazer um *album* e assim, gastando a gazolina do Estado, andava de porta em porta á cata de quantos ele reconhecia susceptiveis de escrever sem pauta e solicitando-lhes impressões ácerca do Corpo Expedicionário. Já recolhêra preciosos autografos de quasi todas as figuras marcantes da quadrilha e nada havia mais saboroso do que ler essas paginas em que alguns se atiravam facadas, louvavam o seu esforço e atribuiam aos visinhos os males que já então nos affligiam. Hesitei um pouco em juntar da minha prosa áquelas mal alinhavadas regras, até que, certa noite de trincheiras e de lama, me decidi e escrevi para o *album* o seguinte, que o meu estimavel camarada nunca foi buscar pois que

d'ali a pouco veiu a Portugal, em gôso de licença e aqui foi aproveitado no ressalto da regeneração de-zembrista para o desempenho de funções indispensaveis para a salvação da Patria :

"ESTA GUERRA . . .

... é aquela a que melhor se adapta o feitio portuguez. Como se sabe, o official lusitano foi sempre, nos tempos de paz, essencialmente funcionário e não havia rasões apparentes para que deixasse de sê-lo vindo para a guerra e se as circumstancias o permitissem. N'esta guerra de trincheiras, de guarnições fixas e de sitios certos, está nas suas sete quintas. Montou muitas repartições, arranjou muitos empregos, creou muitos chefes — distinguem-se pela pála — rodeou-os de muitos adjuntos, deu-lhes muitos amanuenses e poz-se a escrever, umas vezes á maquina, outras a lapis, o canto suplementar dos Lusíadas, que viemos compôr a França, nos seguintes termos : — «Em referencia á nota N.º X d'este C, lembro a V. Ex.ª o disposto na alinea a) da O. S. n.º 14.381 da R. E. do Q. G. do C. E. P. que altera o artigo Y da circular n.º Z.-O. contendo as instruções a que se refêre a determinação dos S. A. da 7.ª B. I.»

Para o soldado esta é tambem a guerra ideal em que um impávido legionário do Direito, da Justiça e do «Corned Beef» encontra de dez em dez metros da senda do seu destino um estaminet, uma ruína, um monte de cascalho ou uma banquêta para se sentar, fumar um cigarro, fingir que pensa e ouvir crescer a barba.

A perturbar a nossa serenidade, ha, para os que permanecem algum tempo a menos de mil e quinhentas jardas da linha inimiga, o que, em lingua inglesa e com a maior seriedade, se chama casualties, casualidades, cousas que acontecem. Por exemplo : n'uma trincheira de comunicação esbar-rarem de repente um osso de homem e um estilhaço de granada ou morteiro. N'este «caso» ou o osso põe em pratica a empo as suas faculdades de adaptação ao terreno, a que al-

guns criticos militares chamam «cavanço» ou intervêm, umas vezes os S. S., outras a R. R. P. T. B. (Repartição do Registo de Perdas e Transporte de Bagagens) e a R. E. do Q. G. B. (Repartição de Estatística do Quartel General da Base).

Ha tambem uns empata-socégas— alemães, segundo afirma o relatório da R. O. I. do Q. G. do C. E. P. (Repartição de Operações e Informações do (Vidê acima) — que de quando em quando, irrompem nas nossas linhas a ver se cá estamos ainda ou se já conseguimos todos ser colocados na Base. Nos batalhões, em que o moral dos officiaes poude persuadir os homens de que os boches não são monstros de fábula insensiveis ao frio, á neve, á agua, e á metralha aliada, com dez braços e quatorze pernas, uma espingarda automatica em cada mão e vomitando morteiros pesados por todos os orificios do corpo, o soldadinho portuguez lembra-se que é d'um paiz de desordeiros, de caceteiros, de fadistas e os boches levam identificações que não vinham buscar. Nos outros batalhões não sei o que se passa.

*

Havia uma outra guerra, aquella com que alguns de nós tinham sonhado, em que as almas se temperavam, as competencias se salientavam, em que se morria umas poucas de vezes ao dia e da qual alguma cousa levariamos que contar. Essa ainda não chegou e, dado o que os meus olhos tem visto e ouvido os meus ouvidos, cuido que melhor seria que nunca chegasse. Vinha causar muito incómodo.

COMANDO DO SUB-SECTOR ESQUERDO DE FERME DU BOIS.

10 — Fev. — 1918.

Capt. André Brun.»

* * *

Sobreveiu o mez de Março, cujos dias crueis não poderá olvidar a minha brigada encurrelada sem justificação tactica na situação mais dolorosa de quantas até então tínhamos conhecido. Seguiram-se os primeiros dias de Abril que fizeram sangrar dolorosamente o meu coração de soldado e chegou esse dia nove, cuja historia documentada um dia hade surgir, para que ás portas da Historia, por onde certos querem entrar vestidos de audácia e descalços de escrúpulos, as centenas de mortos, que descançam amortalhados de rancôr em ignotos pontos da Flandres, e os milhares de prisioneiros, cuja tristesa a Alemanha ainda retêm em vagos campos da Germania, se juntem e lhes vêdem a passagem bradando : "Aqui não entras".

Então, eu que escrevêra para um album meia dúzia de linhas, que podiam parecer d'um humorismo facil, vi quanto as multiplas angústias do meu espirito accumuladas nos primeiros oito mezes de trincheiras me tinham levado a ser proféta em terra alheia.

A guerra, a verdadeira guerra, aquella de que poucos tinham a noção exacta, "viéra causar muito incomodo". Mas é cêdo para que tudo o que se passou então e tudo o que se lhe seguiu seja dado a publico. Continuamos em guerra, os *boches* ainda estão ali em frente e como disem os classicos avisos franceses : «*Les oreilles eunemies nous écoutent.*» Não é este um livro «ad probandum». Esse virá a seu tempo. Devo-o aos meus soldados e a mim próprio. O presente volume «ad narrantum» é apenas uma documentação pitoresca, um re-

lato do que eu vi com os que a terra ha de comer, olhos da minha cara e mortos da minha patria.

Talvez porque as tendencias naturaes do meu espirito me não concedam facilmente aquella faculdade que um personagem de Eça se attribuia de "saborear o grandioso", talvez porque as circumstancias e os homens mais do que elas não habilitaram o Corpo Expedicionário Portuguez a escrever, por emquanto, aquele canto de epopeia que os patriotas esperavam e os rhetoricos prometiam, este livro é um livro de crónicas, direi mesmo um livro de anedoctas.

Longe de mim a ideia de amesquinhar o esforço dos primeiros combatentes em França; mas, durante muito tempo, a permanencia n'uma guerra de trincheiras, em sectores relativamente calmos de que certa nervosidade destrambilhada vinda do alto pretendia fazer sem metodo sectores de verdadeiro combate, não permitiu que se posessem á prova senão a capacidade de adaptação que distingue a nossa raça, sempre atravez dos seculos a abandonada de alguém, e aquellas qualidades passivas de resignação que a Historia reconhece ao soldado portuguez. Dos dias terriveis de Abril até aos do alvorecer de Agosto, em que me separei da frente portuguesa, só o esforço individual de certos manteve a continuidade do esforço anterior, reduzida ainda ao trabalho obscuro da malta das trincheiras.

Acompanhei bem de perto essa arraia meúda para a não amar e não a estimar. Foi com ela que ganhei os

meus primeiros galões bem ganhos. Sei o que ela va le o que ela fez e o que ela podia ter feito no instante próprio, se os chefes combatentes, verificando que ao comêço as suas funções tacticas eram, pela natureza especial da guerra que se estava fazendo, reduzidas á ver-são e reproducção de ordens anteriores e portanto re-ductiveis a proporções para as quaes chegava e sobe-java a mentalidade de um sargento ajudante munido de um xapirografo, tivessem melhor atentado na importan-cia das suas funções humanas e cuidado com maior carinho e mais inteligente disvêlo do moral de tropas, já de si ignorantes e propensas á estagnação de espirito e fatalismo atavico e, para mais, atiradas para longe da terra onde tinham as rasões logicas do seu ser.

Sei bem e vi — com os que a terra hade comer — que, entregues a si próprias, as unidades se diferença-vam pelas cabeças e corações que as dirigiam. Vi um batalhão triste junto de um batalhão alegre, porque dos comandantes, um era alegre e outro não sabia senão ser triste. Vi uma companhia ralaça perto de uma com-panhia activa, porque a um capitão sobravam os nervos que ao visinho faleciam. Se tivesse havido a aliás ru-dimentar percepção psicologica do trabalho mais neces-sario e urgente, se para a execução d'esse trabalho se tivesse tido a autoridade moral que impoesse todas as sancções mesmo as mais violentas, uma habil selecção e uma inteligente procura de equilibrios teriam dado ao Corpo Expedicionário a unidade de sentir e de ac-ção, que, além de o tornar uma ferramenta afiada para o momento necessario, lhe teria atribuido uma fisiono-mia moral e dado até um aspecto fisico caracteristico que ficasse. D'esse aspecto fisico e d'essa fisionomia mo-

ral talvez um genio representativo da raça soubesse mais tarde fazer um poema.

Mas de tudo o que se fez — pelo menos até agora — d'essa indecisa passagem da nossa nacionalidade pela grande guerra, não podem, a meu vêr, senão sahir relatos de episódios, quadros de impressões. As mais belas cousas que lá se praticaram cabem n'uma folha de papel almaço. Descritas por um grande talento, tão individuaes como foram, darão uma bella pagina de selecta. A esta convicção cheguei depois de reflectir muito sobre o caso, de ouvir aqueles que julgo susceptiveis de terem uma noção intelligente da nossa acção e decidi-me então a publicar este livro.

* * *

Como o faz notar Gaston de Pawlowski, no seu livro "*Les rides du front*", é muito difficil para os que fizeram a guerra lutar nos campos das letras com os paisanos que a descrevem á rectaguarda em livros ou nos grandes jornaes. Para se desenhar em termos um acto heroico é preciso pelo menos um recúo de duzentos kilometros. De perto a heroicidade confunde-se demasiadamente com as cousas que de heroico não tem a minima parcéla. Além do mais, para um leitor paisanamente heroi só os mortos tem o direito de falar e nem todos tiveram a sorte de morrer para se poderem impôr aos auditorios.

O humorista meu amigo, que acima citei, escreve no prefácio do seu livro — um dos mais interessantes que conheço sobre a guerra, embora feito de retalhos —

— *“Comme la Foi, comme l’Amour, la Guerre est une religion qui depasse de beaucoup ses officiants. Vue de près, comme toutes les religions elle est faite de mesquineries, d’insuffisances, de faiblesses, d’injustices, de doutes, de desespoirs, de laideurs et l’on ne saurait la juger au travers des hommes qui la représentent. Vue de loin elle est une idée générale, naturelle, supérieure à l’homme et qui s’impose aux plus petits comme aux plus grands. Juger la guerre par les impressions d’un soldat resait aussi faux que d’interpréter l’idée divine d’après les mômeries d’une vieille dévote”.*

Tendo partido de Portugal com a ideia e o compromisso de escrever largamente sobre a nossa guerra, poucos tempos eram volvidos que eu não descansasse o meu lapis e o meu livro de notas, agradecendo aos que, em nome de uma censura mal traduzida do ingles, me tinham logo á chegada intimado a que me calasse. Os meus afazeres de comandante de um batalhão combinavam-se com a convicção que ia tendo de que melhor seria deixar a factura de livros precipitados áqueles correspondentes de guerra, que, idos de aqui com a missão de nos espetar na imortalidade como se espétam borboletas numa rolha, acham inspiração suficiente para tresentas paginas no palpitar das grandes cidades e n’um passeio de tres dias a trinta quilometros das linhas avançadas.

Mas, em certas tardes, quando o *boche* nos deixava mais tranquilos, eu via em torno de mim cada qual entreter-se, uns fabricando tinteiros com granadas de mão não rebentadas, outros adaptando espolêtas velhas a pésa-papeis novos, outros ainda transformando cartuchos gastos em lapizeiras de fantasia.

Tambem eu, para passar o tempo, apanhei da lama da Flandres e do Artois estas recordações, estes «souvenirs», como dizem os soldados. Limpei a maior parte d'elles e aqui t'os ofereço, leitor. Com Pawlowski te direi ainda que «os estilhaços de granada, os restos de espolêtas, os capacetes velhos e as paginas rabiscadas que se enviam para a rectaguarda não serão certamente para as gerações futuras senão bugigangas inuteis. Podem, no emtanto, comover ou distrahir os contemporaneos para quem não representarão dadivas opulentas de espirito, senão humildes ofertas do coração».

BIARRITZ — AGOSTO, 918.

Madame Letailleur

*Ao capitão Luiz Mousinho de Albuquerque,
grande soldado e grande amigo, prisioneiro dos alemães.*

Foi o meu primeiro bolêto em França. Eu chegára pela tardinha, n'um automovel do quariel general, á aldeiola onde acantonava o batalhão em que fôra colocado. Em quinze dias a terra francesa, que os nossos soldados tinham encontrado envolta n'uma mortalha de neve e de desolação, acordára, florira. As arvores e as sébes tinham-se vestido, o chão argiloso endurecêra, nos campos plainos a perder de vista as sementes brotavam, as macieiras empoavam-se garridamente, o ceu era puro e sem nuvens. Os que iam ser meus soldados giravam pelas ruasinhas estreitas e pelas estradas entrecrusadas, mirando o recémchegado. O ajudante levou-me por um caminho florido, fez-me atravessar o páteo d'uma herdade, que parecia uma ilustração de certo livro de Madame de Ségur, encanto da minha infancia, e disse-me :

— “É aqui.

Era, sobre um dos lados da *cour*, uma casa baixa de

um só pavimento e sotão. Uma porta estreita com uma data — 1848 — uma larga janela com cortinas engomadas. Ali morara um oficial, partido em diligencia, e ali ia eu morar. A porta estava no fêcho; entrámos. O compartimento de entrada com seu chão de tijolo muito lavado, o fogão reluzente sobre o qual resonava uma agua fervendo, o armario muito claro, muito bruido, o crucifixo sob uma redôma, tinha um ar tão risonho e acolhedôr que me senti logo bem. A uma banda do fogão, encostando-se á mesa para se levantar, interrompendo uma ceia de café com leite, madame Letailleur.

Era uma velha alta, muito magra, com queixo e nariz de Polichinello, uns olhos azues clarissimos e sobre os seus cabêlos brancos uma coifa de renda em canudos. Ficámos logo amigos e ela, arrastando um pouco os seus sapatões de salto raso, foi-me indicar o meu quarto, espevitar o meu fogão, acender a véla e afagar a minha cama alta e fofa como todas as camas de França. D'ali a pouco, arrumadas as malas, acêso o cachimbo, conversámos emquanto a noite escurecia de todo e se salpicava de estrelas. Loge n'essa primeira palestra compreendi que a minha boa hospedeira reduzia todos os acontecimentos da vida a duas categorias. A guerra já durava interminavelmente? Tres anos quasi de sangue e de sacrificios?... "*Ça, c'est une mauvaise affaire!*" concluia ela com o seu sotaque e a sua falta de dentes. Portugueses chegavam todos os dias, acantonando nos arredóres em aldeolas como esta? D'aqui a pouco seriam algumas dezenas de milhares?... "*Ça, c'est une bonne affaire!*" No dia seguinte de madrugada, eu partia com uma companhia para a

escola de gases asfixiantes afim de seguirmos algumas horas depois para o *front* em instrução? . . . “Çà, c'est une mauvaise affaire!” Mas eu vinha confiante n'uma victoria proxima e completa, dentro dalguns mezes o filho déla, soldado das equipagens para as bandas de Verdun, regressaria á herdade, ás sementeiras, ao arado que dormia no páteo, ao grande cavallo branco que relinchava no estábulo . . . “Çà, c'est une bonne affaire!”

Sobre a pedra do meu fogão eu tinha posto logo de entrada os meus retratos queridos. Fui ás trincheiras e voltei. Trouxe os meus homens e os meus ossos inteiros. Ao entrar de novo em casa de Madame Letailleur, sob a redôma de vidro, junto ao crucifixo, estava o retrato de minha filha, anjo de Deus que a boa velhota ali puséra a pedir por mim ao Christo martirisado.

Vivi quasi tres semanas naquela casa, sahindo cêdo, voltando pela tarde. Nas primeiras noites, emquanto escrevia para Portugal a minha saudade, sentia ao lado duas vozes, a déla, a de um homem que eu supuz ser *Monsieur*, como se diz por aqui quando se fala do dono da casa. As vozes pareciam altercar. Madame Letailleur gritava. O homem berrava como um posseso. Fasia-me confusão aquella gritaria e uma manhã perguntei-lhe:

— «Hontem estava zangada com o seu marido?»

Riu como uma perdida. O marido morrera ha muito. O homem com quem ela gritava todas as noites era um refugiado. Pobre homem! Vivia tranquilo, era rico mesmo, os seus trinta contos talvez em terras e herdades. Um dia viéram os alemães. Queimaram, saquearam, o velho fugiu deante d'aquelle horror. Ha dois anos que não sabe nada dos seus, nem da sua terra onde os

boches estão ainda. Veiu ali parar, móra por favor n'um compartimento do sotão, para merecer a pousada e a tigéla de sopa leva o cavalo branco a puxar o arado na *pâture* de Madame Letailleur e esta grita-lhe aos ouvidos porque o desgraçado ensurdeceu na confusão de uma batalha travada sobre as ruínas fumegantes do seu lar.

— “Çà, *c'est une mauvaise affaire!*” remato eu a cismar n'aquele drama. Ela encolhe os seus ombros ossudos, volvendo os olhos para o Sagrado Coração de Jesus, apainelado junto ao armario.

Um dia veiu ordem para que o batalhão inteiro se-guisse definitivamente para a frente. Era a hora de irmos para a fornalha. Fiséram-se as malas, carregaram-se os carros, os homens atulharam as mochilas, andaram de porta em porta despedindo-se dos seus amigos franceses.

Eu despejei o grande armario brunido, arrumei os papeis. Chegou a hora da despedida. O meu cavalo com o arreio de marcha esperava-me á porta. Madame Letailleur com a sua coifa branca de canudos, as mãos ossudas crusadas sobre o grande avental, fitava-me silenciosa.

— “Parto, *madame*. Um dia havemos de voltar a descansar para aqui. . .

Despedi-me com um olhar daquela casa tão limpa e tão clara, daquele tecto de França que me vira chorar ás escondidas os meus amores distantes e abri os braços a Madame Letailleur. Ela tinha lagrimas nos seus olhos muito claros, o seu queixo e o seu nariz de Polichinello agitavam-se n'um tremôr e eu plantei dois sonoros beijos nas covas das suas bochèchas.

José Maria Folgadinho

"LANZUDO," DA GRANDE GUERRA

José Maria Folgadinho é da comarca d'Arganil, como podia ser de Freixo de Espada á Cinta ou de Vila Real de Santo Antonio. Não fez para isso a menor diligencia. Cahiu nas sortes, foi para o regimento, andou lá uns mezes na instrução e, quando tinha aprendido algumas artes militares e várias artimanhas de caserna, licenciaram-no. Na aldeia falava-se em que iam portugueses para a guerra, falava-se em que não iam... Folgadinho, esse, depois de ter falado uns tempos com a Gertrudes, falava com a menina Rosaria, quando de repente, ordem de mobilisação e partida. Pegou n'um sacco de retalhos, meteu pés ao caminho, chegou tarde, deram-lhe uma porção de equipamentos, enfiaram-no num comboio, ele dormiu e chegou a Lisboa, que, como o heroe do sr. Tomaz Ribeiro, ele nunca tinha visto. Tambem lh'a não deixaram vêr, porque o puzeram a bórdo dum grande navio e este abalou. Folgadinho, pouco maritimo, enjoou como um catita, dormiu duas noites com um bolo-rei de lóna enfiado no pescoço e começou a achar que fazia frio. Cada vez mais se foi ins-

talando n'esta opinião, até que o barco chegou a um porto.

— "Isto aqui é que é a França, meu sargento?" perguntou ele ao seu "primeiro".

— "É, respondeu este muito aborrecido.

A França estava feia. Fazia cada vez mais frio. Sobre a cidade cahia neve e Folgadinho não tinha trazido guarda-chuva. Escusado será dizer que ficou que nem uma sopa ao som da *Portuguesa*. Para variar um pouco de meios de transporte, meteram-no num outro comboio. Este levou tres dias a parar em todas as estações e foi nessa viagem tormentosa, sob rajadas de neve, que Folgadinho soube que a carne de vaca metida em latas se chamava *corned beef* e que ha uma gente que se entretém a enfiar vinagre, cebolas e mostarda dentro de frascos a que chamam depois *pickles*. Ele, que no regimento estava habituado ao feijão, á couve, á batata, á boa *tórra* de carne fresca, não percebeu a graça que tudo aquilo podia ter. Um dia o tal comboio parou e com uma guedêlha compridissima, uma barba de oito dias, sujo como um limpa-chaminés, o equipamento ás tres pancadas, os ossos num feixe, José Maria Folgadinho fez a sua entrada numa pequena cidade ¹ onde ha muitos anos, quando foi duma guerra que durou cem, também viéram portugueses sob o comando de um infante. Sahiu muita gente a vêr as tropas.

— "*Qu'est-ce que c'est que ça ?*" perguntava na Grande Place a menina do oculista á esposa do relojoeiro. *Ce doit-être des Russes ?*

— "*Mais non ! Ce sont des Portugais !*" explicava aquelle *embusqué* do secretário da *Mairie*.

¹ Aire-sur-la-Lys.

— "Ah! Eh bien! ils n'ont pas l'air gai!"

O céo estava triste, Folgadinho batia o queixo; mas, apenas as portas e as janelas se enfeitaram do Eterno Feminino de nariz vermelho e com frieiras, Folgadinho, heroe d'uma raça de femieiros e atiradiços, arrebitou a orelha, começou a piscar o olho, a deitar a lingua de fóra, a dizer adeus. Pronto! Os portuguezes já estavam *gais*.

Deixou-se para trás a pequena cidade, atravessaram-se aldeias, até que chegou uma onde tudo aquilo parou. Começaram muitos cavalos a correr com officiaes em cima, gente a gritar: — "A primeira para aqui. . . Meia volta. . . A' esquerda rodar.,". Um sargento dizia: — "Aqui vinte homens," etc., até que Folgadinho entrou num pateo duma pequena herdade, apontaram-lhe um palheiro e era ali.

Tirou a *tralha* de cima das banhas, estendeu os braços, mediu a palha com a vista, deitou-se e dormiu.

* * *

No fim de tres dias estava como em sua casa. Tinha dado uma volta á aldeia, espreitando para dentro das casas. Vira muitos santos pendurados, chãos de tijôlo muito limpos, uns fogões muito reluzentes e caras de boa gente: velhotas de cabelos brancos, raparigas palidamente louras de cabelos escorridos e sapatos rasos. Passavam velhos montados á amazona em grandes cavalos de lavoura e José Maria Folgadinho, como tocava ao rancho quatro vezes ao dia, havia vinho e chá, con-

cluiu que, quando fizesse menos frio, aquilo não seria tão feio como o tinham pintado.

Deram-lhe uma capa de borracha. Em compensação o sacco de ramagens onde trazia as ceroulas ficara lá para os sitios do vapor. Como estavam em maré de dar, deram-lhe alguma instrução para ir tomando o gosto ; mas, como lha ofereciam sem vontade, ele aceitava-a sem entusiasmo.

Folgadinho, á tarde, ou escrevia á familia ou ia para os *estaminets*. A primeira vez que entrou n'um, estavam lá vários inglezes, soldados e cabos, bebendo uma cou-sa amarela. Que diabo seria aquilo ? Folgadinho pediu tambem. Era amargo e tinha um sabor esquisito. Era cerveja, a quasi unica bebida da região. Tambem não lhe cheirou a lombo, mas enfim . . . O difficil para qualquer outro seria entender-se e fazer-se perceber. Folgadinho, aprendeu a falar o francez em tres horas. O dinheiro tambem não tem nada que saber. Aqueles papeis muito sujos são dois tostões. Os outros mais sujos ainda são um tostão. Os mais limpos são dez tostões, os vintens são um vintem e os dez réis são dez réis. "*Mameselle* um copo de *biere*," dois *sous*, um vintem. "*Madame*, um *pain*," outros dois *sous*. Os bilhetes postaes illustrados, tres *sous* e assim sucessivamente. Como lhe perguntam a ele : "*Avez vous compris ?*," ele indaga tambem : — "*Compris?*, quando o não entendem e, se a confusão chega ao cúmulo, encolhe os hombros com um profundo desdem por aquella gente que não sabe falar o francez d'ele e despede-se : — *Non compris*.

Porque é reinadió e mais patusco que os inglezes que por ali andam ha tres anos, Folgadinho torna-se simpatico. O que ele é, é malandro. Escangalha as bombas.

passa por onde não deve passar, suja e não limpa; mas é simpático e gostam d'ele. Até estimam que ele estrague para poderem fazer reclamações ao *maire* e pedir duzentos francos por um pé de salsa pisado.

De repente, uma bela tarde, Folgadinho sabe que a nove quilometros se tira o retrato por um franco. Ele ahí vae a unhas de cavalo . . . Depois das fundições de canhões, quem tem ganho mais dinheiro com a guerra, são os fotografos da zona onde acantona o Folgadinho. Já sabem a posição: em sentido, a mão direita descuidosamente pousada sobre uma peanha onde floresce um mangerico de papelão. Quando combina tirar um grupo com alguns camaradões, então o caso méte o mais analfabéto a fingir que lê um jornal do departamento, outro com uma garrafa na mão, o terceiro empunhando um copo, o quarto finalmente de sabre desembainhado. Depois manda aquilo para Portugal ao compadre Joaquim, á menina Rosaria recomendando-lhe que não fale com o Manuel Vitorino, ao genro do Thomaz Gaiteiro e a toda a gente lá do sitio para que se saiba a cara com que ele está na guerra.

Já vae comendo nos *pickles* e na marmelada como se tivesse nascido para isso. O que o distrae muito são os aeroplanos. Cada dia passam quarenta dos nossos e ele vê todos. Ensinam-lhe uma nova esgrima de baionêta e, para o treinar em marchas, mandam-no passear com a mobilia ás costas, tres vezes por semana, quer chova quer faça sol, durante uma boa duzia de quilometros. Folgadinho passa a vida a mandar as botas para o concerto e a dar cabo das alpargatas.

Uma certa tarde chega a ordem de ir para instrução ás trincheiras. Momento de comoção. Os officiaes passam graves, com mapas na mão, a dizerem historias uns aos outros. Na manhã seguinte abala-se. Até ás *trinchas* são uns quarenta quilometros e faz-se a marcha em dois dias. No fim do primeiro, Folgadinho começa a vêr casas arrasadas e dorme n'um telheiro que não tem telha. Ouve-se o troar do canhão ao longe e Folgadinho, sentado dentro do capacete de aço, continua a olhar para o céu, a ver muitos aéroplanos. Só vem a rapaziada da companhia, mais o nosso capitão, o nosso tenente, os nossos sargentos . . . Um *pic-nic* em familia !

Felizmente o tempo está lindo. Em quinze dias toda a terra acordou, brotaram as cearas, as sébes enfeitaram-se, desabrocharam os lilazes e os campos, lindamente tratados por velhos e mulheres, são o encanto e a alegria dos nossos olhos. Vae entrar o Maio e Folgadinho não espera pelo Agosto para suar por todos os póros. Agora está lavado, barbeia-se de vez em quando, comprou uma boquilha para fumar os cigarros da ração e já vae arranhando o seu bocado de inglez. Quando acaba de escorrer a ultima pinga de sopa nunca se esquece de dizer : — "*Finish !*"

Na manhã do segundo dia rompe-se a marcha sem cornetas e, depois do alto do almoço, a companhia divide-se em grupos. Entra-se na zona em que a cautela não é desnecessaria. Folgadinho sabe que, da vez que cá veiu uma companhia de outro batalhão que tirava o retrato no mesmo fotografo, ficaram por aqui dois e isso dá-lhe um bocado que pensar.

O canhão ouve-se melhor e lá longe, em volta de um aeroplano, que mal se vê, estalam umas nuvensinhas brancas. E' um *boche* que vinha vêr onde estava o Folgadinho.

A' tarde chega-se a uma aldeia onde ha ingleses em barda. Metem o nosso amigo com outros dentro dum palheiro cheio de camaradas britannicos e a primeira cousa de que o Folgadinho trata é de vêr se consegue comprar um canivete de campanha a um inglez, intrujando-o e dizendo-lhe que um tostão de níquel portuguez vale um franco francez. O inglez acredita e Folgadinho já tem navalha para destapar os frascos de conserva, não contando com a lusitana satisfação de ter embrulhado o seu proximo, batendo-lhe no hombro e perguntando: — "*Camarade! Compris? Yess?*" . . .

O outro só ha-de compreender quando mais tarde, em qualquer cidadéca, fôr trocar o dinheiro.

Folgadinho passa essa noite um pouco sobresaltado com baterias que estoiram perto, que, quando uma pessoa vae a olhar para dentro, ribombam, abalam a casa de cada um e levam nisto horas sem fim. Pôr fim consegue adormecer e, ao acordar, vendo os ingleses barbear-se, ensaboar-se, arregaçar até aos sovacos as mangas da camisa *kaki*, abrir depois a risca do cabêlo, Folgadinho, lanzudo, com a barba por fazer, pensa no seu sacco de ramagens que ficou para trás, no unico barbeiro do pelotão que baixou ao hospital, em varias cousas emfim, até que um sargento inglez lhe faz um gesto, disendo: — "*Came on!*" e o leva até uma arrecadação onde lhe confia um grande sacco cheio de latas, o almoço do seu alojamento.

O dia passa e Folgadinho vae ver os ingleses faze-

rem exercicio. Sente-se *touriste* e *mirone* e pára defronte d'uma grande casa de madeira dentro da qual se ouve tocar piano. Avança até á porta e lobriga ao fundo o balcão de uma cantina, onde ha tudo o que um soldado pode precisar, do lado oposto um palco e, pelo meio do grande casarão, mezas compridas onde os *camónes* — como ele já lhes chama — escrevem, lêm illustrações, fumam cachimbo e escutam um enfermeiro de oculos, que, martelando as téclas dum Erard de decima terceira qualidade, trauteia desafinadamente: — “*It's a long way to Tipperary*„. Folgadinho sente-se feliz, encosta-se ao piano e, quando o inglez se cala, avança um dêdo, toca em tres notas ao acaso e lança a meia voz:

— “*O' amendoeira!*

Que é da tua rama?”

A vida seria boa se não viesse á tardinha a ordem de formar. A companhia vae partir para as *trinchas*. Começaram a dividil-a em pequenas fracções. A estrada é comprida e direita.

De subito lá ao alto ha um grande estoiro e terra que vòa pelo ar e fumo que se enrodilha. Folgadinho avança o nariz fóra da fóрма. Mau! Que foi aquilo? Uma granada que veiu de *lá*. Folgadinho não acha graça e a saliva séca-se-lhe um pouco. Uma voz:

— “Quatro á direita, volver... Marche!...” e ele lá vae em direção ao ponto onde segunda e terceira granadas acabam de cahir. Toma-se, porem, por um campo, por detrás d'umas arvores e Folgadinho sente-se mais feliz. Apanha-se outra estrada onde, á luz do crepusculo, passam carros pesadamente e grupos de ingleses

que regressam, arma em bandoleira, capacête no braço, cigarro na bocca. Andam-se dois ou tres quilometros, cortam-se caminhos, deixam-se ficar para trás herdades de que restam apenas parêdes, pisam-se linhas de vagonêtes, as estrelas começam a aparecer, até que, de repente, junto duma tabolêta, onde letras brancas ressaltam do fundo preto, aparece uma passadeira de madeira, meio metro de largo, se tanto. Essa passadeira vae-se metendo pelo chão abaixo até se enterrar entre dois taludes revestidos de sacos cheios de terra ou de rêde de arame esticada sobre estacas.

Os homens já não cabem senão a um de fundo. As marmitas, todos os accessorios da *mobilieria* de um soldado esbarram nas esquinas bruscas d'aquelle bêco que não consegue andar dez metros na mesma direção.

José Maria Folgadinho, *lanzudo* da Grande Guerra, está pela primeira vez nas *trinchas*.

Iniciação

*A' memoria do capt Gleen, do 1/3th York
and Lancasters, morto em Agosto de 1917
na terceira batalha de Ypres.*

Terça-feira, 1 de Maio

Esta manhã, sou acordado em sobresalto na *mess* de officiaes ingleses, onde fui aboletado e acolhido com a mais fidalga gentileza, pelas detonações precipitadas de uma bateria proxima. Na soleira da porta um grupo de alferes e tenentes britannicos miram o ceu azul sem uma nuvem. Um aeroplano allemão segue por cima das nossas linhas. No ar, em volta dêle e sem o atingirem, estalam granadas. Ele passa. Dez minutos depois deslisa a toda a velocidade, n'uma estrada perto, uma bateria automovel de anti-aereos, a que deixou escapar a prêsa. Vamos ter novidade.

Pelo meio dia o batalhão inglez a que a minha companhia está adida comunica-me que devemos estar formados ao caír da tarde sobre a estrada e em pequenos grupos para seguirmos para as trincheiras. Pouco antes

da hora marcada, a estrada que havemos de seguir começa a ser bombardeada com violencia. Consequencia das informações recolhidas de manhã pelo *taube*. Chega-nos a todo o galope da sua mula um chefe de carro a comunicar-nos que uma granada atingiu viaturas que seguiam para o parque de transportes. Um morto, dois feridos de outra companhia portugueza que partilha o nosso acantonamento e ha-de partilhar o nosso sector. Começo a dividir e a ordenar a minha gente. Continua o fogo alemão. A noite vae caíndo e aproxima-se a hora. Surge de *camion* uma banda de musica ingleza e, quando os primeiros grupos se põem em marcha pela estrada bombardeada, rompe a *Portugueza*. Momento impressionante. Officiaes e soldados inglezes vêm desejar-nos boa sorte.

Os grupos marcham espaçados, mantendo as distancias, conduzidos por guias ingleses. Um pouco antes da barragem cortamos pelo campo perpendicularmente á estrada e vamos atingir uma outra paraléla. Vêm-se estalar as granadas perto e, á luz poente, nos campos e perto da metralha, terminam a sua faina agricola os habitantes que ainda permanecem n'esta região. Um grande cavallo preto arrasta um arado sobre o qual se senta, tranquilamente cachimbando, um velho de cabelos brancos. Na estrada junto de nós passam carros de reabastecimento. A' nossa esquerda uma bateria escondida n'um arvorêdo, riposta ao fogo alemão. A certa altura fazemos alto para colocar em posição as mascaras contra os gazes asfixiantes. Continuamos a marcha e não tarda que deixêmos a estrada para seguir um caminho coberto á margem déla. Estamos já na terceira linha ingleza e vamos pisando as passadeiras de madeira de

que havemos de calcar quilómetros. Tornamos a atravessar outra estrada e entramos finalmente numa trincheira de comunicação. E' então uma longa, interminável marcha n'um corredor onde só cabemos a um de fundo e que de cinco em cinco metros muda constantemente de direcção. De quando em quando a trincheira alarga e tem uma banquêta. O sol dos últimos dias ainda não secou toda a agua do inverno e, na escuridão, succede fugir-nos um pé da passadeira e enterrarmo-nos na lama até ao tornozêlo. Passam alguns ratos galopando assustados. Sobre as nossas cabeças o ceu é cheio de estrelas e, em volta de nós, as metralhadoras pesadas procuram com o seu tiro indirecto ir apanhar nos caminhos descobertos, a esta hora classica de render os serviços, os grupos de homens que passem por acaso. Estamos chegando á segunda linha e ahí os grupos vão ficar distribuidos pelos abrigos e pelos postos ingleses. Um dos meus pelotões segue para a primeira linha. Mais trincheiras sempre eguaes. Um sargento inglez, a certa altura, detem-me e, com um gesto, diz-me numa mescla de inglez e mau francez :

— "*Captain ! Promenade avec moi. . .*"

Sigo-o. Caminhamos dez minutos ainda. Chegamos a um terraplêno. Cortamos á esquina de uma rua—*Hun's Street*—e paramos defronte de um abrigo que tem uma taboleta á porta: "*Right company. Commanding officer.*" Estou num posto de commando de companhia. Baixo-me para entrar. A' luz de duas vélas, dentro d'um casinhoto de tres metros de largo por outros tantos de fundo, dois olhos claros me sorriem n'uma face rosada e moça, uma mão solida se estende para a minha e uma voz alegre com um forte sotaque britânico saúda-me :

— “*Bonsoir, Monsieur.*”

E' o *captain* Gleen de um batalhão, que usa o nome de dois belos condados inglezes. Fala a *very little* de francez. Eu falo outro tanto de inglez. Havemos de nos entender perfeitamente. Num canto da caverna está, dobrado em varias partes para poder caber, o alferes Robinson. O capitão tem vinte e quatro anos. O alferes vinte e um. Ambos dois anos de guerra e presentes no Somme o ano passado. Perguntam-me se jantei. Passados cinco minutos estou jantando. Apenas corta o silencio de vez em quando o tic-tac sêco das espingardas automáticas e das metralhadoras. Conversamos. E' a primeira vez que o capitão Gleen tem tropas portuguezas no seu sector de companhia e explica-me que os meus homens já estão todos distribuidos pelos varios postos e farão todos os serviços dos soldados inglezes. Tomado o chá e acêso um cigarro, peço para percorrer as trincheiras e ver a minha gente. E' cêdo ainda; a ronda do capitão começa á meia noite e são onze, se tanto. Examino então no mapa das trincheiras a disposição do sector e o meu camarada indica-me a posição dos postos especiaes, o raio de ação dos postos de observação, o campo das nossas metralhadoras. O chão que pisamos é historico. Em 1915 travou-se n'este local uma grande batalha. As nossas trincheiras serpenteiam atravez das ruinas do que foi uma pequena e linda cidade¹ da qual não restam senão montes de pedra e de tijôlo e algumas paredes ainda de pé, onde se organisaram abrigos e postos.

Chegou a meia-noite. Saímos e começamos a caminhar, a caminhar. De longe em longe, tabolêtas. As trin-

¹ Neuve Chapelle.

cheiras têm nomes, alguns dêles ilustres : *Oxford street*, por exemplo. Cortamos a *Church-road*, ao caminho da Igreja. Da igreja da cidade resta apenas um monte de escombros e o Cristo de um cruzeiro que já andou em ilustrações e *magazines*. Alguns santos, uma Virgem, estão postos sobre campas de soldados inglezes. No que foi em tempos, um pequeno *chateau*, está um ninho de metralhadoras. Desço ás escuras uns degraus. Sobre o cano negro das armas debruça-se a vigilancia dos serventes e, por uma estreita abertura, vê-se o campo muito claro e, lá adiante, a trezentos metros se tanto, a linha de trincheiras alemãs. Outras vidas ali palpitam, outros olhos nos espiam e nos espéram. Para a nossa direita retumba um morteiro de trincheira depois de se ouvir o silvo muito especial do projectil. Caíu perto, muito perto, na nossa primeira linha, diz-me o capitão. Esperamos. Outras detonações, sete num quarto de hora. Algum sinal tiveram na trincheira fronteira que lhes indicou um objectivo. Proseguimos. Colhemos informações. Os projecteis caíram mais adiante. Espreito nos abrigos. Os meus soldados lá estão e aqueles a quem não cabe a vigilancia dormem tranquilamente ao lado dos seus camaradas. Cruzamos mais adeante fachinas inglezes e portuguezes condusindo chá quente. Indago. Andaram debaixo de fogo. Chegamos finalmente ao posto bombardeado. Um tenente de ronda conta que os morteiros caíram em volta. Um acertou num charco ali visinho e encheu-o de lama. Mostra-nos o seu uniforme todo salpicado. Pergunto que tal se portaram os meus soldados adidos ao posto.

— "*Splendid ! Very well ! No panic . . .*"

Entrevisto a minha gente.

— "Ah ! meu capitão ! Eles mandaram aí umas *garrafas de litro* ; mas cá a gente não *cortou prego* . . .

A quem queira fixar o portuguez da zona de guerra, direi que os projecteis eram então divididos, conforme o tamanho, em *barris de almude, garrafas de litro e copos de meio litro*. *Cortar prégo* ficou sendo : ter medo.

Sorrio satisfeito. E' a primeira vez que os meus soldados, como eu de resto, estamos tão em contacto com o perigo. A experiencia é satisfatória.

O capitão segue de mãos nos bolsos e cachimbo na boca. A certa altura pergunta-me se quero sair da trincheira e ir, em campo aberto, a um posto de escuta colocado numas ruinas. Respondo-lhe que irei onde êle fôr. Caminhamos atravez da noite clara uns cincoenta metros. Dois homens apenas cabem no abrigo que só é occupado de noite. Espreitamos^o pela vigia. Na nossa frente á luz do luar temos um bosque, cuja historia singular e tétrica o capitão me conta com toda a sua fleugma. Voltamos para as trincheiras e, após duas horas e meia de marcha, tendo pisado quilometros de passadeiras, conversado varias vezes sentados, para descansar, sobre banquetas desertas, regressamos ao posto de comando. Ha duas camas: rectangulos de madeira sobre os quaes se estendeu rêde de arame e que assentam a tres palmos do chão sobre caixotes. Deito sobre mim o meu capote, o capitão enfia-se no sacco da sua *valise*, apagam-se as vélas depois de uns goles de *whisky* e adormeço dali a pouco, admirado de ter sôno.

* * *

Quarta-feira, 2 de maio. Acordo pelas sete horas da manhã. Sento-me sobre o meu leito de campanha, pounho em movimento as articulações e vejo, a um palmo do nariz, um prato onde uma talhada de presunto fraterniza com um ovo estrelado. E' o *first-bréakfast*, que um tenente me estende. Devoro-o, bem como uma tapioca com assucar que sobrevem, regando-os com optima cerveja. Uma chavena de chá, umas torradas, uma cachimbada de tabaco louro e o dia começa. Cá fora da tóca o sol está esplendido. Passaritos cantam no terra-plêno, soldados inglezes fazem a barba e nós officiaes procedêmos á nossa *toilette*. Nunca, nem mesmo nas trincheiras, um subdito de Sua Magestade britanica deixaria de se barbear todos os dias. Barbeiam-se de cór, sem espelho, com navalhas ageis e delgadas que passam como uma caricia sobre péles maravilhosas de frescura e de cór.

Dali a pouco partimos para a ronda da manhã. O mesmo itinerario da véspera; mas agora á luz clara do sol. Reconheço locaes entrevistos de noite, cruzo a cada passo os meus homiens, que andam, de parceria com os seus camaradas, fazendo a limpêsa das trincheiras, esgotando agua á bomba, cavando regueiras, concertando parapeitos, isto emquanto outros nos postos de serviço entretêm o tempo limpando as armas. A disposição dos meus rapazes é excelente. Encontro-os a conversar no melhor portuguez com os inglezes que os escutam muito sérios e como se entendem não sei. Ha frases que ouço a meúdo :

— "*Quand guerre finish, bonne !* dizem os inglezes.

—“*Yess ! yess !* respondem os nossos.

—“*Boches, pas bonnes...*

—“*Yess, yess,* concordam os portuguezes.

De vez em quando um soldado inglez toca no braço dum soldado nosso e diz-lhe :

—“*Came on ! Promenade !*

E lá vão os dois a uma fachina qualquer. Pergunto aos meus camaradas britannicos que impressão têm dos nossos soldados. Em cada posto peço ao capitão que consulte os seus sargentos e cabos. E, felizmente para mim e para honra de Portugal, a resposta é sempre a mesma.

—“*Solids ! Bonnes !*

Direi mesmo que para cavar e dar á bomba um portuguez vale bem dois inglezes. Quanto á sua serenidade sob o fogo, basta que registre o espanto de um sargento inglez, que não podia perceber como, na ocasião do bombardeio, os nossos soldados saíam dos abrigos para ir espreitar por cima dos parapeitos.

—“Para ver donde elas vinham, meu capitão”, explica-me um dos rapazes.

No fim da nossa ronda palmilhamos mais um kilometro de trincheiras e chegamos ao posto de comando do batalhão. Aí, como sempre, o major e o comandante da brigada, que ali veiu de visita, me acolhem com toda a gentilêsa. Dentro da zona ingleza ha cerveja, cigarros e tabaco para cachimbo permanentes. O brigadeiro e o major indagam do capitão o que se passou de noite e pedem noticias dos portuguezes. As companhias que me precederam deixaram boa impressão e a minha não desmerece da opinião formada. Visitamos o posto de socorro, primeiro escalão de assistencia médica. Ha um

major medico curiosissimo, falando admiravelmente o francez e que passeiou o seu nariz exorbitante por Gallipolis e pelo Egypto antes de vir para França onde se sente felicissimo, sem querer largar o serviço das trincheiras. Fala-se da duração da guerra. "*Acaba este ano*", dizem todos.

O general diz-me que os portuguezes devem ser bons soldados. Respondo-lhe que a historia da Guerra Peninsular, alem de outros documentos, é garantia das qualidades militares da nossa raça. *Shake hands* fraternal e aliado, cerveja, cigarrada...

Regressamos, o capitain Gleen e eu, ao nosso abrigo e já é hora de nova refeição. Continúo com um apetite admiravel. Um sargento informa-nos de que não ha novidade. Apenas a artilharia continúa o seu duêto. Sobre as nossas cabeças passam silvando granadas que, segundo consta, vão escavaçar o acantonamento de onde saímos hontem. Um aeroplano inglez tenta voar sobre as linhas alemãs. Fazem-lhe uma barragem aérea e ele brinca, volta sobre as asas, sig-zagueia até voltar para trás. Faz calor e o *captain* senta-se á chineza sobre a cama e começa a escrever uma carta á que ha-de ser M.^{me} Gleen, *peut-être, après la guerre...* Tiro do meu sacco *La philosophie de Georges Courteline* e leio algumas saborosas paginas. Pela porta aberta do abrigo, emquanto o sol escalda cá fóra, passam soldados inglezes e portuguezes e busco adivinhar as preocupações d'estes. Vejo-os serênos, girando n'aquela dédalo de caminhos enterrados como se estivessem n'uma parada de quartel, insensíveis ao perigo que nos ameaça em cada segundo. Chamo um e outro. Que tal? Contam a rir as suas impressões, emquanto os *Tommies* em volta escutam interessados.

Ao cair da tarde recomeça a musica das metralhadoras. Os caminhos da rectaguarda e os da segunda linha principiam a levar a sua conta. E' a pesca cega ao homem, milhares de projecteis desperdiçados para apañhar uma vida aqui, outra alem. E' a morte a entreter-se emquanto não chega a hora dos grandes golpes de fouce.

Entramos na segunda noite. O capitão Gleen já sabe a minha vida e eu já sei a d'ele. Era *chémist* antes da guerra e tenciona deixar o exercito mal ela acabe. Sabendo que ha-de figurar numa crónica minha, pede que lhe envie o jornal. Quer alem d'isso no seu livro de guerra um autógrafo meu em francez. Escrevo este pensamento lapidar : — "*Les boches sont des cochons et le capitaine Gleen est un frère.*" Vamos dar outra volta. Ao atravessarmos um caminho da B. Line, crepita ao longe uma metralhadora ; sobre as nossas cabeças, na rama das arvores, silvam as balas. — "*Pas bon !*" — exclama o meu companheiro estugando o passo até ao través mais proximo. Ha socêgo relativo na linha. Apenas um morteiro de trincheira caíu cerca de um abrigo deserto e uma *équipe* que tentava ir colocar arame farpado teve de regressar. Os meus portuguezes que a acompanhavam voltam furiosos por terem sido descobertos.

Vamo-nos deitar. De tempos a tempos um official ou um sargento de ronda vem fazer o seu relatório. No meio da noite acordo. Um rato dança o *cake-walk* sobre a minha barriga.

— "*What is this ?*" pergunta o capitão, que está acordado. Explico-lhe do que se trata.

— "*No comfortable,* diz-me ele na escuridão.

Readormeço passados instantes.

Quinta-feira, 3 de maio. A madrugada foi agitada. Não sei que mosca mordeu aos nossos vizinhos de frente. Sem que os provocassemos, sem que lhes fizéssemos o mínimo *straff*, como se diz em calão de trincheira, enviaram-nos vários morteiros, matando um soldado portuguez da companhia pegada á nossa, ferindo outro. Da minha gente só um homem teve um dêdo levemente pisado por uma trave que desabou. O morto foi recolhido a um abrigo. A' noite o enterrarão. O estilhaço furou-lhe o capacête na junta da aba e entrou-lhe pela têmpora. O ferido não tem gravidade.

Faço a minha ultima ronda. Páro cerca d'um abrigo de metralhadora para ler uma curiosa tabolêta. Tem o abrigo o nome de uma grande *gare* de Londres: *Charing-Cross* e a tabolêta anuncia que dali partem a qualquer hora tiros expressos nas direções de*** e de***. E' com estes traços de humorismo simplista que os soldados buscam espalhar o aborrecimento especial da vida das trincheiras a que os francezes chamam *avoir le cafard* e para o qual, os nossos soldados crearam de começo uma expressão que se não generalizou: *comer graxa*.

Um general inglez visita o sector. Passa cercado ou, para melhor dizer, seguido de um cortejo de officiaes. Acha bom aspecto aos portuguezes. Das suas observações de serviço resulta que um tenente coronel vem ao posto de comando onde estou hospedado fazer uma *teoria* aos officiaes no tom mais amêno e sorridente, fumando e bebendo.

Chega a ordem para a nossa retirada. Pelas tantas da tarde os postos serão rendidos, a concentração far-se-ha

gradualmente em determinados pontos e saíremos, como entramos, em pequenos grupos, por uma trincheira a que por homenagem se poz o nome de uma formação india completamente aniquilada neste terreno na batalha ha dois anos.¹

Aproxima-se a hora de me separar d'este camarada encantador que foi o capitão Gleen e dos seus subalternos que fraternisaram com os meus de maneira a deixar-lhes profundas saudades. Chegam os guias que nos hão-de levar ao nosso acantonamento primitivo. Apesar do bombardeio ainda está habitavel. Formam no terraplêno os primeiros grupos. Pelo telefone pergunta-se a hora do quartel general da brigada. Acertam-se os relógios. No momento marcado, sae o primeiro troço. Tem começado pouco antes o concerto do costume. Por fim com o ultimo escalão, saio eu, apoz uma affectuosa distribuição de apertos de mão áqueles camaradas que talvez não torne a ver.²

Seguimos em sentido inverso o caminho que nos trouxe. Já passada a ultima linha, recompõem-se os pelotões. A companhia chega por fim ao seu estacionamento. As granadas deitaram umas casas abaixo e mataram dez inglezes na barraca onde ha duas noites dormiram dois dos meus officiaes. E' noite fechada. Faço a pergunta sacramental :

— "Falta alguém ?

Na minha vida militar tenho-a feito alguns milhares de vezes. Nunca me impressionou tanto a resposta que

¹ Baluchi trench.

² Da officialidade desse batalhão escaparam na terceira batalha de Ypres, três meses depois, o comandante, o medico e um aféres.

os meus comandantes de pelotão foram dando sucessivamente :

— “Não falta ninguém.

Destroçados os soldados, entramos na *mess*. Camaradas do exercito de Jorge V fumam e bebem. Primeira pergunta :

— “*Avéz-vô mangé ?*”

Tres segundos depois estavamos a jantar.

Estaminets

Nesta região da Flandres, onde no mez de maio os lilazes ladeiam as estradas e a perder de vista, sem uma encosta, sem uma elevação, se estendem para um e outro lado os campos lavrados e semeados, cada porta, seu *estaminet*. Entra-se, é uma casa de chão de tijolo, um fogão a um lado, um armário baixo de madeira clara e lustrosa, sobre ele alguns santos e imagens, na parêde retratos de velhos glabros e de velhas de coifas encanudadas. Sob uma redôma, sobre o armário, aos pés de um crucifixo, um retrato. E' sempre um rapaz de vinte anos, bigode nascente, forte e paradando sob uma farda: cou-raceiro, artilheiro, infantaria. E' o filho ou o néto da casa morto ha alguns meses em Verdun ou ha tres anos no Yser ou no Marne. No compartimento ao lado mêsas e bancos, um balcão. Ali se vende uma triste cerveja, agua suja, que os ingleses não consentem que se venda outra de maior grau alcoolico. A filha ou néta, rapariga de olhos claros, de um louro de espiga sêca, serve e conversa nesta lingua de guerra com que se entenderam os ingleses durante seis semestres e agora se vão entendendo os portuguezes.

A' medida que se caminha para o *front* os *estaminets*

acompanham-nos e parecem crescer em numero. Nos cruzamentos de estradas, junto aos fossos onde a agua verde dorme ao sol, surgem, vermelhos nos seus muros de tijolo, de um só pavimento, com cortinas nas janelas e vasos de flores encarnadas sem perfume a alegrarem os humbraes e as cantoneiras.

Na soleira da porta a neta loura, de um louro de espiga sêca, o velho glabro, a velha da coifa em canudos, vêm passar o batalhão. Mais um que passa... Tem passado tantos ! Por veses um permissionário francez, com o barrete de policia á banda, o capote azul horisonte desapertado, encostada a bicycléte á portela da hortasita circundante, mira-nos com o cachimbo ao canto da bôca e o sorriso de quem viu as horas mais terriveis da chacinha e da catastrophe.

Sobre as portas as tabolêtas e vamos lendo os disticos afaveis e convidativos: *A' sahida do bosque*, *Ao "rendez-vous" dos caçadores*, *Em frente da "mairie"*. Alguns inspiram-se nas flores: *"Au coquelicot"*, *"A' la marguerite des bois"*. Outros evocam guerras que hoje nos parecem conflitos de soldados de chumbo: *"Au vétéran de 70"*, *"Au zouave de Solférino"*. Ha-os humoristicos: *"A l'ennemi de la soif"*, *"Au bon moment"*. De longe em longe homenagens a cidades proximas *"A la ville de Saint-Omer"*, *"Aux amis de Béthune"*. Por baixo da divisa, o nome: *un tel, débitant*. Fica-se scismando onde haveria antes da guerra fregueses para tantas locandas. Agora compreende-se que elas tenham surgido ás dezênas. Ha sempre por estas estradas soldados que passam, a pé, a cavallo, de bicycléte ou de moto, em ambulancias e *camions* e ninguem tem mais sêde do que um soldado.

Na zona dos acantonamentos os melhores *estaminets* são *mess* de officiaes e de sargentos. Outros tem um piano mecanico e, á tarde, os soldados de Portugal vão para ali curtir a nostalgia da sua aldeia distante ouvindo a maquina desafinadissima, fazendo durar o copo de cerveja e galanteando a moça, que a meudo tem de exclamar: "*Pas compris*," ou de empregar as primeiras palavras de portuguez que as mulheres de França aprenderam: "Esteja quiéto" . . .

Para lá dos acantonamentos de apoio, a caminho para as trinchas, na linha das nossas baterias e sob as granadas, em certas ruinas utilizadas para depositos ainda se vêem vestigios de tabolêtas e de letreiros. Mas de todos os *estaminets* da Flandres francesa, o que mais me encanta e que eu desejaria que ficasse para todo o sempre como está, é aquele pelo qual teremos de passar vezes sem conto á ida e á volta das trincheiras. Uma casa de tijolo como as outras. Metade não existe. As traves do tecto cortadas por um bombardeamento. As telhas quasi todas'ausentes no angulo que ainda ficou de pé. Lá dentro uma velha dormindo sob um alpendre de folhas de zinco coberto de sacos de terra. Em volta todo o chão crivado de cratéras de granadas e a estrada cada dia reparada pela engenharia para que não deixem de passar os carros dos transportes. De vez em quando a velha vae com um carrinho que ela puxa de sociedade com um cão, buscar um barril de cerveja á aldeia mais proxima. Os soldados entram de fugida e ás vezes têm de largar o copo porque um trabalho de contra-bateria *boche* está tornando a paisagem pouco serêna.

E' sobre a porta daquela ruína, onde uma velha agar-

rada á sua casa ha-de morrer qualquer dia de uma grana-
nada que lhe escavaque o que resta do seu pouco bem,
uma tabolêta que é o meu encanto pelo que exprime
nas horas que passam: "*A' la tranquillité*".

Um almoço no «front»

Ao Tenente Harrowsmith, do exército britânico.

São onze horas da manhã. Vamos lá almoçar, meu amigo. Deixa-me só passar as mãos por agua dentro de esta lata de bolachas e esfregal-as com um pouco de pedra pomes, visto que a noite passada dois ratos se engalfinharam por causa do meu sabonête, acabando por leval-o.

Cautela! Curva a cabeça. A porta é muito baixa. Deixa despedir-me com um olhar do meu oratório — tres retratos: o de minha mãe, o de minha mulher e o de minha filha — que está sempre florido, mesmo nestas regiões “insalubres”, como lhes chama um capitão inglez adido ao nosso batalhão. Tomêmos esta trincheira á direita. Esta sinêta? E' a que nos ha de dar o sinal dos gazes asfixiantes. Oh! Co'a breca! Lá me esquecia a maldita mascara. Assim que posso pendurar esse horroroso apetrêcho é um tal alivio!

Sempre em frente, sim. Aqui o *em frente* nunca dura mais de cinco metros. Para variar saltemos fóra e tomemos este *covered way* encoberto pela folhagem, onde cantam os passarinhos. Não. Este assobio não é dum melro. E' o silvo d'uma granada, que vae muito alto, para muito longe, uma "ordenança para a brigada", como dizem os soldados. Atravessamos a ponte. Vês aquele monte de ruínas? E' a *mess* do estado maior do batalhão. Subamos estes quatro degraus. Casa singular esta em que se entra pelas janelas! Agacha-te. Ha outros quatro degraus a descer. Introduz-te entre essas duas columnas que suportam o templo e que fazem um tão extravagante centro de meza. Senta-te aí.

Como vês, a meza está posta com certa elegancia: tem toalha, lilazes em profusão — são a flôr do tempo e da região — e essas latas vãs de *Corned beef* logo á noite, guarnecidas de vélas, serão esplendidos candelabros. Antes de te lembrares de que em Lisboa porias um guardanapo, repara no local. Herdámo-lo dos ingleses. Um artista, que talvez esteja morto a estas horas, recortou de ilustrações comicas as figuras precisas para pôr sobre aquele armário um friso de humorismo.

O fogão está desmantelado. No lugar do espelho, que sobre ele assentava, está um *Trench-map*, um mapa de nosso poiso, explicar-te-ia eu, se não falasses inglez.

E agora levanta os olhos. Vês lá em cima, onde as suas vigas de suporte encontram o tecto? Dois ninhos de andorinha. Elas aí vêm. Entraram pela porta janela, e uma traz uma palhinha no bico. Muito negras com o peito muito alvo... A convivencia exterior com os ingleses habituou-as a não vir ás refeições senão de casaca

e de colête branco. Estas avesitas, vindo acoitar o seu amor e fazer o seu lar n'estas ruínas de uma casa desfeita pelas granadas numa das mais sangrentas batalhas de ha dois anos, entrando e saíndo por uma janella que alumia frouxamente creaturas que aqui estão para derramar o seu sangue ou o dos outros, para dar ou receber a morte, são, como os lilazes da meza, um tão curioso contraste, não é verdade? Sem duvida o mesmo artista que recortou as silhuêtas do friso pregou com dois alfinetes, n'uma das vigas, o retrato de Carlyle, o poeta dos heroes.

Mas atenção! Os impedidos chegam com o primeiro prato. Desculpa, meu caro, o menu; mas *c'est la guerre*. Começaremos por umas sardinhas de lata, que mandamos frigir. E as batatas fritas? Vêm ou não?

Oh! Desculpa! Não te apresentei ao teu visinho da direita. E' o tenente interprete do batalhão, o subdito de Jorge V mais alegre que tenho visto. Ha tres anos quasi, quando rebentou a guerra, ele e mais quarenta rapazes do seu club de *foot-ball* alistaram-se no mesmo dia. De quarenta restam quatro n'este maio florido de 1917. Foi soldado para a Palestina e hoje é official ao nosso lado. Fala intelegivelmente o portuguez por ter vivido dois anos em Lisboa e, quando digo que fala o portuguez, antes deveria dizer que o malvado fala calão alfacinha. E' preciso ouvil-o dizer, com os seus olhos azues muito alegres, os seus trinta e dois dentes ao léo, que a guerra é uma *tchatiee*.

Vaes ver que companheirão! Ora, já estão a conversar e tu ris como um perdido! Agora chegam umas talhadas de presunto ladeadas de ovos estrelados. Se entornas algum, desgraça-nos. Vêm de cinco quilometros

e custam oitenta centimos cada. Um copo de cerveja? Repetes o presunto? Vê lá! Ao menos não repitas o ovo! Um pouco de doce de lata? Limão e melão? Ananaz? Preféres uma chavena de chá com leite condensado? Seja.

É agora acende um *Flag*, um *Volunteer* da ração, ou pesca na cigarreira daquelle alferes, que gasta toda a sua subvenção em extravagancias, um *Abdulla* das cantinas inglezas.

Emquanto tu cavaqueias com os visinhos, eu miro as nossas andorinhas. Uma, no seu vôo incerto, á procura da janela, quasi roçou por um dos ramos de lilaz e eu fiquei a pensar que, tendo a pobresinha feito o seu ninho por cima duma das ventarolas contra os gazes asfixiantes, basta que haja um alarme sério para que essa infernal, asquerosa, estúpida invenção de uma *kultur*, que pretendia substituir o espirito do mundo inteiro, destrua esta linda cousa que se chama um ninho. O que é o melro do Junqueiro, victima de um padre cura de aldeia, comparado com este passarito ameaçado por toda a ciencia de um povo?

Tu continúas rindo com o *baraguoin* do nosso interprete? Mal dirás tu que esse maráu, respirando vida e saude por todas as bochêchas da sua cara escanhoadisima, depois de ter trabalhado o dia todo como um mouro na ardua tarefa de nos auxiliar a provêr de ordens, de munições, de rações e de agua um batalhão em pé de guerra, todas as noites, quando chega ao seu abrigo e antes de se deitar em cima do seu catre de rêde, ajoelha devotamente sobre um saco de linhagem, dos muitos milhares de sacos que neste territorio florescem á flor dos parapeitos, e reza, não por ele que não pensa

na morte, mas *pelô Inglaterra* e por seu irmão *piquinino*.

Está terminado o almoço. Has-de concordar que a mil e setecentas jardas da linha de frente, sob uma abobada de granadas vindas de lá e idas de cá, quasi á beira d'essa "terra de ninguém," — *no man's land* — como pitorescamente chamam os nossos alliados á estreita faixa de terreno compreendida entre o nosso *front* e o dos *boches*, não se podia almoçar em melhor disposição. Depois, meu velho, aqui a vida é difficil e cara. Em compensação, a morte é facil e barata.

A terra de ninguém

*Ao cabo Gaspar, do pelotão de observadores
do meu batalhão.*

Passou-se a segunda linha, a *B line*, e vae-se descendo pela trincheira de comunicação. Por fim, um entrincheiramento perpendicular. E' a primeira linha, aquela para onde nos conduzem as varias sétas das tabolêtas: *To the front line*. Ha no nosso coração um sobresalto. Vamos ver o *boche*. E, subindo á banquêta, aconchegando para a testa o capacête de ferro, espreita-se por cima do parapeito. Logo defronte do nariz a silva do nosso arame farpado e, mais adeante, uma linha de terra mais erguida: é a trincheira de Fritz. Lá está ele finalmente. Entre a nossa linha e a sua um terreno vago, cavado de cratêras, nesta altura do ano cheio de hervas e onde teimam em medrar alguns arbustos. E' a terra que nem é nossa, nem do inimigo, o *no man's land* dos inglezes, a terra de ninguém. Os *poilus* de França encontraram para a designar um têrmo de um alto pitoresco. Chamam-lhe *le billard*.

Nos intervallos das offensivas, nos mêses interminaveis da guerra puramente de trincheiras, é na terra de ninguém que se trava toda a luta de infantaria. De dia é

serêna. Mirada dos postos de observação é uma tranquila faixa de terreno, onde a vegetação ondeia ao vento. De longe em longe, a certas horas da tarde, levanta-se néla, após um estampido longinquo e um silvo rapido, um *jeyser* de terra. E' uma granada de regulção de tiro, que procura os arames om referencia ás primeiras linhas.

Mas a noite cae e então a terra de ninguem é cheia de mistérios, povoada de perigos que se não vêm. Cada sombra que néla gira é uma patrulha, cada rumor vago que néla se ouve é um inimigo rastejando, e a morte que espreita, a cilada que se prepára. Cautelosos, aproveitando a escuridão da noite, saem os grupos, que vão trabalhar no reforçamento do nosso arame ; antes sahiram as patrulhas de proteçção que cobrem o trabalho com a sua vigilancia e, rasando as hervas, batendo o arame, cortando a aresta do parapeito começam a passar as rajadas das metralhadôras *boches*. Ao primeiro tiro todos se deitam, se acachapam. Os felisardos, que poderam instalar-se num funil de granada, sentem passar o sibilar importuno com relativa tranquillidade. Os outros colam-se á lama do chão e cobrem a cabeça com as mãos. A metralhadôra cala-se e, lentamente, evitando o menor ruido que fixe a atençção do visinho defronte, todos se erguem e o trabalho recomeça para cessar d'ali a pouco interrompido por outra metralhadôra que estala mais acima e cujo léque mortifero se abre e se aproxima.

De repente, entre as sombras que trabalham e as sombras que espreitam, outras sombras se insinúam, deslisam, rastejam. E' uma patrulha de reconhecimento. Vae ao *boche* ver o que ele faz, verificar se ha um ponto fraco no seu arame por onde se possa tentar uma in-

cursão. Os homens seguem em linha ou em bicha, parando de vez em quando para manterem a ligação por meio de signaes quasi imperceptiveis. Tem um itinerário marcado e pontos de referencia para a sua marcha; um drêno, uma velha trincheira desmantelada, uns restos de arvores derrubadas. A' medida que se afastam da nossa linha para se aproximarem do *boche*, as sensações augmentam. Fritz tambem deve andar por fóra. Ha um certo tempo que as suas metralhadôras de primeira linha estão mênos activas e lança menos foguetões. E' de presumir que tenha deitado patrulhas e, como a terra de ninguem, por mais revolvida que esteja, por mais floresta virgem que pretenda ser, tem os seus carreiros, os seus caminhos, passagens obrigadas em certas depressões maiores, é preciso evitar que a ronda se encontre desprevenidamente com a injustiça. Seria excelente poder colher um *boche* menos cauteloso, envolver a patrulha toda seria magnifico; mas é pessimo para a saude o rebentar inesperado de uma granada de mão teutonica e eles são mestres em ardis e embustes e ninguem os eguala na paciencia de esperar horas seguidas um en-sejo feliz. Uma sombra, que se move de repente a alguns metros, faz suspender as respirações, amarfanha os nervos. As mãos procuram as "Mills," nos cintos de linhagem, apertam-se os fustes das espingardas, alguns abrem as navalhas. A sombra ficou imovel. Terá ouvido alguma cousa tambem? Decorrem segundos que parecem seculos. De subito um *very-light* sobe no ar e ilumina todo o campo durante alguns instantes. A sombra era uma moita de verdura que o vento fazia mover e, quando o fogacho iluminante se apaga, respira-se fundo e continua-se a rastejar.

* * *

A terra de ninguem tem os seus heroes, as suas tragedias, as suas anedoctas. Conheci incidentalmente um official néo-zelandez, creatura dos seus trinta anos, caréca como um pêcego que o seja, com as duas mais belas cruces ao peito: a de Victoria e a Militar, uns olhos verdes tranquilos e um arcabouço de athleta. Todas as noites, depois de jantar e do *whisky* tradicional, ele calçava as suas botas de borracha, vestia uma combinação impermeavel, punha á cinta um punhal e tomava de uma móca cravejada de grossos prégos. E, sósinho, descia á primeira linha, assobiando um *rag-time*, prevenia os postos de que sahia e ia passear para o *no man's land*. Conhecia o do sector como os seus dêdos e, como um caçador se põe á cóca das lebres numa encruzilhada onde elas saltam, instalava-se por lá em sitios que ele sabia os melhores, á espera do *boche*. Umas vezes voltava com um prisioneiro aturdido pela sua mócada certa, outras dava ao *private*, seu impedido, o facalhão a limpar. E cultivava aquele *sport* com a mais britanica das fleugmas, com uma grande independencia de pessoa que só gosta de fazer o que lhe apetece.

Quantas patrulhas partiram para a terra de ninguem que no regresso e ao fazer-se a chamada, constataram que lá ficára perdido um da malta! Quantos desses transviados não voltaram mais ou porque fossem prêsa do *boche* ou porque, perdidos, desorientados, não sabendo já reconhecer a direcção do regresso e tendo-se afastado dos camaradas, foram por seus passos meter-se nas mãos do inimigo!

Em certas noites a terra de ninguem animava-se de

sûbito. Sentiam-se estalar granadas de mão. Duas patrulhas se tinham encontrado e advinhava-se na escuridão o corpo a corpo, a lucta feroz e sem quartel. As duas linhas iluminavam-se de fogachos, sahiam reforços, angustiosamente se esperava a chegada de um dos combatentes para contar da refréga. Outras vezes o *boche* chegava aos nossos arames, buscava uma entrada para surpreender uma sentinela e era o alarme correndo a linha toda, as *Lewis* fazendo um fogo infernal, as granadas de espingarda silvando e estoirando.

Quantas tragédias degeneravam tambem em comédia! A terra de ninguem era o salão de exame. Era ali que se conferiam patentes e tiravam atestados. A quem vos disser que esteve nas trincheiras perguntem se foi á terra de ninguem. Uma patrulha que voltava de fóra dizia certa noite ás sentinelas do parapeito: — “Vocês, como estavam aqui muito descansados na primeira linha...” Quantos, ao sahir o arame, no cumprimento de uma ordem, suposeram não voltar mais e se despediram da vida e deste triste mundo.

...De certa vez, num grupo que lá andava, notou-se que faltava um soldado. Perdera-se sem duvida e tratou-se de o procurar. Rastejaram uns para a direita, outros para a esquerda, fizeram os convencionados signaes. Tudo baldado. O homem desaparecêra. Era preciso voltar e tornaram para traz. De subito, da linha lançam um foguetão iluminante e todos se lançam, barriga no chão, imoveis á beira duma cratéra bastante funda. A' luz branca do *very light* que hão de descobrir os da patrulha no fundo do buraco? O desaparecido, transido de pavor, que, ao ver surgir á beira do seu esconderijo aquelas cabeças e tomando-as por *boches*, para evitar

desgraça de maior, já ia erguendo os braços e balbuciava numa voz molhada e no *patois* da guerra :

— "*Camarade portugais bonne !*„

... A explosão de uma mina cavára na "terra de ninguém„ do meu sector uma cratera formidável de vinte metros de diâmetro. Os *boches* tinham-na ligado á sua primeira linha por uma sapa e nós fizemos o mesmo. Em cada sapa se mantinham postos e, assim, de quando em quando, surgiam de cada lado cabeças curiosas espreitando reciprocamente. No começo do inverno de 1917 foram distribuidos aos nossos soldados pelicos e ceifões alemtejanos e certos janotas de trincheira consideravam os suprasumo da elegancia usarem os seus agasalhos com o pêlo de carneiro para fóra, o que lhes dava um aspecto curiosissimo. A primeira vez que os *boches* viram circular na sapa aqueles peludos adversarios, o pasmo foi tal que todo o dia houve na beira oposta da cratera uma fileira de espectadores, até que um Fritz folgasão se lembrou de soltar um "Mê!„ prolongado, que outros repetiram entre gargalhadas.

Vexado, um dos nossos foi contar o caso ao seu cabo, que, sem a menor hesitação, avançou pela sapa e, como os heroes da Iliada insultando-se sob os muros de Troia, bradou de mão na cinta ao *boche* que continuava a facécia :

— "Carneiro será o teu pae, meu grande filho da...„

E, enquanto de lá insistiam no "Mê!„ ironico, attribuía á mãe de Fritz a mais deploravel das conductas.

Nossa Senhora das trinchas

Era uma linda cidadesinha com o seu *chateau*, a sua *brasserie*, uma igreja e um belo Cristo num calvário no cruzamento de duas estradas.

Veiu a guerra. Sobre esse terreno travou-se uma das maiores batalhas, caíram aos milhares os soldados, misturados de roldão os indios e escocezes, os francezes, os argelinos e os *boches* das melhores legiões, das guardas as mais imperiaes. O terreno disputou-se palmo a palmo e um dia as duas linhas estabelecêram-se a cento e cinquenta metros uma da outra, cavaram-se as trincheiras, consolidaram-se as posições. Então procurou-se a linda cidadesinha que ali havia. Tinha desaparecido. Não restavam senão montões de escombros e de tijolos, e de pé, incolume, com uma granada não rebentada incrustada no pé da cruz, o Cristo do cruzeiro.

Passou um inverno, veio a primavera, romperam hervas bravas e flores silvestres por todos os cantos e os homens-toupeiras condenados a guardar aquela meia legua quadrada, sólo sagrado porque nenhum como aquele

se embebeu em sangue humano, porque cada sete palmos de terra cobrem uma cova e os ossos aparecem hoje a cada golpe de picarêta, foram por vezes de rastos explorar as ruínas para lá estabelecerem observatórios ou postos de metralhadoras. Do que fôra a igreja trouxeram Nossa Senhora, intacta como o Cristo e, quando ali entrámos, nós os portuguezes, fomos encontrá-la de pé sobre uma campa humilde marcada por uma cruz e por este distico encantador :

TO AN UNKNOWN SOLDIER

«A um soldado desconhecido».

E ali está, a algumas centenas de metros do seu filho crucificado, aquela imagem sobre cujos dourados pesaram tres invernos de neve, tres verões de sol. tremendo a toda a violencia dos bombardeamentos.

Ela tem visto passar nas noites sem estrelas os soldados que partem, baioneta armada, punhal á cintura, os bolsos cheios de granadas, para as patrulhas das quaes ás vezes não se volta. Viu passar na hora dos contrataques as reservas que seguem, olhos fixos e maxilas cerradas, correndo para a primeira linha, os feridos e os mortos que sobem para o posto de socorros sobre as lonas das macas ou nos braços dos camaradas. Viu, sob os bombardeamentos, aluirem-se os abrigos, voarem as passadeiras e taipaes, obstruirem-se as trincheiras, cortarem-se os fios telefonicos e os soldados colarem-se ao chão dentro das crateras ou dentro das valas, mudarem, correndo e rastejando, de esconderijos, os officiaes rabiscarem ordens á pressa no seu caderno de guerra, as estafêtas partirem sob a tormenta e a calma voltar d'ali

a tempo, contarem-se as perdas, repararem-se os estragos e a vida recomeçar á margem da morte, que ceifará talvez amanhã os que poupou agora. Viu passar os prisioneiros, braços erguidos, mais verdes na face que na vestimenta, convulsos do corpo-a-corpo e duvidosos ainda de estarem para sempre libertos do grande peso dêlo.

E a imagem ali fica. A seus pés, em latas de comestíveis vasiaas, em frascos de *Pickles* abandonados, mãos rudes de soldados põem cada dia essas flores de trincheira, cujas raizes crescem na terra adubada pelo corpo decomposto dos heroes que não houve tempo de enterrar com uma cruz e um distico.

Por um singular acaso poupam-na as granadas. Só o tempo, a chuva, a neve e o sol vão roendo os seus dourados, sumindo as suas côres e apodrecendo a madeira em que foi esculpida por quem não lhe cismou um destino semelhante. O seu sorriso de bondade, aquele sorriso que alumiaava a capella onde outrora estava repousada e acolhia as supplicas dos corações seus devotos, vae desaparecendo da sua face carcomida onde ha salpicos de lama.

Só fica o gesto protector dos seus braços abertos estendendo-se sobre a campa do "unknowned soldier," e tambem sobre nós, soldados desconhecidos da grande guerra.

A lingua do "pas compris,,

Quando os ingleses desembarcaram em França, o governo de Sua Magestade Britanica, forneceu-lhes, alem dum solidissimo par de botas e dum excelente capote, um pequeno dicionário das frases mais usuaes em França. Os ingleses, para beberem *bass* e *stout*, venderam as botas, o capote e déram o dicionário como gorgêta ás meninas de *estaminets* que, invertendo as colunas e o destino do livro, aprenderam a fingir que falam inglez.

Os *tommies* crearam para se fazer comprehender em territorio francez uma lingua especial composta de quinze ou dezoito palavras, pelo qual se tem á maravilha entendido com os indigenas durante os quatro anos de guerra. Os seis vocábulos fundamentaes d'essa lingua são: *pas compris*, *compris*, *no bonne*, *bonne*, *finish* e *tout de suite*.

Um flamengo pilha um escossez de saiote a roubar batatas n'um campo? Furioso exclama em francez ou em *patoís*:

— "Bandido! Ladrão! Vou já queixar-me ao *provost-marshal*...

Com a mais serena das fleugmas, o filho da verde Erin sorri e replica, voltando as costas:

— «*Provost-mars!al? Pas compris.*

Em compensação, se num acantonamento uma velha *madame* leva um Anzac até um fofissimo mólho de palha ao fundo d'um estábulo, êle com o seu melhor sorriso ao léo, exclama:

— «*Coucher! Bonne! Tout de suit...*

Ir para o descanso é *trés bonne*. Ter de sahir do *estaminet* às seis da tarde é *no bonne*. Ter morrido, ter bebido a ultima pinga do copo de cerveja, ter acabado uma tarefa, estar sem um *penny* no bolso, tudo isso é *finish*. A que vinham, pois, os dicionários do governo de Sua Graciosa Magestade?

Escusado será dizer que aos portuguezes desembarcados na Flandres não se distribuíram dicionários. De resto, a maior parte não sabia ler. O mesmo seria entregar uma viola francêsa a um hlpopotamo.

— «Isto é rapasiada que noutro tempo foi á Guiné, ás Angolas, á India e sempre se soube entender, disseram comsigo os desorganizadores da nossa participação.

Os «lanzudos» ao pisar o solo da Galia tiveram pois que tratar de se governar como podessem.

Nos primeiros dias um muito desconsolado escrevia á familia:— «*Nesta terra em que só os cães falam como a gente...*»; mas pouco a pouco lá foram indo. A gente da terra conversava naquella linguagem com os verbos no infinitivo, que usam os palhaços franceses nos circos e os professores do método Berlitz nas primeiras lições:— «*Vous asseoir! Vous sortir!*... O *patois* da Flandres, onde ha seculos correram aventuras hespanhoes e até portuguezes conserva vestigios dessas passagens. Uma vacca é uma «*vacque*», uma cadeira, uma «*caïere*» e quantos outros termos semelhantes. Com isso e com as

desoito nossas palavras da lingua do "*pas compris*," começou Folgadinho a acamaradar com as meninas da região e até com os ingleses. Não era de extranhar o ver *taratas* nossos de braço com *tommies*, passeando e conversando. O quê? Não lhes sei dizer; mas conversavam horas seguidas, faziam negocios em que os ingleses eram sempre explorados e contavam historias que nunca consegui perceber. Com o andar do tempo fizeram-se grandes progressos entre os nossos. Hoje falam francez pelos cotovêlos e até escrevem, benza-os Deus.

* * *

... Um rancheiro entra n'uma locanda d'uma cidadinha da nuca, logo á rectaguarda do *front*. Uma velha *madame* ao balcão.

ÊLE — *Bonjour*, madama. *Compris* panela *oficier manger*?

ELA — *Non compris* panela.

O nosso amigo relanceia o olhar pela loja onde se amontoam todas as cousas que se podem vender, desde o sabão para a barba até aos saca-rolhas e, não vendo uma panela, descreve no ar com um gesto a forma do recipiente que lhe mandaram comprar. A velhota acaba por exclamar: — "Ah! *Compris*," e vae buscar uma bacia de mãos.

— "Panela! *Manger*!" insiste o outro berrando já.

Ela, então, sorrindo e tendo compreendido afinal, vae a uma prateleira e traz uma lata de conserva de pêcego. O rancheiro, não podendo triunfar pela suges-

tão e pela pantomima daquela estupidez irreductivel, tendo já imitado o som duma panela fervendo e feito os gestos de abanar o lume, de provar caldo com uma colher, etc, tem uma ideia luminosa: péga n'um lapis e pinta uma panela num rôlo de papel higiênico para W. C. que está em exposição na montra ao lado duns suspensórios côr de rosa:

— “Ah! descobre emfim a madama. *Une marmite!*”

— “*Yess! Compris marmite! Bonne!*” conclue o rancheiro radiante.

. . . Um soldado vae doutra vez comprar refrescos para uma *mess* de officiaes. Volta com uma garrafa de *grenadine*, que é acolhida com imprecações, pois cada copinho virá a custar os olhos da cára, tal é o preço que por ela pediram ao fachina.

— “Não faz mal, explica este todo senhor de si. A mulher aceita-a outra vez.

— “Tens a certêsa?”

— “Ora essa! Eu cá disse-lhe logo: — “*Se mon officier disê grenadine pas bonne, moi venir á vous e vous donner monny á moi tout de suite.*”

— “E ela o que disse? perguntamos nós ainda hesitantes.

— “Disse: — “*Compris.*”

Trata-se evidentemente de um moço com excepçional pendôr para os idiomas estrangeiros; mas havia muitos assim.

* * *

No francez que os nossos soldados falam, nota-se o vício curioso de se inverterem os géneros. Não se diz senão um *bière*, um *maison*, uma *village*. Um dos meus rapases mandava dizer á menina Rosa que o espéra em Vila Nova de qualquer cousa: — “Está aqui um *madamoisel* a querer saber a quem estou escrevendo. Já me perguntou se eu escrevia ao *mon fiancé*; mas eu disse-lhe que era á *ma frère*„.

Aportuguesáram-se palavras: aquele *chien* que faz mover a roda da manteigueira passou a ser um *chião*, a cama, o *couchi*, etc.

Depois de terem aprendido o inglez, as meninas da região deitaram-se ao portuguez. Não estavam em França ha oito dias e já era vulgar ouvir n'uma loja Folgadinho espremer-se todo para perguntar: — “*Combião, madamoisel?*„ e a locandeira, muito amavel, responder-lhe com um sorriso cheio de convicção:

— “*Un toston et deux vintènes*„.

Hoje ha por lá quem fale muito bem a nossa lingua, tendo começado por aprender a dizer “*un bejû*„ e acabado, como sempre se acaba em taes casos, por entender perfeitamente aquilo mesmo que se não chegava a explicar. E' — como disia um poeta meu camarada — a desforra de Sórora Mariana.

Um enterro

*A' memória de José de Oliveira, 129 da 1.^a,
José Maria Bêcho, 110 da 1.^a e Serafim de
Abreu, 506 da 1.^a, primeiros mortos do
meu batalhão.*

Foi pouco depois de destroçar o "a postos" da manhã. O batalhão tinha entrado na véspera nas trincheiras e pela primeira vez com responsabilidade. A noite fóra uma noite calma do alvorecer de Junho, picada de estrêlas e lavada de luar. Os homens tinham estado ao parapeito, olhos fixos na "terra de ninguem", mal virando a cabeça para responder ás interrogações dos officiaes que rondavam contornando as *bays* e abafando os passos na trincheira de vigilancia. O dia fóra rompendo, toda a guarnição da 1.^a linha acudira aos seus logares na formatura habitual. Dada a ordem de recolher aos abrigos, ficando apenas os vigias de periscópio, aqueles três tinham-se introduzido numa das tócas: meia duzia de sácos de terra sob umas folhas de zinco amparadas por estacas cravadas na lama. Iam ter algumas horas de sôno. Mal se tinham acóchado todos três, surge um importûno. Era um cabo.

— "Sae-te dahi, ó *coiso*. Esse abrigo é meu.

— "Quanto custou ?

— "Eu tenho que ficar aqui . . .

— "Não me parece.

O cabo ainda insistiu. Os outros tinham estendido os lençoes impermeaveis, ageitavam os equipamentos para lhes servir de cabeceira e nem uma ordem do general em chefe os arredaria dali. O cabo ameaçou. Ia chamar o official de quarto. Um dos tres já resonava. Os dois restantes iam a caminho, tendo acabado de assentar os capotes sobre as pernas e enfiado os pés em sacos de linhagem vasio.

Furioso, o cabo abalou em busca de quem lhe atendesse a reclamação. Então, na trincheira *boche* soou uma detonação surda, ouviu-se um silvo especial — *aí vou, aí vou, aí vou* . . . — adivinhou-se no ar a chegada duma cousa tremenda e desageitada, houve um estampido formidavel, voaram pelo ar sacos de terra, pedaços de zinco, fragmentos de traveses. O cabo, que mal tivéra tempo de andar dois ou tres travéses, foi sacudido, atirado ao chão.

Um morteiro acabava de cair em cheio sobre os tres dorminhôcos. Do abrigo restava uma cova no chão. Dos homens nada restava que se distinguisse á primeira vista. E' assim por acaso que se morre na guerra de trincheira e é tambem assim, por acaso, que se escapa. A morte nesse dia não nos quer.

* * *

Dali a pouco, no comando de batalhão, um telegrama vindo da linha : — "*Morteiro médio em M. 53*

d. 80.65. Tres mortos. São os primeiros que a guerra nos leva e o coração aperta-se-nos. Na primeira linha vae uma azafama. As pás e picarêtas trabalham no desentulho, com cuidado não vá um ferro ferir de súbito a carne esmagada dos que jazem sobre aquele monte de destroços. E são as lugubres descobertas: uma bota que ainda tem o pé dentro, uma mochila feita farrapos, uma espingarda com o cano torcido, pedaços de corpos enegrecidos e amalgamados com lama. Ao cabo de uma hora ha, sobre tres mantas estendidas, tres vultos confusos. Não temos bem a certeza que esta perna seja do dono daquêle tronco a que já falta um braço... A terra, que os amortalhará a todos, tudo egualará no mesmo pó de que foram feitos e a que tornam. Pela trincheira de comunicação acima, em direção ao *decauville* que os levará ao posto de socorros, é a procição dos maqueiros condusindo os três fardos, devagar não vão esbarrar nas dobras da trincheira e magoar-se uma vez mais. Os que, ás portas dos abrigos, os vêm passar olham-nos com aqueles olhos escuros onde pésam mil e uma sombras. São os primeiros mortos e citam-lhes os nomes, conta-se o que disseram na véspera, uma hora antes ainda. O tempo nos ha-de afaser á desaparição subita dos companheiros e amigos e um dia ha-de chegar em que encararêmos sem comoção fardos idênticos aos que deslisam, devagar, trincheira acima.

* * *

A' tarde, em três macas rodadas, vamos levá-los ao cemitério, a um daqueles cemitérios de guerra postos

á beira das estradas para que o nosso espirito se não esqueça que é mais facil nestas paragens ganhar a cruz de pau do que a cruz de guerra.

Sáimos da trincheira e desembocamos na estrada crivada de granadas, onde a par de uma *ferme* em ruínas se eleva a capelinha intacta de uma encrusilhada. Não ha canto destas estradas da Flandres onde se não eleve um calvário ou um modesto altar, á Senhora do Bom Socorro, á Senhora da Piedade. . .

Os condutôres das macas seguem em silêncio. Um pouco adeante uma bateria nossa, escondida atraz duma ruína, faz um fogo espaçado de regulação. A tarde é linda e o cabo nomeado para acompanhar os corpos, o mesmo da teima de manhã, conta a sua aventura e remata com o fatalismo, que tem de ser a nossa filosofia por estas bandas:

—“Não calhou!

Eu quiz acompanhar esses meus pobres companheiros que tão pouco levam que contar e com o meu official de sinaleiros ambos ouvimos silenciosamente a historia do cabo.

Passamos a uma sentinela ingleza do trafico, que se perfila; crusamos alguns *camions* do alto dos quaes os *tommies* nos miram sem comoção. Um dêles encolhendo os ombros, murmura: “*Finish!*”

Chegámos emfim ao *war's cêmetry*, ao cemitério de guerra. Defronte ha um *estaminet*,¹ cuja *mademoiselle* veiu á porta de sùcia com alguns inglêses. Soldados portuguezes dum batalhão de apoio põem-se a caminhar atraz de nós, atravez as ruasinhas alinhadas.

¹ Em Pont de Hem, sobre a estrada Estaires La Bassée.

floridas de cada lado de cruces brancas todas iguaes.

E, enquanto não chega o capelão, vamos lendo os letreiros. São soldados, bastantes officiaes. Ha algumas corôas, ofertas de camaradas e sempre a rematar os disticos das cruces a menção: "*Killed in action*". Todos os que ali estão foram-se de morte súbita, duma bala desgarrada, dum estilhaço vadio, sem verem o inimigo, sem saberem ás mãos de quem morriam.

Pára um cavaleiro á porta do cemitério. Apeia-se um official, o capelão de brigada, e das bolsas do arreo saca um embrulho. E' uma sobrepeliz de grosso pano branco, uma estóla negra toda amarfanhada e o seu livro de orações.

As covas estão abertas, bocas hiantes da terra mãe esperando os filhos que regressam. E, enquanto os soldados portuguezes ajoelham e se persignam e nós nos descobrimos, o padre começa a sua encomendação. Mal se lhe entende o latim e, de quando em quando, interrompe-se para crusar as mãos e resar a Avê Maria a que responde o côro dos soldados prosternados.

No meu espirito revivem os belos versos de Déroulède:

*Un linceul á moi ? Pourquoi faire ?
C'est bon pour qui meurt dans ses draps.
Le lit du soldat c'est la terre,
La terre rouge des combats . . .*

O vento sacode a sobrepeliz do capelão deixando ver as suas polainas e as suas esporas e o murmúrio avoluma-se:

— "Rogae por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte . . ."

* * *

Desceram sucessivamente á terra de França os corpos desses soldados de Portugal. Cada um de nós vae lançar sobre os restos informes uma mão cheia de terra. O capelão está retomando o seu aspecto militar e arrecadando o seu livro; os ingleses, coveiros daquelle estranho cemitério, começam enchendo as covas a grandes pásadas. As macas já lá vão de regresso e, acendendo um cigarro, sem podermos dominar uma certa melancolia, o meu companheiro e eu regressamos ás trincheiras, emquanto á nossa direita a bateria continua o seu fogo espaçado de regulação.

Manhã de "raid,,

A noite fôra tranquila, daquelas que, pelas três da madrugada justificam largamente o telegrama: *Situação calma, vento nordeste*. Os *very-lights* do costume, o costumado repicar das metralhadoras pesadas cortando por dever de officio o silêncio e, lá em baixo, para a direita, muito longe, o quasi vago rumor da artilharia continuando a obra de uma ofensiva encetada ha largos dias, suspensa um tempo e agora recomeçada, contra uma cidade, cujos arrabaldes são construidos em volta de poços de minas.¹

Fumado o ultimo cigarro, eu tinha adormecido. Faltavam dois dias para a rendição. O periodo tinha sido calmo, apenas alguns feridos por estilhaços vagabundos. Nenhum mau indício. O sôno, um sôno burguês, daqueles de ter em casa, tinha chegado depressa. De subito acordam-me as baterias da rectaguarda. As detonações aceleram-se, precipitam-se. E' a velocidade do S. O. S. da barragem protectora. Salto da minha cama de campanha, dois metros de rêde de arame sobre quatro traves e saio do abrigo. A manhã vem já nascida,

¹ Lens.

olho o relógio. São cinco e meia. Pelo silvar das granadas que passam, que estalam perto, compreendo que as nossas baterias estão sendo violentamente contrabastadas. Por cima do meu abrigo sibilam projecteis de metralhadora pesada. Trépo ao revestimento da trincheira e, lá em baixo, na linha, ao longo de toda a nossa frente, vejo mais de uma dúzia de foguetes vermelhos pedindo socorro.

Rastejando quasi, acossado pelas metralhadoras de lá que varrem a trincheira conduzindo á caverna-secretaria, chega o meu ajudante, o alferes C. . .

— “Que ha ?

— “A esquerda pediu S. O. S.,¹ meu capitão. . .

Mostro-lhe n'um gesto o cordão de foguetes rubros. O estrondear da nossa artilharia é cada vez mais precipitado. O *boche* por seu lado está bombardeando com uma violencia desusada. Faz fogo sobre as baterias, sobre a estrada do posto de socorros e lá para a linha não se distinguem os morteiros das granadas. Sente-se que um turbilhão de ferro está sendo desencadeado sobre todo o sector dalto a baixo. Nunca sentiramos isto, nunca tinhamos estado debaixo de uma tão grande ameaça. Que se estará passando ? Que se irá passar ?

Sob as balas das metralhadoras, que continuam zumbindo, corrêmos ambos ao posto de sinaes. Todos os

¹ Quando se julga necessario estabelecer na «terra de ninguem» uma barragem de artilharia para obstar a um avanço da infantaria inimiga, esse socorro é pedido ás batarias pelas iniciaes das primeiras palavras de um cantico religioso inglez muito conhecido : «*Save ours souls . . .*» (*Salvae as nossas almas*). Este sinal é tambem transmitido por meio da telegrafia sem fios pelos navios em perigo em pleno mar.

telefones, todos os telégrafos trabalham a um tempo. Baixo-me para entrar, sento-me sobre a gaiola dos pombos correios e indago. O oficial de ligação de artilharia informa-me. A esquerda primeiro e sucessivamente o centro e a direita repetiram telegraficamente o pedido de S. O. S.

Num aparelho a Brigada pede que a informem. Solicitam outra ligação. É o batalhão da esquerda que anuncia estar sendo atacado por infantaria. As companhias da linha comunicam que o bombardeio é violento. Ha granadas de gaz. Por sua vez a artilharia da rectaguarda anuncia perigo de gaz. Alguem me chama de fóra. De que se trata? No ar, voando baixo e fazendo signaes luminosos, dois aeroplanos *boches* correm sobre as nossas linhas. Sem duvida alguma estão regulando as barragens do inimigo.

Tenho nitida a impressão de que alguma cousa mais do que uma simples incursão de fortes patrulhas se está passando. Mas onde? Que ponto da minha linha será visado? Toda ela? E aquella anciedade dolorosa de quem comanda um sub-sector e nas horas mais graves tem de estar ali, amarrado a uma mēsa de telefones, dentro de um abrigo de metro e meio de altura, buscando adivinhar na vibração monótona dos aparelhos a tragédia que se passa nas linhas de fogo, aperta-me a goéla com uma mão de ferro.

Mando uma ordenança ao posto de socorros saber novidades, se já chegaram feridos. A esquerda anuncia que o *boche* está na primeira linha do sub-sector esquerdo. A direita comunica que na primeira linha inimiga se vêm relusir baionetas e que grupos alemães vão saíndo o arame. Rapidamente peço ás baterias

que me apoiam a direita que suspendam a barragem na "terra de ninguém," e a alonguem para a linha de frente contrária fazendo uso da granada com bala.

Volta a estafêta do posto de socorros. Ha vários feridos, alguns do batalhão visinho, que contam detalhes alarmantes. Logo após um bombardeio violento, sahiram das cratêras de zona neutra excessivas vagas de assalto. A extrema direita do sub-sector pegado foi colhida de surprêsa e metida entre o ataque da infantaria e uma barragem tremenda. Consta que os *boches* já estão na linha de suporte visinha, a que prolonga a minha. E' a esquerda do meu batalhão ameaçada, a possibilidade de um golpe de mão envolvente sobre os comandos de duas das minhas companhias.

Os meus nervos estão prestes a estalar. A direita comunica que o alongamento do tiro deu optimos resultados. Houve quem visse o inimigo fugir em campo aberto fóra das trincheiras. Desse lado o perigo está conjurado. Então, não podendo mais conter-me naquele buraco onde se abafa, onde o vibrar enervante dos aparelhos continua e num canto, pacificamente, os pombos correios arrulham, eu grito ao G... o meu alferes dos sinaes: — "Venha daí! Vamos lá abaixo!" e abalo correndo para ir á primeira linha ver o que se passa.

O bombardeamento continua. Ha bastante nevoeiro e muitas granadas de fumo. Desembocamos da trincheira que leva ao posto de socorros e entro nêle de relance. Está cheio de feridos; os meus médicos, os enfermeiros, acodem aos mais necessitados. Ha sangue no chão, tesouras ageis cortando carnes esfaceladas. As noticias não são boas. Os maqueiros, os que espêram tratamento, os que gêmem pelos cantos, contam a brus-

ca invasão a uma hora que o habito fazia supôr tranquila, quasi ao retirar do "a postos," de madrugada.

Não me demóro. Acabam de me diser que o alferes M... D... foi gravemente ferido, talvês morto, na primeira linha. Metêmos, o G... e eu pela estrada á margem da qual a companhia de suporte está abrigada. O bombardeio não cessa. As noticias ácerca do gaz são contraditórias. Ninguem n'estas regiões ainda poz a mascara; mas todos farêjam inquietos.

Para ir á primeira linha tenho dois caminhos: a coberto pela interminavel trincheira de comunicação, a descoberto pela estradinha que leva do reduto de apoio ao abrigo das metralhadoras pesadas da esquerda. Este caminho leva-me directamente ao ponto onde eu supo-nho que o mais forte da peleja está travada.

Metemos correndo por ele, primeiro por baixo das grandes arvores que foram outróra as de um parque, depois a ceu aberto. O nevoeiro, aumentado pelo fumo das granadas especiaes, não nos deixa ver a trinta metros deante de nós. Ouvem-se rebentamentos perto. Sobre a estrada ha funis de projecteis recentemente caídos. De quando em quando, açoitam-nos a cara pedaços de terra que andam no ar, vindos lá de casa de mil diabos.

Chegamos finalmente á trincheira de segunda linha. Saltamos por cima de sacos de terra e de uma *camouflage* derrubada. A linha de suporte está perto e sentem-se para a esquerda explodir granadas de mão. Mais um galope desenfreado, mais algumas balas de metralhadôra que passam silvando e cortam ramos de arvore e ricochêtam sobre velhos muros de tijôlo derruidos e eis-me emfim dum salto na linha de suporte. O

alferes G. . . ficou para traz. Num momento perdêmos um do outro dentro do fumo e do nevoeiro. Corro para a direita; a minha ancia é de chegar aos comandos de companhia, saber o que ha, o que se passa. Levo a pistola na mão, o dêdo no gatilho. Encontro-me com grupos de soldados indecisos, do meu batalhão e do batalhão visinho ali refugiados. Confirmam-me que o *boche* andou ou anda ali perto. Mando organizar rapidamente um grupo de resistencia. E' preciso barrar aquella passagem e saqueiam-se os paioes das granadas de mão.

Continúo o meu caminho sobre as passadeiras que a cada instante, a cada volta de través mudam de direcção. O bombardeamento vae amainando um pouco; mas ainda se ouvem os rebentamentos brutaes dos morteiros médios e pesados e a certa altura a trincheira está obstruida. Salto fóra, volto a tomá-la e, de súbito, numa volta surge deante de mim, numa visão que não esquecerei nunca mais, um *boche*, o primeiro que vejo de pé e em tamanho natural. O capacête de combate enterrado na cabeça, um bigode loiro, uns olhos asues, varias correias cortando em cruses várias o pano esverdeado do uniforme... No inesperado daquele encontro levanto para ele a pistola. Pouco faltou — a terça parte de um segundo — para que ao pobre diabo lhe estourassem os miolos, quando vários soldados portugêses surgindo e o gesto dos seus braços apavorados me fiséram compreender tudo. Era um prisioneiro que vinha da primeira linha, um maqueiro pacatissimo, desarmado, muito duvidoso ainda do seu destino nestas horas e naquelas paragens. Mirava-me surprêso e, vendo-me em mangas de camisa, de suspensórios verde-

claro sobre a camisa *kaki*, no seu intellecto de teutão calculo que devia perguntar a si próprio quem eu era.

Fiz retroceder caminho ao grupo. Perto ficava o resto da trincheira de comunicação que me faltava percorrer para chegar aos comandos de companhia, junto a Nossa Senhora das Trinchas. Chego enfim. Pergunto pelos dois tenentes comandantes. Um dêles, A... C... aparece-me, os olhos esbraseados, assegura-me que o *boche* não poz pé na linha do nosso batalhão e mostra-me este bilhete soberbo do seu alferes de serviço: o alferes R... "*O inimigo bombardeia violentamente. Esperamos ataque. Toda a linha está ocupada.*"

Do outro tenente indago noticias acerca do M... D... que me disseram lá em cima estar ferido. Não se sabe ao certo. Algumas metralhadoras ligeiras estabeleceram-se num colchete defensivo na extrema esquerda do nosso sub-sector, fizeram um fogo infernal e devem ter prestado bom serviço. Surgem novas informações. Uma guarnição de *lewis* saltou fóra do parapeito para o *no man's land* e apanhou de enfiada as vagas de assalto que saíam das crateras visinhas. Em torno de nós agrupam-se soldados, tendo alguns nos olhos um clarão estranho. São os que vem acolá da linha, os que *viram*. Perto o prisioneiro *boche* espéra e alguns dos meus *lanzudos* já querem falar com ele na lingua do *pas compris*. O bombardeamento reduziu-se a um duêto intermitente das duas artilharias. Peço que me façam os relatórios o mais rapidamente possivel e volto por ali acima, pelo mesmo caminho, trazendo a reboque o maqueiro do kaiser Guilherme, o cabo e o soldado que o tinham apanhado transido de pavôr na primeira linha. Cá no alto, junto ao cemitério dos indios, naquele canto

recatado e á vista das tres sepulturas perpétuamente abertas, não juro que êle não supuzesse que o iamõs fusilar ali. Levo-o até ás linhas de suporte, onde o deixo ficar no abrigo *mess* dos officiaes, emquanto corro novamente ao posto de socorros a fazer o balanço aproximado dos feridos.

A noticia que me tinham dado era afinal verdadeira. Sobre uma maca com seis ferimentos está o pobre alferes M... D... Acaba de chegar e o que me contam enche-me de alegria. M... D... cahiu na primeira linha, agarrado ao parapeito, no seu lugar. Então um diabo dum soldado, vendo o seu alferes ferido, pegou nêle ao cólo, pô-lo sobre os ombros e abalou por ali fóra. Subiu a primeira trincheira; a certo ponto estava obstruída. Voltou para traz, seguiu a primeira linha até encontrar segunda trincheira. Essa tambem fôra estourada pelos morteiros e o rapaz retrocedeu com o seu fardo gotejante de sangue e novamente foi pela linha de frente, desmantelada pelo bombardeio e sem paracostas, atravez dos estilhaços, metendo-se á agua em certos pontos, até que pela trincheira da extrema direita poudo trazer o M... D... á segunda linha, onde o entregou a uns maqueiros. Chamo o rapaz que está ali fóra conversando. É um diabo sem cara de ninguém, não se dava um pataco por êle e acaba de faser aquella coisa linda. É preciso pôr sobre o cotim nojento daquela farda suja de sangue e de lama uma Cruz de guerra. Juro a mim próprio que lha hão de dar e deram-lha.

O pobre M... D... géme emquanto lhe fazem oé primeiros curativos. Duas balas nas pernas, cinco estilhaços: num pé, numa perna, nas costas, numa mão...

O médico, S... S... hoje morto pelo rebentamento duma espoleta, afirma-me que se poderá salvar, a não sobrevirem infeções. Os outros feridos já foram evacuados. Afinal tivémos sorte e relativamente poucas baixas.

Volto ao *mess* da companhia de suporte. O prisioneiro está comendo doce e tomando café. Surpreendem-no o pão branco, o assucar e todos aquelles officiaes buscando conversar com ele através dum dicionário alemão e das quatorze palavras do idioma de Goethe que todos nós sabemos. E' casado, tem tres filhos e mostra o grupo dêles, tres garotos loiros que não tem culpa do pae ser *boche*. Um outro seu irmão está na Inglaterra prisioneiro. E' uma vocação de familia. "Ia! Ia! Bonne!" exclama ele aceitando outra chavena de café. Consegue explicar-nos que quinhentos homens do grupo especial de *sturm-troops*, trasidos da Alsacia tres dias antes, foram lançados sobre a linha portugueza no maior dos ataques até então efectuados. Da frente chega-me o informe que o sector portuguez está limpo e que o *boche* regressou ás suas posições. O comandante do *raid*, um capitão, ficou estiraçado numa das nossas trincheiras. Morreu bem, como soldado. varado por uma bala na cabeça.

O dia já vae alto. O calendário do meu abrigo marca "Agosto, 14, aniversario de Aljubarrota," e ao passo que o ajudante me narra alguns episódios que as estafetas das companhias lhe trouxeram enquanto andei lá por baixo, desafivêlo a pistola, estendo-me sobre o catre, respiro e, acendendo um cigarro miro os retratos que me olham sorrindo de cima da minha mêsá.

Mil e uma noites de trincheira

Ha tres meses que estamos na *trincha*. Todos os seis dias saímos para ir descansar numas aldeólas a três quilometros á rectaguarda e, nêsses seis dias de descanso, temos cinco horas de instrução. De noite, ou os homens voltam ás trincheiras para trabalhar na reparação do sector que herdámos perfeitamente desmantelado e que é necessario reconstruir ou um alerta da Brigada põe todo o batalhão de prevenção, em grupos pela estrada, pronto a acudir se se confirmarem suspeitas de ataque sobre a nossa frente. Já sabemos esta guerra de cór. Quando estamos na linha, todas as noites enxotamos as patrulhas que nos vem apalpar; todas as noites passeamos pela "terra de ninguem". Já tivémos um combate sério, o cheiro a maçã cosida do gaz *boche* é quasi o nosso perfume habitual. As sensações dos primeiros dias e das primeiras noites já estão embotadas. Afizémo-nos á lama pelo joêlho, aos charcos d'agoa barrenta, aos *dogs outs*, ás rações, ás visitas de general, aos morteiros de todo o tamanho, ás pontarias dos

snipers inimigos, ao "Zacarias," *boche* que, em cima de uma arvore, tem por missão atirar aos que se permitem passear na estradinha das Ghurkkas, ao maldito *whizz-bang* que nem dá tempo a diser: "Ai Jesus!," ao estrondear formidavel dos *Minnies*. Perdemos o habito dos lençoes, das louças lavadas, dos guardanapos. Comemos e bebemos em pratos e canecas de lata solidos e liquidos que em latas nos vêm traser todas as noites, ao lusco fusco, os carros de reabastecimento. Aquela espada, que alguns sonhavam brandir em arrancadas de gloria, foi substituida por um cacête nodoso em que se amparam os nossos passos sobre as passadeiras viscosas e com que se enxotam os ratos. Da minha gente só umas aves raras, dotadas de uma pertinácia extravagante, ainda têm mêdo. Os outros passeiam, circulam, trabalham, dormem e fumam, instalados absolutamente nesta vida sem pensar na morte, que já todos vimos bem de frente. De vez em quando conta-se um acto de valentia. — "Imagine você que eu ia descendo a New Cut Alley, vem um morteiro, eu agacho-me, êle passa por cima, eu fujo para o drêno, êle rebenta, eu enfiô-me numa cova, a trincheira cae, eu levanto-me, escondo-me, os estilhaços passam e cá estou." — "Bravo! seu catita!" E o heroe, vestido e calçado de lama, gotejante de todas as imundicies, ri e todos nós rimos, deste riso nervoso que temos sempre quando uma bala nos assobia a tres palmos do nariz.

Este heroismo de cócoras, que temos de praticar seis vêses ao dia, é toda a guerra de trincheira.

* * *

Cavou-se um abismo entre nós e a rectaguarda. Aquêles que dormem todas as noites na sua cama, sejam êles simples escribas da brigada a dois passos ou funcionários de repartição das regiões paradisiacas das bases ou dos grandes quarteis generaes, considerâmo-los como umas creaturas despresiveis. Quando ouvimos passar muito alto, a varios mil pés d'altura, aqueles projecteis de artilharia grossa, a que o Folgadinho chama *carradas de lenha*, todos nós nos *dogs outs* esfregamos as mãos de contentes. Estamos a ver a rectaguarda em calças pardas, aqueles maraus, que só podem morrer por infeliz acaso, julgando-se com uma simples granada tão expostos como os que vivem por um acaso feliz e rimos malvadamente, nós a quem o Fritz serve diariamente algumas dezênas de morteiros de todo o tamanho e bastos milhares de balas de metralhadôra. Por isso um papel que vem da brigada é acolhido com ironia, uma circular da divisão com impropérios e uma ordem do Q. G. com a mais descabelada das irreverencias. A malta das trincheiras vinga-se e — coitada déla! — não tem senão o seu rancôr para se vingar. Ainda se perdôa um pouco aquêles que vêm de quando em quando, de botas engraxadas e nas horas calmas da manhã, bater-nos no ombro e perguntar-nos: — “Então como vae isto?” Fasêmos-lhe o favor de os receber, de lhes impingir alguns palões, de nos rir nas costas d'eles. Mas os outros, os que não vêm nunca, os que só conhecemos pela assinatura que põem em papeis escritos á maquina, para esses não ha na nossa alma de

exilados, de sacrificados, desdem que baste. Quanto aos camaradas de Portugal, esses não existem. São vermes desprezíveis, que não chegam a valer o rato fedorento que galopa pelos cantos a emboscar-se nos seus esconderijos.

Os dias de trincheira não se contam. Há a alumiar-nos um sol pálido, um sol triste e, porque nos vemos, porque nos sentimos perto uns dos outros, porque conseguimos conversar, porque dormimos a prestações, agora uma hora, dali a pouco outra meia, os dias passam e não se contam. O que vale são as noites, aquelas que os da rectaguarda dormem de *pyjama* em camas fofas e altas. A noite é a nossa preocupação. Durante ela é que temos tudo a recear. A sombra que nos envolve entrega-nos a nós mesmo, isola-nos, não conhecemos ninguém, cruzamos sombras sobre as quaes nem sempre podemos apontar o feixe minúsculo da nossa lampada electrica, todos os projecteis são traiçoeiros, toda a nossa ciencia de referenciação desaparece. O *boche*, cujos poisos conhecemos de dia, muda de lugar; não sabemos onde está e donde pode vir, já não toureamos os seus morteiros como em plena luz. A noite é a negra aventura. De noite chegam-nos estranhos: os pioneiros, os *engenhócas*, partidos do batalhão que viemos render e que nos renderá dentro de alguns dias. Toda essa gente vem cavar, vem trabalhar, ajudar-nos a pôr arame, a concertar as trincheiras, a levantar parapeitos que amanhã o *boche* atirá a baixo para que não falte o trabalho e a canceira ás Danaides da primeira linha. E é, em plena escuridão, um formigar soturno de gente que atira ás sentinelas de reconhecimento senhas e contra-senhas singulares, a quem se

devia perguntar: "Bernardino!", e devia responder: "Braga!", a quem se diz: "Pão para cinco!", e murmura: "Presunto e marmelada!".

Para o *museu*, para o comando de batalhão, a noite é também o problema. O dia é a papelada, é a interminável perseguição dos mosquitos das *recócas*: a nota, a relação, o relatório; é todo o bicho carêta de pêne atrás da orelha a exigir-nos que justifiquemos a sua existencia. A noite é o possível ataque, é o continuo repique das espingardas automaticas, é a perpétua inquietação. Quatro morteiros que rebentam podem ser o prelúdio da barragem de um *raid*, qualquer vibrar de metaes parece o som das sinêtas do alarme de gaz. E ali, no abrigo-*mess*, enquanto o oficial inglez, fumando o seu cachimbo, lê uma illustração, enquanto o ajudante, abrindo a correspondencia da noite, presta um ouvido distraído a uma historia que o *artilhas* de ligação lhe conta, enquanto o *sinalefas* vae e vem ao posto de sinães proximo verificar se todas as linhas funcionam, se todos os S. O. S. respondem, pésa sobre todos nós a anciedade da espéra. De quando em quando, um sinaleiro levanta a manta impregnada de liquido anti-gaz que nos serve de porta e traz-nos um telegrama nos termos do codigo: — "Vinte e sete!", Vinte e sete quer dizer que se nota algum movimento na linha inimiga. Responde-se: — "Trinta e nove", isto é: "Lance patrulhas de escuta", enviam-se estafetas prevenir os nossos morteiros e as nossas *machine-*

guns e o oficial de artilharia manda pôr de atalaia os vigias das baterias.

Que dará esta noite? Outro telegrama: um ferido na segunda linha, algum pobre diabo apanhado pelo fogo indirecto das metralhadoras pesadas. Uma companhia queixa-se de que a ração de aguardente é insufficiente, outra anuncia que o material requisitado ainda não chegou. As horas passam, as vélas vão-se substituindo nos castiçoes improvisados com o fundo das latas de conserva. A nossa artilharia torna-se de subito activa. Será um S. O. S. dum sector ao lado? E' um *fréte* executado pelo grupo da direita ou da esquerda, um crusamento de estradas que se bate em represália do mal que D. Berta nos fez na véspera. As horas passam. Uma patrulha nossa da direita recolheu sem novidade. Na nossa esquerda uma patrulha *boche* foi escoraçada pelas Lewis. A madrugada, uma madrugada baça e triste vem apontando. Já ha quem durma, encostado á mesa sobre os braços crusados. O dia nasce finalmente e todos se vão deitar. Mais uma noite, das mil e uma que temos que aqui passar, cahiu hora a hora no grande esquecimento.

Q. G. 3.

A madame Faës, très chère amie.

Sessenta e cinco por cento dos que andam na guerra regressarão á paz sem ter posto os pés nas trincheiras, dos da *malta* poucos conhecerão as bases, muitos de nós andarão anos por aqui sem se encontrarem. Não haverá, porém, um official portuguez que, tendo estado em França, não conheça o Q. G. 3.

Na cidade para nós historica de Aire sur la Lys, á direita da Grande Place olhando para o Hotel de Ville, no quarteirão que torneja para a rua de Arras com a linda casa do tempo das pequeninas guerras da Flandres, ha uma loja de cinco metros quadrados, á qual dão accesso dois degraus debruçados sobre um passeio de lagêdo. Uma porta ao meio, uma montra em cada ilharga. Uma tabolêta sobre a porta. E' a papelaria de madame Faës-Flageollet, — Faës é ella, Flageollet era seu esposo, chefe que foi da *gare* da localidade. — E' o Q. G. 3., quartel general da terceira divisão dum corp expedicionario que tem apenas duas.

Se todos os caminhos levam a Roma, todas as es-

tradas do sector portuguez passam pelo Aire e levam áquella loja.

Todos nós guardaremos amaveis recordações de acolhimento que tivémos nesta terra da França. Sobre todas as saudades sobrelevará a da amisade com que os uniformes pardos de papel mata-borrão eram acolhidos nesta casa sobre a qual o governo portuguez deveria mandar colocar uma lapide comemorativa da nossa passagem, pois que — como disse — nem todos saberão contar do vento que açoitava as primeiras linhas de Neuve Chapelle ou da brisa que acariciava os *chalets* á beira mar de Ambleteuse, mas todos, desde os generaes até aos simples alferes, se lembrarão daquele Q. G. 3. acolhedôr, onde cada bilhete postal comprado dava direito a um sorriso amigo e cada bloco de *cartes-lettres* a uma enternecedora gentilêsa.

Atraz do seu balcão, Madame Faës pontifica, imponente na sua estatura, na sua corpulencia, nos seus cabelos sal e pimenta. Ao peito uma rosêta de fita com as côres portugúesas. Cada um que entra é saudado pelo seu nome e ali sabe-se melhor que na Repartição de Estatistica a situação de nós todos. Para o que vem das trincheiras ha um abraço ou um demorado aperto de mão, uma felicitação por ter escapado e um bom desejo de que breve tenhamos um descanso. Para o que está longe das regiões insalubres e não tem empenho de as conhecer, ha uma amavel comiseração pelos incomodos que esta terrivel guerra dá aos desgraçados sempre agarrados aos malditos papeis. Para os que se eternisam nas escolas, ha o encorajamento para persistir na tarefa admiravel de incutir aos outros os ensinamentos uteis de que resultará a victoria de todos.

Durante três anos aquela loja esteve atulhada de ingleses. Desfilaram por ali vários corpos de exercito e inumeras divisões. "*Mais les Anglais, ce n'était pas ça!*" Pouco amigos de conversar... "*Bonjour, madame! Avê-vô papier à lettres. Au revoir, madame,*"... E toca de se safarem em bicycléte ou em cavalinhos de papelão lustroso com corda branca ao pescoço.

Os portugueses são outra coisa. Três francos de despêsa são quatro horas de conversa, é um namôro logo pegado com as pequenas que ajudam á venda e emquanto uns põem em revolução o caixote dos postaes ilustrados, outros invadem o armazem pegado, outros instalam-se na salêta familiar e tocam piano, outros ainda enfiam pela cosinha sem cerimónia. Estamos em nossa casa e madame Faës, como aqueles *ases* do xadrez que jogam cinco partidas a um tempo, mantem oito conversas, vendendo a um uma canêta de tinta permanente, dois lapis de côr a um segundo, laminas de Gillette a este, um romance de Willy áquele, emquanto indaga da saúde da familia de um recémchegado.

Todos nós para ela somos notaveis e penhora-a profundamente ter conhecido e sido amiga dos grandes homens deste pequeno paiz. "Disséram-me hontem que o sr. era dos primeiros escritores de Portugal..." "Já sei que trato com um dos grandes poetas portugueses.", "Constou-me que o meu caro tenente era o primeiro cavaleiro da sua terra.", "Ao que parece, o coronel que acaba de saír é um dos mais notaveis dos vossos officiaes,"... Todos para ela têm uma virtude e

uma qualidade: um porque toca valsas no piano com dois dedos da mão direita, o outro porque presume de ser caricaturista, este porque agrada a todas as raparigas, aquele porque tem um bonito cabelo, o capitão porque é valente, o tenente porque usa monóculo, o alferes porque imita o gramofone com dois *sous* metidos na bôca.

Para os mais intimos ha sempre naquela casa uma chavena de chá pela tarde, um fogão accêso no inverno e uma poltrona na salinha, enquanto sobre o teclado correm uns dedos ageis tocando "*Sur les bords de la Tamise*," ou conduzindo o côro da celebre valsa...

*Malgré tes serments, tes promesses,
Malgré tes baisers, tes caresses...
Tu partis un jour...*

a valsa que algumas hão de chorar, quando nós partirmos *un jour*...

Ha mesmo no primeiro andar um grande quarto de amigos com uma cama esplendida, onde têm a certêsa de dormir os que chegam a deshoras e encontram fechados a *Clef d'Or* ou o Hotel de Inglaterra.

Na estante dos livros ha sempre livros portugêses e num dia em que eu ironicamente aconselhava á *Madame* que mandasse vir dos seus fornecedôres de Portugal alguns exemplares do *Manual de Civilidade*, ella, com o seu eterno sorriso, atalhou:

— "*Pourquoi? Dans le fond, ils sont tous si gentils...*"

* * *

Se Madame Faës não tivesse com os lucros da guerra arredondado os rendimentos que lhe permitirão fechar a sua casa concluída a paz e se não fosse uma ardente patriota, poderia ter feito fortuna comunicando ao inimigo os mais minuciosos informes acerca das nossas tropas, porque ela sabe tudo. Foi ela, que antes de mais ninguém me deu a noticia da entrada em linha da segunda divisão. Contara-lh'o um coronel. Desde os altos postos até á arraia meúda, todos ali vão dizer o que lhes consta, as ordens recebidas, os movimentos que se vão efectuar, as brigadas que sobem, os batalhões que descem. . . Mas de tudo isso só lhe interessam os amigos que durante um tempo não virão ali, os amigos que ela vae tornar a ver. A sua vida passa-se a despedir-se com ternura dos que partem, a saudar com alegria os que chegam.

Sobre a cidade e, de quando em quando, em fúrias espasmodicas, o *boche* despeja bombas de aeroplano e granadas de longo alcance. Ha em várias ruas casas em ruínas e poucos são os vidros inteiros que restam. Duma vez o panico foi total e o Aire ficou quasi deserto. Mas, emquanto todos os civis se safam, Madame, as suas filhas, o seu pessoal ficam. A' tardinha, mal começa a escurecer, a tribu põe os taipaes e, sempre com um cortejo de alferes, elas aí vão até uma aldeia das proximidades na incertêsa de, no outro dia de manhã ao chegarem, encontrarem o prédio inteiro e a loja intacta. Mas não! Até hoje a *Librairie* tem sido poupada e ha de sê-lo até ao fim da guerra. Então, quando já não

houver um portuguez para comprar postaes, tomar chá, tocar piano e galantear as *vendeuses*, Madame Faës sentirá um tal vácuo no coração e uma tal penúria de frequêses na loja, que irá para qualquer rincão da França casar as suas filhas e recordar-se desses portuguezes malcreados muita vez, inconvenientes quasi sempre, mas *si gentils, dans le fond...*

Alicate ou as quarenta ligações

Ao tenente Victorino Galvão, «alicate» sans
peur et sans reproche.

Este organismo que se chama um sub-sector tem o seu sistema nervoso: são as comunicações telegraficas e telefonicas. Elas nos tem em contacto com todos os elementos da linha, elas nos aproximam da artilharia que nos protege e da retaguarda a quem protejemos e vive confiada de que nos deixaremos faser em picado até ao ultimo para que em paz ela possa agravar a crise do papel.

Quem trata dos fios, quem os coloca, quem os concerta, quem conversa por eles nos mais cabalisticos termos são os maraus do braçal azul e branco, os *senaléfas* segundo uns, os *alicates* segundo outros, atendendo á ferramenta de que nunca se separam.

Ao longo da primeira linha, em *dog-outs* onde se não entra senão de gatas e se não póde viver senão de cócoras, estão os *senaléfas* dos S. O. S. Vibra a linha

inquiéta em tôrno de êles, crepitam-lhes aos ouvidos as espingardas e as *Lewis*, sôam as detonações abafadas das pistolas *very-lights*, estrugem os morteiros inimigos que abalam a tóca e a põem de esguêlha muita vez. E o pobre *alicate* enclausurado, atento á recepção, pronto á transmissão, sempre á espéra de apanhar em cheio com um *menino* ou com um *porco*, fica ali horas emquanto a chuva lhe alaga o esconderijo.

Mais acima, junto aos comandos de companhia, na altura da segunda linha, outros *alicates* noutras estações recebem as ordens do batalhão e respondem. Nos intervalos acodem á conferencia constante e chamam a atenção dos outros lá de baixo.

Perto do *museu*, longe dos morteiros, num abrigo em que já se pôde trabalhar sentado e, mesmo ás vês de pé, funciona a central. Aí estão todos os apetrechos de ligação : os telefones, os telegrafos, os *power-buzzers* e dentro da sua gaiola aqueles felisardos dos pombos correios que nunca fasem mais que um dia de trincheira e são rendidos todas as manhãs. Todos vivemos na doce esperança de nunca ter de os utilizar, esses suprêmos recursos que, á mingua de trabalho, passam a vida a arrulhar.

E aí, emquanto os manipulos martelam os sinaes de *Morse*, emquanto o *sinalefa* que está de conferencia vae indagando constantemente—“*Está lá? Ouve bem?*”, os pombinhos, sem parecer ligar a menor importancia á conflagração europeia, não ha forma de se calarem. “*Cucurru, cucurru, cucurru . . .*”

Os *alicates* são uma seita dentro da *malta* das trincheiras. São senhores que sabem ler e escrever, que estiveram varias semanas em escolas a aprender a lingua do *pica-pau*, o *traço-traço-ponto-traço*. Não cavam, nem dão tiros, não vão ás patrulhas e nos dias de reserva ou de apoio andam pelo campo aos molhinhos fasendo uns aos outros sinaes com espelhos e bandeirinhas. No entanto, se os rancheiros de officiaes são mal vistos e os impedidos pouco considerados, uma estima amistosa liga os *lanzudos* áqueles camaradas de alicate á cinta, porque dêles depende e da agilidade dos seus dêdos um auxilio oportuno da artilharia e é pelos cordeis que eles estendem que se pedem as represálias e circulam todas as queixas contra o rancho que se demora, todas as reclamações contra o *rhum* que falta.

Depois o *lanzudo* de primeira linha, que, ao sentir chegar um morteiro *boche*, se escapule, se agacha e se esconde atrás de um través, não pode deixar de ter a sua consideração por aqueles catitas que ficam ali, sempre firmes dentro dos seus buracos e a quem, quando lhes explode um inferno a seis metros dos ouvidos, um camaradinha ironicamente pergunta lá de cima: — “Está lá? Ouve bem?”

Alem d'isso, durante o dia, ha sempre um fio velho a levantar, uma linha nova a colocar, um concerto a faser e os *alicates* lá andam, na lama como os outros, a agua pelo joelho, pois por sua desgraça os cordeis andam sempre escondidos pelos drênos fóra e quando cortam caminho é por clareiras expostas onde se encon-

tra mais facilmente uma bala de *sniper boche* do que uma nota de cincoenta francos.

De noite são os bombardeamentos inesperados, as trincheiras que aluem, as comunicações interrompidas. O *alicate* continua a estar lá; mas já não ouve nada. Um estilhaço cortou-lhe o fio da conversa, um taipa que voou pelos ares levou consigo os cordeis todos. Então é preciso concertar imediatamente, andar por baixo dos aguaceiros da metralhadora e sob as rajadas de cacos velhos a repôr a linha, a atar as pontas, ás escuras, ás apalpadélas. Não ha botas de borracha que cheguem para a agua dos charcos onde se cae; ás vezes são precisas as duas mãos e a ajuda do visinho para se tirar um pé do lôdo.

E é dos dois lados uma aflição: a linha sem poder contar que lhe querem ir ao pêlo e tendo que mandar estafêtas a todo o galope por trincheiras que não acabam nunca, o *museu* sem saber o que se passa, imaginando o peor, sempre á espéra que os cordeis tornem a falar, isto emquanto os pombos continuam inalteralmente: — "*Cucurru! cucurru! cucurru! . . .*"

* * *

A lingua que falam os *alicates* é uma lingua patusca. Ha sempre o perigo de que o *boche* surpreenda com aparêlhos especiaes as nossas conversas e então que remédio senão empregar cifras e codlgos.

As estações são designadas por iniciaes e numeros, todas as eventualidades e todas as circumstancias se designam por letras e por palavras convencionadas.

— “Santa Clara direita, ouve bem ? Daqui fala C. K. 7. Almada. Quarenta e tres. Ouve bem ? Almada sim ! Como ? Cincoenta e dois ?”

Mas já o C. I. 4. anuncia Coimbra. E' preciso avisar. D. B. 2, transmitindo-lhe “Vinte. Np.” já que ela se não farta de pedir “I”.

Ao posto da primeira linha da direita, o batalhão perguntou : — “Que ha ? Onde caíram os morteiros?” e, como o *alicate* dos *fauteuils* de orquestra anuncia que os *meninos* estão caindo sobre as banquetas de fogo, urge prevenir do bombardeamento a brigada que solicita a meúdo que a informem e diser-lhe ao mesmo tempo que não precisamos reforços para poupar os camaradas do batalhão de apoio.

São os *alicates* que aviam as represálias. A represália é o desabafo da trincheira. Se o *boche* bombardeia o crusamento da nossa segunda linha com a trincheira de comunicação, o unico sistêma de o desgostar desse entretenimento é bombardear-lhe o crusamento da sua trincheira de comunicação com a segunda linha. Olho por olho, granada por granada. E, para que a artilharia ande ligeira e se não perder tempo em comunicar pelos fios coordenadas geometricas, os pontos essenciaes do sector inimigo são designados por nomes curiosos: *Serpente*, *Lacrau*, *Cobra*, que sei eu . . .

E confessem que a distancia tem sua graça lembrar-mo-nos dum comandante de companhia que acaba de receber um 7,7 em cima da sua cosinha e corre para o telefone onde se põe a gritar: *Kanguru!* afim que bombardeiem o comando *boche* correspondente.

Toda a noite e todo o dia é uma continua vibração dos aparelhos. Nós bem sabemos que num dia de ofen-

siva séria todos aqueles telefones de namorados se inutilizarão num quarto de hora, que teremos de nos valer, se pudermos, dos agentes de ligação: ordenanças, esta-fétas e ciclistas; mas, enquanto apenas o morteiro vae e vem, enquanto relativamente folgam os Costas e os Silvas, confiêmos e sirvamo-nos dos *alicates* e das suas ligações. Ai de nós na madrugada em que eles, cortada a sua infantil endrómina, não tiverem mais que faser do que pegar numa espingarda e faser fogo como os outros! Mal irão os nossos negocios na hora em que tivermos de soltar aqueles pombos que não saem do seu *Cucurru!*

Diabo os levem e o inferno os confunda! Deus reserve no reino dos Ceus o lugar a que tem direito aquele segundo comandante de brígada, que, *si vera est fama*, ao receber de uma divisão inglesa no começo da nossa guerra um cesto daqueles pássaros, os mandou cosinhar com arroz, agradecendo em carta ao general britânico e perguntando-lhe onde os comprava, pois tinham sido muito apreciados na *mess*.

Fritz e Berta

"Amigo," Fritz é aquele *boche* que está ali defronte a cento e cinquenta jardas de distancia, a duzentas se tanto. Na escala dos nossos ódios, "amigo," Fritz vem quasi em ultimo lugar. Na guerra de trincheiras, a malta que vive nas cavernas de lama ou nas casas desmanteladas das reservas e apoios, odeia em primeiro lugar os camaradas anichados nas repartições da rectaguarda: os *cachapins*. A seguir odeia o serviço postal e a censura que demora aquelas cartas pelas quaes anceamos e as encomendas postaes que almas amigas nos enviam. Odeia ainda os *palmipedes*, a gente dos quartéis generaes que anda de automovel e mora em pequeninas cidades. Odeia os morteiros pesados, médios e ligeiros, que fazem fogo no nosso terreno e cujas guarnições se poem ao fresco terminado o trabalho, emquanto a malta fica para receber a resposta inimiga dada com a mais notavel pontualidade. Odeia a Brigada, que tem a culpa de tudo quanto nos acontece de desagradavel desde as requisições que não chegam até á chuva que cae. Por fim odeia muito cordealmente "amigo," Fritz.

O *boche*-imperador, o *boche*-kronprinz, o *boche*-

chanceler, o *boche*-inventor do gaz asfixiante, o *boche* lá da rectaguarda da frente, são entes abjetos e desprezíveis. Sobre isso não se discute. Mas "amigo" Fritz, o *boche* que está ali defronte, a patinhar na lama como nós, a dormir em cavernas e em ruínas, a quem as cartas faltam e que atura uma Brigada, esse é afinal um camarada. E tanto assim se considera que, quando se entrega, levanta as mãos e diz que o é. Ele é que põe em ação a guerra que os outros nos fazem; mas ele é que sofre a guerra que nos mandam fazer-lhe.

Quantas vezes, deitando a cabeça fóra do parapeito ou aproveitando as sombras da noite para pôr pé na *terra de ninguém*, não temos tido vontade de conversar com o Fritz, de trocarmos impressões e de lhe perguntar se tem recebido carta da família. Deste estado de espirito, que só pode compreender quem tem vivido aqui face a face com êle, estado de espirito que ele partilha também, é que nascem as mil e uma convenções tacitas desta guerra. Ha umas horas em que se não faz fogo, em que todos dormem, outras em que se pode trabalhar nas reparações, encher sacos de terra, colocar arame, concertar parapeitos. Dali a pouco trabalham os nossos telegrafos e os dêle, giram as suas estafêtas e as nossas e, enquanto "amigo" Fritz dispara os seus morteiros e se safas de gatas, os nossos morteiros respondem e de gatas se safam as guarnições. Então alguns pobres infantes portugueses sobem de maca as trincheiras de comunicação, ao passo que os nossos observadores encarrapitados nas arvores vêm passar de maca nas trincheiras defronte "amigo" Fritz com uma perna a mênos ou a cabeça amolgada.

Ele de lá vê-nos construir uma nova passagem? Que

remédio tem ele senão contar o que viu ; mas já sabe o que vae succeder. O *museu* dele comunica a referencia e chovem granadas sobre o nosso trabalho. Um comandante de companhia corre a um telefone. Passados minutos, o nosso *museu* pede represalias á artilharia amiga e uma trincheira que Fritz estava arranjando, em que fazia muito gosto, vôa-lhe pelos ares e ele tem de reconstitui-la á noite enquanto nós concertamos a nossa. E os dias passam assim.

A' noite Fritz vae para a patrulha. Dizem-lhe que venha observar o nosso arame, sujeito a ser visto á luz de um *very light* e a levar uma rajada de metralhadora ou uma granada de espingarda. Ele vem ; mas tenho a certeza de que nesse trajéto em que se enovelam todos os nervos e o cérebro dóe, em que a espingarda pésa dusesentas arrobas e cada pedra parece uma cathedral, a unica ideia que o consola é que outros soldados nossos andam rastejando no sentido inverso, cismando o mesmo que ele cisma, como ele sujeitos aos *moinhos de café* e aos *foguetes de pataco*. De vez em quando a Brigada dêle, ordena-lhe que se não limite a escutar e observar e que "colha identificações". Esta é uma maneira de diser que venha ao nosso parapeito, com uma granada em cada mão e com um cinto cheio delas, que procure saltar na nossa linha, matar ou prender sentinelas mais isoladas ou menos prevenidas e levar o que puder : prisioneiros, papeis, material, qualquer cousa emfim. Fritz já sabe que, de dez empresas destas, uma por vêses acerta. Lembra-se dos muitos que ficaram estendidos sobre os arames e, quando parte para essa viagem de que não tem a certeza de voltar, o que o ampara é principalmente a recordação de que, dois dias antes, se não lança o seu

foguete iluminante a tempo, talvez os nossos o tivessem ou morto ou aprisionado. E assim se passam as noites.

Esta é a guerra em que a gente se aborrece; mas ele aborrece-se também muito. Uma tarde, um soldado português descia uma trincheira levando ás costas um panelão de rancho. Sob o peso e debaixo do casaco de cabedal que os fachinas usam, o desgraçado suava em bica. Parou um instante a descansar, apoiou a carga no talude da excavação e, levantando um pouco a cabeça, viu no alto duma escada encostada a uma árvore, um observador espreitando por um ocular.

— “Tu que vês, ó 58, pergunta o de baixo.

— “O quê? Não vejo nada, responde o outro sempre bispando pelo canudo. Ah! Lá vejo agora... Lá vae um, muito adiante. Leva uma panela ás costas.

— “Uma panela? Se calhar, é o rancho.

— “Se calhar... ”

E, só com esta ideia de que do lado de lá, áquella mesma hora, andava um *boche* também carregado e suando, o nosso amigo sorriu, creou alma e forças, com um ahh! esticou as correias e ele ahí vae, trincheira abaixo até á primeira linha. A panela tinha de menos o pêso que carregava o lombo do camarada de frente do nosso “amigo Fritz”.

Curioso efeito desta guerra, o de aproximar pela simpatia a distancia aqueles que tem por tarefa diária matar-se o mais possível!

Mas se o Fritz merece aquelle interesse que une os que têm o mesmo destino, Berta inspira-nos um ran-

côr profundo e sem limites. Berta é aquela prima da *kuitur*, a grande industrial da guerra que tem fundições de canhões, fabricas de munições, laboratorios de gases, que inventou, fabrica e fornece todas as *tralhas* de aço, cobre, aluminio, estanho e ferro, que diáriamente nos desabam em cima. E' Berta que engendra cada dia um novo engenho de guerra, que anda pelos museus a desenterrar as catapultas para desenhar os novos modelos de morteiros e obuses de trincheiras, que reduz os grandes canhões ás proporções de brinquêdo do *whizz-bang*, que não dorme, lá muito á re-ctaguarda, a cismar no que Fritz ha de faser para atrapalhar a existencia de Folgadinho.

E' ela que está á testa do grande basar de maquinas de morte. Cada vez que ela traz á feira uma nova amostra, Fritz abana as orelhas, já não acredita naquilo. Bem sabe ele que, na primeira surprêsa, o novo produto fará bom efeito ; mas demais sabe êle tambem que, passado mez e meio, o que ele experimenta sobre a linha do parceiro defronte, este lh'o reenviará e muita vez correcto e ampliado.

Da primeira vez que Berta appareceu com o seu gaz venenoso, Fritz, que está farto da guerra até ao barrete redondo, achou graça e pensou comsigo que aquella porcaria era talvez um meio de regressar mais cêdo ao cachimbo de porcelana, á salchicha, á boa caneca de cerveja fresca. Mas quando, daí a tempos, recebeu o trôco da sua novidade, quando de subito se sentiu soffocado, queimado, envenenado, antes de soltar o ultimo suspiro ou de fechar os olhos para todo o sempre á luz do dia, Fritz murmurou : — "Para quê, afinal !"

Quando o seu official lhe diz que a Alemanha é o

primeiro povo do mundo, que Berta é infalível e lhe dará a victoria com canhões que atirem á lua e projecteis que matem cem mil homens dum só golpe, o visinho defronte, calcanhares unidos, responde: — “Ia! Ia! Hoch! hoch!”, mas, apenas fica só com os camaradas no seu covil de lama, ele põe-se a pensar que é talvez de Berta que lhe venham os seus males, que as nossas granadas não são de manteiga fresca e não fazem simplesmente covas no ar.

Ai de ti, Berta, na hora em que Fritz se convencer da inutilidade do seu sacrificio! Tu que comes o pão de luxo amassado com o suor dos trabalhadores de Essen, que queres valorisar com o sangue da tua malta e da nossa a cotação das ações das tuas grandes companhias de navegação, talvez encontres deante de ti, não o Fritz que nós bispamos de cá, encolhido com os seus travéses e esgueirando-se pelas suas trincheiras, mas um outro formidavel, vingador de sí próprio e dos camaradas que assassinaste inutilmente.

Nêsse dia serás tu quem gritará “kamerad!”, e de debaixo do chão, de dentro das covas, milhões de vozes, gritarão a Fritz que te não dê quartel e estoire os teus fornos e incendeie as tuas fundições e faça saltar os teus laboratórios.

⊙ almocrève das petas

A trincheira tem o seu *Diario do Governo*: é a Ordem do Corpo. Tem a sua gasêta de noticias: é o boletim de operações e informações: o *Almocrève das petas*, como se lhe chama aqui. E' seu redator principal um dos mais simpaticos e dos mais bem cheirosos dos nossos *palmipedes*. Os seus *reporteres* são aqueles *lanzudos*, em geral muito estupidos, que constituem o "serviço de intelligência," dos varios batalhões. Como quem referencía um ponto acrescenta um conto, como na secretaria e de manhã cêdo, antes de enviar o seu relatório, o official de observadores da *trincha* enfeita um tanto ou quanto o magro somatório da nossa bisbilhotice, depois de toda aquela papelosa chegar ao Q. G. e ser redusida a uma folha escrita á maquina, dividida em capitulos e separada em secções, quando nos volta ás mãos é curioso ver o aspecto que tomaram factos de nula importancia. E' assim que, no seu teclado, vão escrevendo a Historia os dactilografos dos quartéis geraes.

Em varios pontos do sector, em ruínas e pardieiros organisou-se um cacifo betonado com uma fresta co-

mandando sobre a trincheira do *boche*. Dentro de cada um desses buracos instala-se um soldado munido de resignação, de uma carta, de um óculo e de umas vagas noções de referenciação. E, conforme é hora do sono geral ou ha probabilidades do comandante entrar de súbito no posto, o observador dorme ou espreita pela frésta.

Na frente estende-se primeiro a parte avançada do seu sector. As observações aí são interessantes. O soldado vê se as panelas do rancho andam em movimento, se o comandante do sector de companhia anda levantado e na ronda, se por acaso o divisionario e o brigadeiro se levantaram cedo e vieram meter o nariz na nossa vida. Logo adiante é a "terra de ninguem," onde á luz do dia ninguem tem o mau gosto de passear. Depois é a *trincha* de Fritz, os seus corredores semelhantes aos nossos, as suas linhas de apoio, os seus trechos de estradas ainda transitaveis que são muita vez o prolongamento daquelas que nós usamos, os seus depositos, os pontos notaveis que servem de linha zéro á nossa artilharia e, disseminados na extensão do sector, os postos de observação donde áquela hora uns "inteligentes," como os nossos nos espreitam os movimentos para ajudarem a elaborar o *Daspektas almokreven*, que á noite, nos *museus* dali defronte dirá, como o do Q. G. portuguez, os seus contos da caróchinha.

Uma triste chaminé fumega lá adiante? Logo o nosso espertalhão regista: — "A's 8,30 fumegou em

X. 24. p. 30. 27.» Passa ao largo um *boche* ajoujado com uma trave, seguido de dois outros munidos de picarêtas? "Viram-se passar trabalhadores ao longo da Serpent-trench, dirigindo-se para Z. 16. c. 84. 18.» As *salchichas*, sobem e descem? "Subiu ás tantas o balão da direita. Desceu ás tantas o balão do centro.» Ao longe muito ao longe passa microscópica uma carroça qualquer? "Transito de viaturas ao longo da estrada de***»

Os homens não servem para este serviço de observação, que deve ser raciocinado para ser util. De nada servem notações que não sejam sobrepostas na ocasião e no local em que são feitas e é porque esse trabalho de sobreposição e de raciocínio é feito a distancia, num gabinete, que êle resulta ás vezes de tão pitorescas conclusões.

Lembrei, por vêses, que se encarregassem mulheres desse serviço, que na *trincha* tem de ser de pura bisbilhotice. Se qualquer de nós se puser á sacada da sua casa mirando a rua, com o encargo de apontar o que nela aparecer dirá: — "Ás tres da tarde passou um sujeito de lunêta e flor ao peito arrastando uma bengalinha.» "Ás tres e um quarto saiu, dirigindo-se para a paragem da esquina a esposa do sr. Silva da loja de ferragens».

O *Almocreve das Petas* concluirá no capitulo "Movimento observado" que aumentou no sector defronte o transito dos sujeitos de lunêta e que a madame Silva costuma tomar o carro de vez em quando.

Mas, se fôr uma mulher que tenha que registar o movimento ligará as duas observações e explicar-nos-ha logo que o arrastar da bengalinha do cavalheiro era o

sinal costumado para a senhora do senhor Silva, que nós não vimos espreitando por detraz da cortina, se ir encontrar com a flor ao peito que a esperava na paragem seguinte.

A observação, que são os olhos da trincheira, vê apenas. É difficil conseguir que ela raciocine, que dedúsa, que tenha as qualidades de paciencia e de persistencia indispensaveis. O que ela consegue enxergar é pouquissimo comparado com o grande mistério que se passa á rectaguarda das linhas que ela consegue dominar. Mas esse pouco, que é afinal o que nos interessa directamente: a posição nova de morteiros que nos vae massacrar no dia seguinte, o novo abrigo de metralhadoras que será o nosso pesadêlo nas noites proximas, a rendição que se efectua e que muda de uma para outra hora o feitio e o character do adversario, tudo isso é insufficientemente determinado e se tem no papel uma forma aceitavel é porque é cosinhado pela fantasia dos que passam a limpo os relatórios e acertam as contas e os somatórios das pequenas parcélas que a *frente* fornece.

O *Almocreve das Petas* é prudente. Quasi sempre os seus paragrafos começam por um "Parece," ou por um "Consta.". Parece-lhe que certas flutuações se relacionam com uma rendição e consta-lhe que se prepara uma demonstração de artilharia. De quando em quando conta com a maior serenidade o que disseram os prisioneiros e os desertores e, sabido o que podem conhecer da guerra os lapúses da Pomerania e da Saxonia, primos do nosso Folgadinho que não percebe cousa alguma, é de prever o crédito que a *trincha* liga a esses capitulos do boletim.

No entanto distrae-se lendo que o soldado Otto Schmitt afirma que as tropas estão muito abatidas e que as rações são insuficientes, que o cabo Karl Grippen declara, vinte linhas mais abaixo, que o moral é magnifico e o rancho excelente e concluindo que o primeiro é cavalheiro de má boca pronto a assinar a paz, ao passo que o segundo padece de apetite crónico e acredita nas arengas do Kaiser e dos seus profetas.

Outras vezes o boletim inclue em folha suplementar algumas novidades que lhe chegam atravez dos quartéis generaes superiores por meio da espionagem e anuncia ataques possiveis, grupamentos de tropas, concentrações de material e acrescimo de linhas ferreas mesmo deante do nosso nariz e, se nós fossemos crédulos, chegaria a convencer-nos uma vez por mez de que vae dar-se a grande batalha.

* * *

De quando em quando o *Almocréve* atrapalha-se um bocado com a ortografia do nome de certas localidades e com a topografia das frentes mais distantes. Ha por vezes uma certa confusão nos alfinetes de cabeça redonda e colorida, que nos grandes mapas dos gabinetes representam as unidades, os acantonamentos, as posições de artilharia, os moinhos de metralhadora e as plataformas do morteiro. Mas, em resumo, o boletim faz o que pode.

Apresenta, de longe em longe, deduções singulares. "Tem sido notado o movimento de soldados inimigos com papeis na mão dirigindo-se para V. 18, d. 26. 36.

Trata-se, sem duvida, de uma secretária». E a *trincha*, que sabe o que lhe vae por dentro, é de parecer que não seria mau que se tivesse fixado o sentido do movimento. Se os soldados saem com os papeis na mão, possivel é que se trate de um *museu*; mas se, pelo contrário, entram apressados, porque não havemos de concluir que se trata de um W-C. ?

Os meus abrigos

Todos nós viemos aqui renovar a aventura de Robinson Crusoe na sua ilha deserta. Pela trincheira abaixo, a certas horas calmas do dia, os *lansudos* fuínam, para um e outro lado, á procura de melhorias para as miseras cavernas onde estão condenados a jaser. Uma chapa de zinco que se descobre enterrada na lama, um tóro de madeira, um bocado velho de passadeira, tudo são fortunas inestimaveis. Um lençol impermeavel passado aos direitos, um masso de saccos de linhagem alarpardado durante os trabalhos da noite, uma taboa furtada num *dump* são cousas que não tem preço. Trabalham sem cessar os carpinteiros do batalhão, fabricam mobílias completas de um estilo especial e todas elas saídas dos caixotes de *Corned Beef* ou de leite. Aparecem inesperadas aptidões, decoradôres insuspeitados, e consegue-se ali na *trincka* dar a certos buracos um pouco de luz e de alegria.

A primeira vez que consegui o meu velho sonho de ver edificar a casa onde haveria de viver, foi na guerra. O terreno era barato, a paisagem pitoresca. Quiz ter a alegria de viver debaixo de um tecto, feito, por assim dizer, por minhas proprias mãos.

Não foi sem dificuldades que se levantou o primeiro abrigo: o *D. Aninha's Castle* de Neuve Chapelle. Logo de entrada me reconhecêra incompatível com o abrigo-elefante onde dormiam de cambulhada quatro ou cinco officiaes do *museu* e pôsera em campo durante tres dias partidos vários na recolha dos materiaes: traves de madeira, vigas de ferro, chapas de zinco. . . Uma noite organisou-se uma expedição a um deposito inglez afim de furtar o resto que faltava. Finalmente encetou-se a construção. A planta era simples: uma porta á direita, uma janela á esquerda, isto na fachada oposta ao *boche* e dando sobre o prado pantanoso que encostava á estrada de Pont Logy. De dia o trabalho tinha de ser feito a coberto das vistas dos *salchichas* e dos aeroplanos inimigos. De noite, quando se tratou de colocar o tecto e de o cobrir de sacos de terra as dificuldades aumentaram. Certia metralhadora *boche* começava ao lusco fusco a bater o nosso *decauville*. Abria o seu léque á esquerda e vinha depois rasar exactamente a parte superior do meu palácio cortando a rama das arvores á beira do drêno. Os camaradas encarrapitados nas vigas de ferro e entretidos em puxar o zinco ondulado tinham que, de vez em quando, desabar a toda a pressa cá para baixo enquanto zuniam os moscardos mortiferos.

Por fim pode tratar-se do arranjo interno. Os intervalos entre as vigas do tecto foram preenchidos com sacos de terra. O chão foi assoalhado. Pregaram-se os gonzos da porta, a janela ficou a funcionar. Ao fundo, á direita, a cama; perto da cama um caixote mēsa de cabeceira; junto á janela, a banca de trabalho feita de velhas traves e velhas táboas; ao lado outro caixote

mêsa de *toilette*. Defronte da porta o lavatório a um canto: outro caixote ainda suportando uma lata de chá bacia de mãos e ainda uma lata de gasolina jarro. Entre o lavatório e os pés da cama um *divan* feito de passadeiras e sobre o *divan* uma táboa servindo de prateleira e descanso de fotografias, postais ilustrados e ligada a um caixote-bibliotéca. Uma linhagem forrando as parêdes e ocultando as chapas de zinco, um rodapé e um *lambris* de madeira branca toscamente aplainados. Sobre a mêsa uma capsula de granada de artilharia cheia de flores de trincheira. Eis o *D. Aninha's Castle*.

* * *

Vivi ali alguns meses e creei áquelas paredes que eu vira levantar uma amisade profunda, a ponto que nos bolêtos dos acantonamentos de reserva não me sentia em casa. Era o meu refúgio. Foi ali que pude meditar os que meus olhos iam vendo e me nasceram os meus cabelos brancos. Ali podia ser eu mesmo e reflectir profundamente nos erros que dia a dia se cometiam e preparavam as tristes horas de hoje. Cá fóra tinha de ser para os meus *lansudos* o camarada alegre por quem eles me tomaram sempre. Lá dentro via a desastrosa impotência dos poucos que ali estavam com toda a alma, dos que, apesar de tudo, ainda encontravam alento para o seu sonho naquela luz superior animadôra dos que, como diz Augusto Gil,

...já sem remédio ainda esperam,
Os felises da desgraça, os que souberam
Pôr toda a sua fé num sentimento.

Deitado ao comprido sobre o meu catre, um Abdulla a arder entre os dentes, enquanto o meu espirito cismava nas suas saudades, nas suas esperanças, nas suas desilusões, pelo rebôrdo de uma das vigas do tecto, num equilibrio difficil, avançava um ratinho, o único que pela sua minúscula corpulência conseguia passar pelo intervalo dos sacos de terra. O bicharôco vinha por ali fóra. Não se lhe via senão a cauda pendente. De quando em quando deitava o focinho de fóra até ficar mesmo por cima da minha cabeça. Então eu divertia-me a atirar para a trave num jacto delgado o fumo do meu cigarro, até que uma baforada mais certa o envolvia de uma nuvem azulada e mestre Ratinho se escapulia a galope para o seu esconderijo.

Não havia ali uma bugiganga inutil e cada objeto tinha para mim a sua significação. Desde o friso colorido pregado na linhagem com alfinetes que corria em volta do tecto, até aos desenhos de Poulbot e de Mauzun, tudo falava de qualquer modo ao meu coração. No meu caixote bibliotéca cinco ou seis livros; *Le feu*, de Barbusse o que melhor entende e melhor exprime a alma do soldado obscuro, *Gaspard*, de René Benjamin, o unico livro de guerra que pode lutar com o do autor de *L'enfer*, *The first hundred thousand*, de Yan Hay que vê toda esta miséria com o mais enternecido e serêno humorismo, os albuns de Bairnsfather que serão um documento quasi único desta nossa vida, um livro de Courteline filosofo e das mil e uma paginas inuteis, que eu rabiscava antes da guerra e que estavam tão longe, as que mais estimo e as que mênos se vendêram: *Soldados de Portugal*.

E, quando as saudades eram demais, quando o de-

sanimo insistia na sua irritante melopeia, eu abria a porta e ia por ali abaixo ver a guerra, distrair-me e encontrar no espectáculo dos meu pobres *lansudos* transidos de frio, encharcados até aos ossos, sepultados nos seus abrigos de lama, o triste reconforto de espirito que nos dá a consciencia do sacrificio partilhado.

... Vivi ali meses. Um dia de neve, estando noutro sector vim pelas trincheiras fóra e fui ver o meu *D. Aninha's Castle*. Sob o meu nome, que eu escrevêra na porta, alguém tinha posto uma obscenidade. Espreitei pela janela. A linhagem estava arrancada e desaparecera a minha pobre estante. Sem duvida servira para acender o lume.

* * *

Em Ferme du Bois, uns quilometros para o sul, tambem fiz a minha casa num cacifo das ruinas pitorescas a que chamavamos o *Pateo das osgas*. Mesma decoração aproximadamente ; mas a mobilia, porque nos surgira de subito um marceneiro até então desconhecido, era suntuosa. Cheguei a ter, além de um cadeirão que Maple não desdenharia assinar, uma mesa de cabeceira com puchadores. Era um deslumbramento. Uma grande janela, cujos vidros ha muito ausentes mandara substituir por papel vegetal, abria sobre o deposito de munições. Uma granada *boche* que ali acertasse e era uma vez o *Pateo das osgas*, era uma vez a minha *Irene's house*.

Ali vivi uns meses, em certas noites bloqueado pela neve que entaipava as portas e tendo de saltar da cama

para ir aquecer os pés anquolisados ao miseravel fogã o dos sinaleiros. Ali voltei nos primeiros dias de abril e dali saí numa madrugada horrivel de tempestadê em que ás fúrias desencadeadas do ceu se juntava o furôr e stridente de toda a nossa artilharia, respondendo a um violentissimo bombardeamento inimigo. Eram três horas da manhã. Numa encrusilhada e numa capelinha abandonada uns soldados recemsaídos da trincha tinham acendido umas vêlas e resavam de joelhos na lama. Sessenta horas depois os *boches* estavam no *Páteo das os-gas* e no meu abrigo.

A repartição dos humoristas

O grande Q. G., tendo acordado em que um dos meios de prover as tropas do que se chama um bom moral é facilitar-lhes quanto possível o bom humor, organisou a Repartição dos Humoristas com delegações nas varias estâncias da Papelandia.

Ao começo certos pouco inteligentes não acharam graça nenhuma ás chalaças dos humoristas officiaes ; mas por fim todos acabaram por concordar que eram mancebos bem dispostos, levando a guerra como ela deve ser levada e fazendo a diligencia por alegrar a pobre malta que se aborrece tanto dentro da trincheira.

Um comandante de batalhão anda muito enfadado porque lhe falta a untura para limpêsa de espingardas? Estas enferrujam-se o melhor que podem e dentro em pouco serão uma sucata ordinária? O comandante refaz a requisição enviada quinze dias antes e expede-a com nota de "urgente". Então, nessa mesma noite e com um "Confidencial" por fóra, a R. H. (Repartição dos Humoristas) envia-lhe uma nota disendo que foi por várias



veses notado o mau estado das espingardas, que isso é pessimo para a saúde das mesmas e que sevêras contas serão pedidas aos comandantes de unidade. Com os cabelos em pé por causa dessa descomponenda, o pobre major numa "urgente", mais urgente ainda, explica que pediu e tornou a pedir e que, já agora, pede mais uma vez. Então a R. H. sae-se com a melhor. Por um motociclista envia uma "urgentissima", indicando ao desgraçado que "da untura que tem cêda metade ao batalhão visinho".

Doutra vez um batalhão, estando num estacionamento em que não havia água senão a que caía a potes do ceu e tendo o Folgadinho escangalhado todas as bombas, poz os seus carros especiaes no serviço de ir a umas léguas proximas buscar o liquido indispensavel. Ao cabo de dois dias partiu-se um dêles, que, com conhecimento da estancia imediata, foi para concêrto. Ao cabo de quatro partiu-se o segundo e ultimo que teve o mesmo destino. O comandante envia uma nota aflitiva pedindo pelo amor de Deus que se lhe envie um carro de água ao mênos. Os humoristas cismam um bocado e na volta do correio escrevem: "Dos seus carros de água mande apresentar um para serviço urgente nesta Brigada". Depois admiram-se que os majôres se viessem todos embora.

A Repartição dos Humoristas não fala portuguez como qualquer de nós, nem ao menós a lingua do "pas compris", em que Folgadinho é mestre. Fala *alinea*, uma lingua especial, um calão se preferem. Exemplifiquemos.

Um artigo da ordem do C. E. P. explica que as botas serão requisitadas ao Deposito Central d'Alcatruses em Calais e uma circular da Brigada elucida que as requisições em triplicado devem ser entregues até ao dia 15 nos S. A. da mesma. Passam quinze dias e um novo paragrafo, esse da Ordem da Divisão, anuncia que as butifarras se requisitam directamente á divisão e no dia 10. Mas, passados não são outros quinze dias, o sistema volta á mesma.

Qualquer de nós que tivesse de comunicar isto aos seus contemporâneos diria simplesmente : — "Participa-se aos interessados que as requisições de botas tornam a faser-se como se fariam o mez passado". Os humoristas, no exercicio das suas funções começam a falar *alineia* e disem-nos o seguinte: "5.º Que o disposto na ordem . . . do C. E. P. a que se referia a circular n.º . . . dos S. A. desta B. I. torne a vigorar, ficando sem efeito o exarado na nota n.º . . . dos mesmos S. A. que esclareciam a *alineia* . . . da O. S. n.º . . . da . . . D.º"

Isto chega á *trincha* no dia 14 á noite, num momento em que o cão do corneteiro a está bebendo de pé, em que a primeira linha se declara não muito segura e, dentro de uma caverna secretária onde não se anda senão de cócoras, o pobre ajudante tem de procurar em quatro caixotes para descobrir a nota que elucida a circular e a ordem divisionária que modifica a ordem do corpo. A requisição não parte, portanto, a quinze, pois não ha forma de providenciar e na tarde seguinte chega, vindo tambem da R. H., uma pergunta acerca dos triplicados que já não são duplicados e que deixaram de ir para o Q. G. D. para ir novamente para o Q. G. da B. I.

Sucedem a meúdo que se extravia um papel, que se perde um dos fios de Ariadne que nos conduzem no labirinto dos papeis e então é que os humoristas estão nas suas sete quintas. Passam um bocado de noite regaladissimos de pés para o fogão a forjar outra do mesmo género.

Os humoristas tem por véses brincadeiras trágicas. Enfiam-nos de um dia para o outro num sector novo sem nos darem um só papel ou um simples mapa. Em seguida requerem urgentemente um *croquis* do sector, o detalhe por coordenadas das obras a fazer, o dispositivo das metralhadoras ligeiras na escala de 1/10.000, etc. Pouco falta para exigirem uma serie de aguarélas dos pontos pitorescos e um panorâma a óleo da linha inimiga. Quando recebem todos os desenhos, que fizemos Deus sabe á custa de que dificuldades, passam-nos a limpo com tinta de várias cores, copiam á maquina os relatórios e fazendo um embrulho lacrado enviam-no-lo com a seguinte nota: — "Junto enviamos a V. Ex.^a a planta desse sector e respectivo plano de defêsa a que dará cumprimento immediato, comunicando com a maxima urgência as alterações que julgar convenientes".

E' aos humoristas que está confiado o cuidado de elaborar os regulamentos e as instruções. Estas versam sobre tudo: sobre teorias e pratica a dar ás tropas, sobre os metodos modernos de combate, sobre contabilidade, que sei eu... Aqueles disem respeito a licenças, a preferências para escolha de logares e comissões especiaes de serviço...

O grande principio que preside á confeção de todos estes diplomas é o já apontado : — “A vida de trincheira é uma vida exhaustiva para o corpo e estagnante para o espirito. E’ necessario agitar aquella rapasiada. Além disso anda sempre a queixar-se da insuficiencia da razão de vélas e da discussão costuma nascer a luz”.

Então, se se trata de disposições que seria urgente adoptar para contrapôr a esforços do inimigo, ha todo o cuidado em nos indicar processos irrealisaveis pela absoluta falta de meios. Falar-nos-hão no acrescimo de metralhadôras que o *boche* pratica, na utilização do fogo de morteiros como complemento das ações de infantaria, tendo-nos enviado na vespera nota de que não ha nas oficinas peças sobrelentes para *Machine-guns* e uma circular informando que os officiaes de morteiros estão sob as ordens da Brigada e não dos comandantes de batalhão. A *trincha* discute isto tudo. Diz dos humoristas, quando está de mau humor, o que Mafoma não disse do presunto. Quando porêm o Fritz fez a paz separada e o sol está acêso, a *trincha* diverte-se.

Como para o fiel cumprimento do dever não ha nada como a consciencia do uso plêno do direito e como dos direitos militares o mais sagrado é o de reclamação, os regulamentos são feitos de modo a atropelar o mais possivel as legitimas esperanças de cada um para que cada qual tenha a meúdo ampla liberdade de confiar ao almoço o que lhe vae a mais no coração. Concedem-se as regalías e fazem-se nomeações sempre de maneira que por um contemplado haja vinte com situação de poderem entreter os ócios fabricando um arrasoado a que chama “exposição”. E, emquanto ela vae e não vem, o que a fez e o visinho têm um as-

sumpto de palestra, um pretexto para a exaltação, os nervos andam vibrantes, o espirito acordado e de tudo isto não pode resultar senão cousas desagradaveis para o Fritz se se lembra de vir atacar um posto cujo comandante está fulo.

Foi da R. H. que nasceu a ideia do *roulement* e para que todos nós nos acabassemos por convencer de que o seu cumprimento integral era uma fantasia digna de espiritos orientaes, adoptou o sistema de pedir todos os quatro dias uma relação do tempo de serviço de cada um de nós. Assim se fiseram seis ou sete. Em seguida publicou uma alinea alterando as categorias e a contagem do tempo e pediu mais oito relações. Depois alterou novamente o que já estava alterado e foi pedindo papeis, até que, por fim, todos, mesmos os mênos inteligentes, perceberam que tudo aquilo era uma facécia de rapases bem humorados, a quem a guerra corre direita e tem por dever distrair de qualquer forma o espirito dos camaradas que vivem aborrecidos nas linhas avançadas,

○ medo

Se Bayard foi o cavaleiro sem medo, grandes capitães o tiveram e foram, ao menos um dia, um joguete nas garras do mais cruel inimigo do soldado. Henrique IV teve medo em Jarnac, a sua primeira batalha. Turenne, sentindo o rosto livido, as pupilas crescentes, os ouvidos besoirando, as maxilas descobertas como as de um cão que vae morder, o coração desordenado, um suor lento na palma das mãos, os joelhos entrechocando-se, bramia rancorosamente: — “Tremes, carcassa? Mal sabes tu ainda onde te hei de levar!...”

O Espirito — o senhor da casa — ausenta-se ás vezes de súbito e deixa-a entregue a essa serva cega e louca, a Medula, que numa ância tudo revolve e tudo desalinha. Um pobre montão de carne, de ossos, de artérias fica á mercê dos mil nervos grandes e pequenos que ela comanda e, se o senhor não volta rápido e lhe não consegue ter mão, é um irremediavel torvelinho em que tudo sossobra, um indescritivel furacão que tudo arrasa.

Nesta guerra de hoje, a mais formidavel guerra de material que a Humanidade tem visto, em face dos destroços causados por maquinas movidas ás vêses a de-

sênas de quilometros por inimigos invisiveis, ameaçado a cada instante por perigos contra o qual nada podem nem o esforço dos seus musculos, nem o faiscar da sua intelligencia, o homem tem inevitavelmente de sentir-se pequeno e mesquinho. Compreende que não é senão uma triste poeira dentro desta tempestade, que a sua vida nada tem que a garanta senão o Acaso, que uma vez metido na engrenagem e posto ao alcance do Monstro só um factor o pode ajudar : a Sorte.

O crusado, partindo para a Palestina, ensaiava sobre a unha o fio da durindana, apalpava os *biceps*, conferia a cota de malha e disia para sua esposa : — “Não ha novidade !” Que *biceps* ha que valham nestas regiões da trincha onde, de súbito, sem que ninguem nos previna, desaba do ceu um canudo metalico da altura de uma creança de sete anos; que, metendo-se pela terra dentro, abre com certo estrondo e para os lados um funil onde cabe uma carroça de bois ? Onde está o valentão de porta de café, mosqueteiro de bengala de cana da India, cuja cabeça seja mais resistente do que um morteiro mesmo ligeiro ? De que serve tambem a intelligência nestas paragens ? O próprio inventor da polvora, pessoa arguta ao que parece, não se livraria de, estando em palestra com um amigo, sentir de repente uma pancada sêca no pescoço ao passo que o amigo ouviria como que a passagem de um besouro grande. Não foi nada : apenas uma bala perdida que, atravessando a carotida dum o tombou na Eternidade e fez encolher a ponta do nariz do outro.

Aqui só a Sorte nos pode salvar e ha só um meio infalivel de não correr perigo nas trincheiras. E' nunca cá vir e esse é o sistêma que adopta o verdadeiro sábio.

Conheci nesta guerra — em materia de mêdo — duas categorias de individuos : uns que tinham algum mêdo sempre e outros que tinham muito mêdo ás vezes. Os primeiros eram os poltrões, os outros os valentes. Aquelles tinham mêdo quando não havia a minima urgência disso : haviam tido mêdo em Lisboa, teriam mêdo em Boulogne ou nos quartéis generaes e tinham mêdo nos dias bonitos, mêdo nas noites escuras, mêdo pela manhã, mêdo no intervalo das refeições, mêdo acordados, mêdo a dormir Levavam a vida cismando que podiam morrer nesse dia ou no seguinte ou no mez que estava para entrar. Lembravam-se de tudo : da sua meninice, das graças que disiam quando eram pequenos, da falta que fariam á familia e do desgosto que havia de ter ao saber da noticia do passamento aquele bom padrinho entrevado que tinham deixado em Portugal. Olhavam para o espêlho e disiam : — "Coitado ! Mesmo na flor da idade !". Tendo sido forçados a vir para a guerra e não tendo podido furtar-se a ella, chegaram a convencer-se de que ella não passava de uma questão pessoal e lhes era movida directamente. Nada os interessava senão a integridade do seu esquelêto. Bem se lhes dava quem fosse o vencedor e viviam no sonho de uns sapatos de ourêlo que tinham deixado ficar aos pés da cama.

Felizmente esta guerra da *trincha* tem as suas acalmias e não mantem a violência constante que lhe supõem certos paisanos, imaginando que a artilharia trôa de pela manhã á noite e que nos cae uma granada em vólta todos os cinco minutos. O medroso tambem vira

a guerra assim. Afinal ha sempre umas horas para dormir, uns dias para descansar e ouvir tocar o gramofone, escrever postaes illustrados á familia e invejar com rancôr aqueles bandidos que estão lá para a retaguarda. A obsessão tem as suas fólgas e o medroso os seus sorrisos. Sofre tambem a ação do ambiente, que tem um moral médio rasoavel. O medroso chega, fóra da *trincha*, a gracejar com a guerra e nunca perde afinal a esperança de conseguir escapulir-se um dia. Não contem com êle para procurar o perigo, para andar pelos sitiões mal frequentados por granadas e para que vá voluntário ás patrulhas. Numa hora grave será um empecilho e ha que contar com a sua ação negativa. Fóra disso é uma excelente pessoa e em geral joga bem ás cartas se é official, tem geito para pulir os cabedaes se é soldado e tem uma bonita letra se é sargento. Ele mesmo explica o seu caso : — “Não nasci para estas cousas.” “Estas cousas” é morrer de repente.

Os valentes guardam-se para ter mêdo nas ocasiões. Não faltam, — as ocasiões entenda-se. Normalmente o valente, convencido como está, conscia ou inconscientemente, de que tudo depende do Azar, pensa apenas que pode morrer no momento em que um *pôrco* lhe rebenta a trinta metros dos cotovêlos e a choradeira dos estilhaços lhe canta em tórno das orêlhas. Tambem deita contas á vida no momento em que um aéroplano de bombardeamento, que paira a tresentos e cincoenta pés na vertical, pára de subito o motor. Cisma em várias

disposições de carácter grave quando o nomeiam para um *raid* a casa de Fritz. Fóra disso dorme se pode, fuma se tem tabaco, lê ou ouve ler os jornaes atrasados chegados nesse dia e entretém-se conforme as suas habilidades, rimando versos, escrevendo crónicas, desenhando mapas, arranjando castões de bengala, saboreando romances, disendo mal do general ou do capitão ou não fazendo nada.

Não altera os seus itinerários. Gira pela *trincha* e descasca o seu serviço como se nada fosse. Mira os astros, aventa previsões metereologicas sempre erradas e tem a meúdo uma cousa para faser no dia seguinte, o que é um excelente sintôma de serenidade de espirito. Ás vezes traz o seu idílio organizado cá fóra e a trincheira faz-lhe um grande transtôrno por não poder falar ao namôro.

O valente é, em resumo, aquele que, despidas as curiosidades e as incertesas das primeiras horas, se habituou a esta vida que tem seu quê de charco de rãs, de buraco de toupeiras, de tremôr de terra, de queijo amanteigado, de cuja miseria moral nem todos podem entender a grandêsa. Ha quem consiga ser alegre e ter o espirito prêso a pequenos nadas cheios de encanto. Ha mesmo casos estupêndos: — o do Madruga, aquele soldado da primeira, que dorme sempre nas covas que os outros desdenham e que, quando vae para as patrulhas de escuta na terra de ninguem, tem de ser acordado ao bofetão porque chega lá, instala-se numa cratera pequena, põe a espingarda para o lado e, puxando o impermeavel para o nariz, só lhes falta soprar a luz antes de adormecer. Seria uma barbaridade acordá-lo, se não dependesse da sua vigilância a segurança

da linha. Não se faz ideia da expressão com que êle responde a quem o agride pela sua sonolência incurável e lhe mostra os perigos a que se arrisca: — "Ora! Se calhar, não tinha de calhar." Com efeito. Se tiver de calhar, que adeanta ter mêdo? E, se não tiver de calhar, para que serve tê-lo?

«Palmípedes e «cachapins»

Numa multidão nada distingue, á primeira vista, o *palmípede* dos seus camaradas. Examinando de perto, observa-se que na góla traz umas palmas — daí o seu nome — e na manga direita um braçal verde rubro. Então ha que curvar-se cada qual perante o representante dessa casta superior — o Estado Maior — de que depende, quasi tanto como do *boche*, a nossa vida e o nosso destino. Ele é o cerebro intelligente que pensa, resolve e ordena. Nós constituimos o braço que executa e faz os gestos de vez em quando.

Não somos nós, malta obscura, que fazemos a guerra. E' êle, o *palmípede* e, para que nós trabalhêmos de madrugada, deita-se cêdo em uma cama agasalhada e reflecte sempre dez minutos antes de conciliar o sôno. Tem muito em que pensar, e para que o seu pensamento possa desabrochar completo como uma bela flor, uma cousa é necessária acima de todas: que nós nos aguentêmos na primeira linha. Para isso faz tudo quanto pôde. Distribûe-nos a sua ciencia em folhêtos

e opúsculos, introduziu-a nas ordens e instruções e, á tarde ao fechar o seu gabinete, antes de ir tomar o seu chá e dar uma volta no "seu" automovel, põe a guerra toda em ordem, fecha-a na gavêta, guarda sob o pisa-papeis um bocado de guerra que ficou de fóra e, satisfeito de si mesmo, murmura: — "Comtanto que aquella malta não faça asneiras! . . ."

O *palmípede* sabe cousas extraordinárias. Estudou no Curso Superior de Guerra toda a maneira de dar batalha, desde as guerras pûnicas até á dos Balkans. Esta de hoje não a sabe ainda bem; mas, em ella acabando, verão. Nenhuma tactica lhe é extranha, desde a fórma de combater dos grêgos até as formações napoleónicas. Explica o cerco de Troia e tambem a tomada de Sebastopol. Ha uma cousa então em que elle é inexcedivel: a Orgânica. Indica, sem o menor erro de arithmetica o numero total do pessoal, animal e artigos de material de que se compõe um corpo de exercito, sem faltar uma viatura hipomovel ou automovel, de duas parelhas ou de vinte e quatro cavalos, armamento, equipamento, fardamento e calçado. Põe a guerra em acção em trinta folhas de papel almaço de uma maneira inexcedivel e, quando terminou as observações e chamadas, a guerra está prompta. Falta só fazê-la.

Não cuida apenas da organisação. A seu cargo tem tambem as operações. Estende um grande mapa. Como é ainda pequeno, acrescenta-lhe outro á direita e um terceiro á esquerda, começa a espetar alfinetes, a estender cordelinhos e dali a pouco conhece aquilo como os seus dêdos. Os problemas, que tem a resolver, não lhe apresentam grande difficuldade. A' luz pacata de um candieiro coberto de um quebra-luz verde, enquanto

longe se ouve o rumor surdo da artilharia e uma boa chamma crepita no fogão, ele desloca os seus alfinêtes. Este de cabeça encarnada é um batalhão. Espeta-se mais adeante ou mais atraz. Estes outros de cabeça amarela são baterias de artilharia que se desviam para os flancos ou para a rectaguarda com a maxima singelêsa, a não ser que a madeira da prancha seja dura e o bico do alfinête esteja torto.

No dia seguinte o comandante de batalhão não tem os carros necessarios para os transportes, o seu material a deslocar excede em volume uma catedral de boa apparencia, o gado das baterias é insufficiente, os boletos dos acantonamentos são diminutos, as *étapes* são excessivas, surgem dificuldades inesperadas: doentes a evacuar, reabastecimentos a estabelecer e o *palmipede* tem por vêses que se incomodar, que vestir o seu casaco de péles, de se enfiar debaixo do *couvre pieds* do "seu" automovel para ir verificar a ignorancia bárbara da misera malta que não usa braçal e a reluctancia que os alfinêtes de cabeça colorida tem em realizar cousas afinal tão simples.

O *palmipede* vive esmagado pelo trabalho. Nunca tem tempo de ir ás trincheiras. Pésa-lhe sobre os hombros a montanha de papel que êle cada dia vae parindo, rato da Orgânica e da Operação. Passa a existencia a ocupar-se da *malta* e ela, a ingrata, queixa-se sempre. É insaciavel. Não se contenta com os mapas: quer botas, quer munições, pretende mudar de calções e não ha peúgas que a fartem. Depois obstina-se em afirmar que ha *fermes* onde não cabem cinquenta Folgadinhos, que uma barraca de lona não pode comportar um pelotão, que as febres não se curam com *pikles* e os em-

baraços intestinaes com *corned beef*. Surgem por vêses creaturas preocupadas com cousas minimas que falam do moral a manter, do fisico a cuidar, que apresentam reclamações e fazem exposições, que enviam relatórios com objecções e respondem tôrto. Para mais a gente da *trincha*, quando calha de topar, na altura dos quartéis generaes, um *palmípede* em liberdade, tem uns certos sorrisos. Que tropa ! O *boche* é o menos. Para êle, lá está a *malta* adeante. Mas quem livrará o *palmípede* da *malta* !

O *palmípede* é sobretudo interessante quando é de via reduzida, do curso expresso de seis mêses. Evidentemente não sabe tanto como os genuínos ; mas basta olhar-se para êle para ver que nos domina absolutamente em ciencia da guerra, embora a má lingua da *malta* afirme que esse curso superior de semestre foi uma grande descoberta para muitos que a *trincha* esperava de braços abertos.

* * *

O *cachapim* é aquele camarada, que, oriundo como nós das camadas modestas do exercito, não sabendo da guerra de Troia nem sequer de organizar as camisolas na propria mala, conseguiu um logar á rectaguarda. Ou esteve na *trincha* um tempo e conseguiu de lá sair — o que demonstra a sua intelligência — ou, devendo para lá ir, nunca lá poz os pés, — o que prova que é muito mais esperto do que parece. A guerra é uma calamidade ; mas, havendo maneira de se ir passando essa calamidade a muitos quilometros da linha numa repartição

onde os dias são monótonos e num bolêto tranquilo onde as noites são remansosas, porque não se ha-de colher a ocasião que passa sob o aspecto de um conhecido agalado ou de procurá-la por meio da carta de um amigo bem colocado em Lisboa ou na própria frente.

O *cachapim* não vive, porém, inteiramente tranquilo. Ha sempre uma probabilidade de que o remetam ou o reenviem para a *malta*. Ha gente por lá que angaria preferências para os logares de repouso, que se deixa ferir estupidamente ou ganha louvôres e condecorações. Circulam de quando em quando boatos de rotação. Diz-se que os da rectaguarda passarão para deante e os de deante virão aprender a dormir com *édredon* e a ter chinélas. No fundo o *cachapim* está convencido de que tudo aquilo são historias e fantasias; mas quem sabe?

O *cachapim* está tão bem! Já arranjou a sua casa, ar-
rumou o seu quarto, já tem a sua aventura de socieda-
de com um motociclista inglez. A sua existencia funda-
se no grande principio de que um exercito não pode
estar todo em primeiras linhas. Ouviu mesmo diser que
o escalonamento em profundidade é o segredo da vi-
tória. Evidentemente num turbilhão destes nem toda a
gente pode jantar com guardanapo e se, como é inega-
vel, deve haver quem esteja longe para evitar um de-
masiado rendimento do fogo adversário, não ha rasão
nenhuma, a seu ver, para que êle não faça parte do
pessoal diligente que tem a seu cargo cuidar dos que
estão na *trincha*. Os outros fasem patrulhas e vão aos
raids, é verdade; mas, se êle não estivesse na guerra,
quem havia de passar a limpo as cópias do extracto das

instruções do Q. G. ácerca dos salvados e da utilização das latas vazias?

Depois não digam que não está em perigo. Ha quinze dias passou um aéroplano a duas mil jardas para a direita e foi deitar bombas a dôse quilometros. Ninguém dormiu nessa noite e, no dia seguinte, na repartição, não se falou doutra cousa. Só o que o tenente coronel dos enterros contou!

Como um dos heroes de Barbusse, ninguem imaginava que durante a guerra houvesse tanto militar sentado em cadeiras e, tambem como um dos pobres diabos do *Feu*, a malta leva os seus dias a bramar que são de mais e que esses "de mais," quasi nunca são os que lá deviam estar.

Um pintor nas “trinchas,,

Numa tarde de Dezembro em que o frio cortava como navalha de barba, de dentro de um automovel do Q. G. saltaram duas pessoas e uma délas, indicando-me a outra, disse :

—“O pintor Sousa Lopes !”

Era numa aldeia da rectaguarda onde a minha malta descansava uns dias. Conhecia de nome o artista que me apresentavam, vira dêle uma exposição em Lisboa e uma grande simpatia me aproximou desde logo desse rapaz que não hesitára em deixar a vida tranquila do seu *atelier* em Paris para seguir a existência vagabunda e não isenta de perigos de pintor do C. E. P.

A pessoa é profundamente insinuante. Um corpo meão e atarracado, uma cara redonda e ao mesmo tempo fina, uns olhos inteligentes com a doçura dos olhos miopes e, em tudo, na correcção do falar, no agitar discreto da fisionomia, na redusida amplitude do gesto, no comedimento das atitudes, aquêle toque que a França impõe aos que néla permanecem longo tempo.

Na conversação que entabolámos a minha primeira impressão extremamente agradavel afirmou-se definitivamente. Sousa Lopes saíra da sua existencia estabele-

cida com esta ideia bem patriótica: a de fixar nos seus carvões, nas suas aguas fortes, os lances principaes da vida dos nossos soldados em França. A parte financeira do seu contrato era uma miséria. Apenas o movia o seu interesse de artista portuguez. Caíra, porem, num meio em que a realisação dos seus desejos era difficil: o dos quartéis generaes, onde a sua missão e os seus planos não eram suficientemente comprehendidos. Depois, mal êle vestira a sua farda de capitão equiparado, tinham esquecido que êle era um pintor e um aquafortista e só viam nêle um official dos serviços extraordinários. Deveriam dar-lhe todas as facilidades, deixá-lo vagabundar e facultar-lhe para isso todos os meios. Succedia, porem, que nada se fazia em seu soccorro. Vivia meio esquecido e semi-abandonado. Quando tanto inutil tinha um automovel para passear a felpa dos sobretudos inglêses, Sousa Lopes tinha que esperar que um dia uma viatura menos carregada o pudesse transportar.

Quando o vi em Dezembro do anno passado não excedêra ainda a linha das escolas e o seu *album* de apontamentos apenas continha esboços sem maior interesse para êle nem para a sua obra.

Como o artista me pedia que lhe sugerisse alguns assuntos curiosos, disse-lhe no abraço de despedida:

—“Venha connosco para as trincheiras. Aí terá tudo.”

Dois meses depois, estando em Ferme du Bois, novamente um automovel do Q. G. me trouxe Sousa Lopes. Vinha radiante. Já passára alguns dias num sector

da extrema esquerda, fiséra cartões de que tinha direito a orgulhar-se e vinha pedir-me que o recebesse na minha *trincha* e o hospedasse durante um periodo ou dois. Nessa mesma tarde, embora a minha gente estivesse em reserva, fomos dar juntos um passeio até aos dominios que haviam de ser nossos dentro de algumas horas. No dia da rendição, fiel ao seu compromisso, Sousa Lopes deu entrada no *Pateo das Osgas*, o *museu* de Ferme du Bois, seguido de um soldado que sobraçava, além da diminuta bagagem do pintor, a pasta dos seus desenhos.

Daí por diante, durante uns quinze dias, o autor do celebre retrato de Verahnhem foi um *lansudo* autêntico. Ouvi-lhe dizer mais de uma vez — e creio na sua sinceridade—que não esqueceria nunca mais a sua permanencia entre nós, o bom humor constante que reinava nos meus rapases, a alegria despreocupada que animava o *Pateo das Osgas* e fazia com que as noites decorressem entre ditos e anedoctas, alumiadas por *punchs* successivos de que o artista, sóbrio por convicção, se arredava um pouco, mas que davam á sua retina de pintor especializada em colher efeitos de neve, de luar e de toda a sorte de iluminações extranhas, aspectos curiosos que êle fixou em *croquis* magnificos.

Os soldados, vendo-o entrar, de rosto glabro e rosado, de falas mansas e gestos comedidos, tinham-no imediatamente baptisado: —“Aquele nosso capelão que tira fotografias com um lapis . . .” e êle, logo de manhã cêdo, começava a trabalhar. Seguia pelo sector fóra, parando aqui para fixar uma dobra de trincheira interessante, mais adeante para desenhar um *dog-out* ou um posto de gaz e os *lansudos* que circulavam abaixo

e acima, na vida habitual, pasmavam de encontrar de súbito, sentado sobre uma banquêta, aquele senhor capitão, de óculos postos, que os não mandava cavar, que os não tratava por tu e estava ali tão entretido a desenhar. Em vinte e quatro horas tinha conquistado toda a gente, oficiais e soldados e, acima das suas qualidades pessoas ou de artista, todos nos sentíamos encantados pela camaradagem voluntária dalguem a quem os morteiros e granadas não impressionavam, que nem pensava mesmo nisso, pois — confesso — nunca vi serenidade que se assemelhasse á do nosso "capelão que tirava retratos com o lapis".

* * *

Sousa Lopes desenhava na primeira linha dum sector nessa altura sofrivelmente agitado como se estivesse no seu *atelier* da Rua Mallebranche. Apenas, de quando em quando, perguntava muito delicadamente a um fachina, que passava com uma panêla de rancho, se porventura estava ali perturbando o serviço... A' sua presença na *trincha* deve-se um acrescimo de trabalho verdadeiramente apreciavel. Apenas êle se instalava a caválo sobre uma cadeira para desenhar um canto do *Pateo das Osgas*, logo a um sinaleiro lhe apetecia fixar um fio sôlto, uma estafêta lembrava-se de limpar as passadeiras, o cosinheiro vinha rachar lêinha para a porta do seu cubiculo, os impedidos engraxavam com furor as botas dos patrões e viu-se este caso estupendo do *Menino dos Holofotes*, creado de quarto do tenente sinaleiro, marau que nunca na sua vida fizêra coisa

nenhuma senão andar enrodilhado num *cache-col* de estimação, pegar numa picarêta e agitar-se numa actividade febril. E' que todos queriam "ficar no retrato".

E, com o seu sorriso fino, piscando os seus olhos miopes, procurando a linha e o tom, Sousa Lopes ia recolhendo para a Posteridade os detalhes daquela ruina tão pitoresca onde viéra acolher-se. A' noite, emquanto á luz de algumas vélas, traçava o *fusain* do meu retrato, conversámos e ele disia-me o seu desgosto de ter perdido tanto tempo e de não ter encontrado até então verdadeiras características que o inspirassem. Fôra necessario vir á trincheira para topar algumas. Nas zonas da rectaguarda os tipos eram pálidos, esquivos, sem linhas que os vincassem e arrastavam nos seus aspectos fisicos a inconsistência da sua presença moral.

Contava-me tambem anedoctas curiosas. Aquele pai-sano de nascença, que sentira acordar a sua vocação artistica no canto duma farmácia da provincia, aquele portuguez lavado pelo espirito francez, observando tão de perto a vida dum exercito em campanha, vendo a guerra sob as granadas sem tomar parte néla, tinha uma facilidade de observação e uma prestêsa de reflexão que nunca encontrei em falso. Já então tinha reunidos todos os elementos para a sua agua forte. *A rendição*, que ha-de ser o elemento capital do nosso museu da guerra e que altos galões lhe tinham aconselhado a que possesse de parte, pois o movimento da malta, voltando á tóna da vida, não era feito em formatura regulamentar (!)

Das minhas melhores recordações da guerra, uma das que mais profundamente me impressionaram e me sensibilisaram mesmo foi a convivência com Sousa Lo-

pes, ali nas linhas, nas barbas de Fritz. O corpo expedicionário foi infeliz e mal servido em muitos dos seus aspectos. Foi felicissimo no seu pintor. De toda a documentação artistica a d'êlé ficará porque foi sinceramente vivida e inteligentemente raciocinada. Depois digâmo-lo sem rebuço: Sousa Lopes foi um optimo soldado. Todos o podemos verificar e foi assim que êle entrou nos nossos corações. Os *lansudos*, ao vê-lo trabalhar á beira da terra de ninguem, miravam para os lados do *boche* e Folgadinho murmurava:—“E se vem um morteiro?...” Todos pensavamos o mesmo, juntávamo-nos em sua volta como para o proteger e de nós todos o mais serêno era êle. Se alguma vez interrompia o trabalho, era apenas para diser com a sua voz de pessoa muito bem educada:

— “Eu não sei se estou incomodando...”

A recóca

Ao sr. José Carril, meu impedido

Folgadinho, apenas chegou á guerra, vendo que ôla não era nenhum *pic-nic*, vendo tambem — porque não é cêgo — que da gente de galões mais de metade anda fóra das linhas e o restante, salvo raras excepções, accitaria de excellente grado um cachapinato caído do ceu numa manhã de bombardeamento, reflectiu e verificou que aqui mesmo na *trincha* e em plena malta ha situações em que, com a ajuda de Deus e da Senhora dos Aflitos, se pode estar mais livre da triste occorrença de ser colhido por uma bala ou por um estilhaço. E passa a vida a sonhar com a *recóca*.

Ha, dentro do batalhão, os *recóqueiros* natos. É a gente do parque: os tratadores do gado, os conductores das carroças. Não é evidentemente na trincheira de fogo que se ha-de estabelecer o bivaque dos transportes. Não seria de grande prudência collocá-lo mesmo na linha das baterias de apoio. Põem-no então ainda para trás dos acantonamentos de reserva, quasi ao pé dos quartéis generaes divisionários. E, para os que não

tivêram a dita de se poderem encaixar na tranquilidade absoluta das rectaguardas, essa é a grande *recóca*. Ha um bocado mau a passar á noitinha, quando os carros do reabastecimento vêm até á *trincha* derramar sobre nós as benções do *corned-beef*. do leite em latas, do pão e da bolacha. O *boche* enche a essas horas as estradas, de moscardos zumbidôres; mas, havendo o cuidado de caminhar sempre do lado da viatura oposto ao Fritz, poucas são as probabilidades de incómodo. De dia é o socêgo, é a sonéca á sombra de grandes arvores, a partida de bisca ou, quando Deus quer, a perdição da batota armada ás escondidas por detrás daquêle edificio que ha no páteo de todas as *fermes* e que se distingue por um numero 100 maiusculo ou por um coração recortado na espessura da madeira. No parque tem seu palacio o rei dos *recoqueiros*: o cosinheiro do provisor. Este ultimo vive bem, alimenta-se com cuidado, mantem excelentes relações com os recursos locais e o fachina que o serve é um principe. Emquanto na frigideira assobia o refugado e na grande panéla está cozendo a couve flor, lá muito longe tosse a artilharia o seu catarro crónico e o cosinheiro em mangas de camisa ou de camisola de lã vae pensando que, se a guerra é aquilo, não havia afinal tantas rasões para ter mêdo d'ela.

* * *

Na trincha ha os *recóqueiros* profissionaes e os *recóqueiros* ocasionaes. Que me disem ao S. P. C., ao nosso amigo do correio? Vive ao pé do *museu*, num abri go especial com uma lata á porta destinada a receber a

correspondencia e, grão mestre do carimbo da censura, com uma bicycléta para seu uso, bem tratado por toda a gente que sempre espéra d'ele ou uma carta da familia ou uma encomenda da madrinha de guerra, esse funcionário está quasi garantido. Tem que faser, não ha duvida — é estupendo o que este povo de analfabétos escreve — mas, emquanto os outros fazem patrulhas ou cavam e lhes desabam em cima as cataractas do ceu e os cataclismos de Berta, este está pondo em ordem e atando em macinhos as recomendações para a menina Rosária e as saudades ao Manuel da Tenda e a história que o 67 da 1.^a conta á madrinha D. Ermelinda de ter perdido a chave do reducto da 2.^a linha, que custa cinquenta francos e que o *nosso* capitão lhe vae descontar. Durante o dia corre para a Brigada a levar a sua trouxa e a buscar a que tão anciosamente esperamos. De caminho faz o seu recado: traz cigarros para o comandante, um pau de sabão de barba para o ajudante, uma gravata para o sr. doutor . . .

Os sargentos e cabos da secretaría tambem são *recóqueiros* de pôlpa. Em constantes *rounds* de *box* com a pasta do copiógrafo, os d'êdos sempre roxos da tinta communicativa, ouvindo de quando em quando o mau humôr do chefe a quem exigem uma relação que já se enviou na antevéspera, afinal sempre chega a hora de irem jantar á companhia de suporte e serem aí as pessoas importantes que contam os segredos de gabinete, que dão as noticias secretas, que referem as boas piadas que o *museu* deu á luz durante o dia. São aguardados com impaciencia e as novas que trazem, as esperanças de que são portadôres, correm como um rastilho pela trincheira abaixo.

Dos impedidos dos officiaes do *museu* nem se fala. Quando o patrão vae á linha fazer uma ronda ou verificar um serviço, o nosso amigo trata de se esgueirar, de não apparecer para não ser convidado a servir de ordenança. Se o procuram, vão sempre encontral-o no ponto oposto, tendo de súbito descoberto que é preciso escovar a calça comprida, untar de pomada as botas velhas ou puxar o lustro ao cinturão. Se não ha perigo de passeio incómodo, a cosinha atrae-o. O cosinheiro da *mess-mór*, outro *recóca* de se lhe tirar o capacête, tem sempre um petisco que sobeja ou empresta as brasas do fogão para uma frescata suplementar. Discutem cousas várias e não se tratam pelo nome próprio, mas pelo dos officiaes a quem servem. De resto o mesmo succede ás montadas no parque. Não se sabe nunca o numero dos cavalos. Sabe-se, porém, que o alasão inteiro é o *Comandante*, que a piléca que méte os cascos para dentro é o *Ajudante* e assim successivamente.

Os estafêtas do batalhão tambem passam entre a malta por estarem na *recóca*. Todo o dia e toda a noite giram trincheira abaixo e acima, a levar e traser despachos. Não tem conto as vêses que têm de andar de cócoras ou de gatas pelos drênos e pelas trincheiras velhas ou de esperar dentro de uma cova que o Fritz põ nha têrmo nas suas manigâncias; mas, porque dormem — quando dormem — cá em cima, porque privam com o *museu*, os Folgadinhos olham-nos de resto e pouco falta para os considerarem embuscados.

Ha ainda o *recóqueiro* ocasional que deve aos seus talentos pessoaes a situação de privilégio de que gósa. Temos o alfaiate que, emquanto os camaradinhos vão para a *trincha*, fica na arrecadação do apoio a virar uma farda ou a transformar uns calções. Temos o sapateiro que é habil em ageitar ao pé de cada um as botas *dread-noughts* que se compram nas cantinas inglesas. Ha o carpinteiro que transforma um caixote numa prateleira e uma prateleira num caixote sem o menor embaraço, levando apenas o maior tempo possível. Ha o funileiro que arranja os *souvenirs*, que duma capsula de granada faz um cinzeiro, duma espoleta um tinteiro, duma granada de espingarda um castão de bengala e dum morteiro pesado não rebentado um alfinête de gravata. Estes pobres *recoqueiros*, cuja *recóca* pode cessar de um dia para o outro, fazem tudo para conservá-la e o seu primeiro cuidado é arranjar uma caixa de ferramenta. Em tendo uma lata fechada a cadeado ou um caixotinho de tampa corrediça julgam-se seguros. Transportam-nos bem á vista, pouco falta para que, á laia de tabolêta, escrevam no capacête : — "Fulano da 1.^a, alfaiate. Será possível? Uma farda virada por um franco e cincoenta!". "Cicrano da 3.^a, funileiro em todos os géneros."

Pobres *recócas* da trincha, como me divertem e como eu vos entendo! Na hora em que tudo se baralha e tudo se confunde, as vossas imunidades rebentam como bólas de sabão. Bem sei que, quando é preciso e vos chamam ou muita vez de vosso livre desejo, vocês vão aonde os outros chegam. Quantos impedidos andaram na zona neutra a dois passos dos seus patrões, prontos

a defendê-los como amigos! Também sei que se vos pode pedir sacrificios e que, a méido, sois os primeiros a ofrecê-los. Os cosinheiros largarão as suas panelas, o sapateiro a sua sovêla, os escribas as suas canêtas para pegar na espingarda e na granada de mão. Mas, enquanto o momento não chega, se é necessario que se remendem os calções e se, na proxima licença, um *ananaz* alemão transformado em caixa de costura fará sensação num pacato recanto de Portugal, porque não hão de ter a ilusão de folgar um pouco entre a malta alguns destes pobres diabos, que estão aqui esquecidos, quasi abandonados e afinal sempre espreitados pela morte, a qual, ás vêses, por ironía e para que se não possam fixar principios e sistêmas, vae exactamente attingir aquêles que se julgam mais seguros nas suas *recó-cas* e poupa os que, á primeira vista, mais arriscados andam.

As cidades mortas

Em certas tardes de fólga, quando se podia montar a cavalo e galopar uns quilómetros, os passos das nossas montadas levavam-nos infalivelmente áquelas cidades que iam morrendo aos poucos, Armientières, Béthune... Perfeitamente ao alcance dos canhões *boches*, na linha de passagem dos aéroplanos, centros de tráfico importante, constantemente sobre elas caía a furia destruídora do inimigo. De cada vez que lá voltávamos, encontrávamos no chão várias das suas casas. Dia a dia se iam tornando um montão de ruínas onde dentro em pouco só poderiam viver cães e soldados.

A população civil que ainda as habitava, que tinha instalado locandas dentro de compartimentos sem portas, *aberto estaminets* e *for officer's only* nas melhores edificações, que ainda mantinha tristes casas de chá, pobres lojas de modas e quinquilharias baratas, raro era gente dali. Tudo eram refugiados das localidades de frente, das que estão á beira do *boche*. Eram aquelas pobres criaturas moralmente desamparadas, filhas a que faltam as mães, mulheres que perderam os maridos, expulsas dos seus lares e que se agarravam áquele descalabro,

vivendo de todos os comércios, vendendo suspensórios e sorrisos, no meio desta formidável miséria que nos acabrunha se porventura pensamos néla.

Os habitantes daquellas cidades, os que nélas nasceram e tinham a sua vida presa ás parêdes que a artilharia inimiga e os torpêdos dos *gothas* e *aviatiks* iam destroçando aos poucos, fugiram um dia, foram para outros pontos da França reconstituir um lar em que se terão sentido estranhos e ao qual regressarão afinal, a alma em pedaços, quando, terminada a guerra e tendo voltado ao seu rincão natal, poderem contemplar o que dêle fez a barbarie da guerra.

Todos nós, os civis e os militares que por aqui giravam, somos afinal uns intrusos que invadiram sem piedade, dura e cinicamente, circulando como senhores, estas ruas e estas casas que outróra tinham quem as amasse, quem lhes ligasse o seu coração.

Se calha de se topar alguém que ficou, mais miseravel que os que partiram, mais prêso talvez ás pedras familiares, no fundo dessas almas vamos encontrar uma tristêsa e um constrangimento que gélam o sorriso nos olhos e matam as palavras na bôca.

Que horrivel tragédia a das cidades que aos poucos vão morrendo !

* * *

Certa vez, num acréscimo de ódio e de furor, o *boche* decide acabar com aquilo. Sobre Armentières caem aos milhares as granadas de gaz, durante tardes inteiras, circulam *camions* cheios de feridos, queimados e cegos

Sobre Béthune desencadeiam-se miríades de granadas incendiárias e a grande cidade histórica das guerras da Flandres é durante quasi oito noites um formidavel braço que ilumina a muitos quilómetros em redôr.

Os que quiséram faser essa peregrinação e tornar a vêr essas pobres pedras martires, esverdeadas pelos gases toxicos ou enegrecidas pelas labarédas, sentiram de subito uma vontade horrivel de gritar. O mais alto talento não descreve aqueles horrores. E' um corpo definitivamente morto que pisamos, um corpo retorcido pelo sofrimento, em que certas esquinas ainda de pé parecem mãos enclavinadas erguendo-se para o ceu a pedir soccorro. Bréchas grandes, aqui e acolá, abertas no alinhamento das ruas pelos desmoronamentos ou pela explosão de uma bomba aérea, parecem largas feridas e a impressão sentida é a mesma que nos aperta a goéla em face dos restos chacinados de certos desgraçados que morrem na trincheira feitos pedaços por um morteiro. As cinzas são como o sangue coagulado e escurecido pelo ar, os interiores hiantes das casas abatidas são como ventres rasgados dum só golpe. Nada palpita naqueles cadaveres. Já não são senão a derradeira miséria, o absoluto aniquilamento.

E, como se recorda a vida de um amigo, cujo caixão estamos velando, o nosso espirito fantasia a existência daquelas cidades dentro dos séculos e do tempo, crescendo e medrando, modificando-se aos poucos e conservando sempre como reliquias os seus mais antigos monumentos á sombra dos quaes as casas novas se erguiam e se juntavam taes as creanças que aos velhos se chegam para lhes ouvir as histórias.

Armentières, Béthune ! Pouparam-vos os successivos

inimigos que, através da historia, por vêses se instalaram dentro dos vossos muros. A distância vos foi mantando aos poucos, até descarregar o golpe decisivo, o mais brutal, o menos piedoso de quantos soldados passaram sobre a terra a sua ância de conquistas. Debalde as vossas cathedraes crescêram mais ainda para estender sobre vós a inutil protecção das suas torres sagradas. Foram o primeiro alvo da destruição, eram o ponto de referência que guiava a fúria de devastação. Foram as ultimas a cair tambem. Eram fortes porque eram belas ; mas que força ha que resista, que beleza ha que se opônha a este furacão que ninguem tinha podido sonhar ?

E agora, taes como estão, tem o ar dos soldados que morreram fazendo o seu dever e guardam, na expressão serêna da sua face, o orgulhoso sentimento do seu sacrificio. A cruz que ainda resta sobre uma arcaria duma délas parece a Cruz de Guerra posta piedosamente sobre o peito dum heroe sem vida.

* * *

Apoz os dias crueis de Abril fomos estabelecer o nosso bivaque ás portas de Lillers. Mês antes era a séde do grande Q. G. de um exercito britânico. Era uma cidade cheia de vida, em cuja estação desembarcavam cada dia officiaes ás centênas. Havia mulheres, automoveis circulando, restaurantes, um cinematografo. Quando ali passámos pela primeira vez, numa manhã de sol radiante, não havia ninguem. Fôra totalmente evacuada oito dias antes, em parte pelas ordens das au-

toridades, em parte pelo fogo inimigo que arrasára a estação e queria a todo o transe cortar a linha férrea. A artilharia *boche* não fiséra ainda toda a sua obra. Lillers estava quasi intacta. Não tinha um unico vidro ; mas contavam-se as suas casas destruidas. Apenas a zona do arrabalde e a da linha férrea tinham sofrido duramente. No entanto estava totalmente deserta. Apenas a certas esquinas uns velhos escossêses do transito, de saiote e boina, agitavam as suas bandeirinhas para guiar os *camions* que passavam com fragôr.

E era uma sensação extremamente curiosa passear em Lillers abandonada, com a perpétua ameaça de uma granada que podia chegar. Nessa cidade, donde a vida humana fugira, viviam as casas e falavam naquêle silencio de sepulcro. Pareciam soldados alinhados a quem se tivesse dado a ordem de ficar até ao fim e contavam-nos historias. A casa baixinha, de persianas brancas, escondida atraz dum jardim, disia a felicidade duma familia antes da guerra. No jardim sentavam-se á tarde dois velhos que ali tinham visto crescer os filhos e viam crescer os netos. A escola defronte com o seu grande páteo, disia-nos historias de creanças, a louca galopada das horas de recreio, a grande solénnidade do dia de prémios em que os pequenos heroes saíam pela mão das mães com corôas de papel enfiadas nos braços que eram o orgulho e livros de gravuras encadernados em vermelho que iam ser o encanto. Aquelle *Café de la Place* contava as interminaveis partidas de manilha e de *piquet*, o repicar das bolas no bilhar de dentro. A casa de modas que se intitula em grandes letras *La Ruche* e cujo dôno de barretinho de seda eu conhecêra naufragado numa humilde aldeia da

rectaguarda, segredava-nos todas as tentações dos seus mostruários, onde, de quando em quando, surgiam para aquela provincia as novidades de Paris. Falava a velha igreja, falava o teatro, a *mairie*, a cadeia numa travessa escura. . . Todas aquelas casas tinham que contar. Acima de todas, porém, falava claramente a loja do sr. Thaine, relojoeiro. Viéra uma granada e acertara-lhe em cheio. Pobre relojoaria, em que estado te puséra o *boche*! Mas sobre a tua porta ficára quasi incolume a tabolêta onde em grandes letras douradas o teu dono mandou outróra escrever o seu nome. A explosão levára apenas a primeira letra e as restantes ficavam brilhando ao sol, como um santo e senha dado ás outras casas, soldados alinhados á espéra da morte: . . . HAINE.

Heroes de traser por casa

A guerra de trincheira não fornece aquele tipo de heroe que os paisanos de cinquenta anos para cima e as mulheres de desoito anos para baixo esperavam, aquela figura de gravura ou de oleografia atirando-se com uma espada na mão e um dito histórico na bôca para o meio da baralha e para o seio da Historia.

Como se poderá ser heroe segundo esse figurino nesta guerra em que todos andamos entalados entre travéses e páracostas com mil cuidados para que o inimigo nos não veja e nunca conseguindo vê-lo, senão por acaso? Quando ha modo de chegar á fála ou é nas patrulhas em que se rasteja e em que o grande golpe é saltar em plena escuridão á goéla de um Fritz que não espéra tal surprêsa e se não acautelou suficientemente ou é no *raid* que se repéle quasi sempre em plêna baralha e absoluta confusão sem se saber se o *boche* é um ou é cinquenta, se ataca em força pela direita, ou se, pelo contrário, o grande perigo está na esquerda, ou é ainda na incursão á trincheira inimiga da qual, anunciada como foi pelo nosso bombardeamento prévio, resulta quasi sempre encontrarem-se apênas uns pobres diabos, que não

poderam acolher-se a tempo ás suas segundas linhas.

O heroe das trincheiras é um heroe obscuro porque trabalha na escuridão e de dia não é tão tólo que se mêta no bêco duma aventura sem saída. Mas porque a sua heroicidade não tem espectaculo, nem por isso ela é menor e ninguem a poderá entender tão bem como nós que vivêmos dentro déla e a praticamos todos em dóse maior ou menor.

O que ha de principalmente heroico na *trincha* é viver néla. Na outra guerra, na guerra de movimento, por muito bem informado que o inimigo esteja, nunca pode fixar o alvo da sua acção como aquí, em que serenamente com um mapa, um transferidor e uma régoa graduada se escolhe com a maxima facilidade um ponto onde ha sempre noventa e cinco probabilidades de se atingir alguem. Somos, até certo ponto, principalmente nesta terra da Flandres, onde não ha meio de organizar abrigo de uma sofrivel resistêcia, uns tristes bonêcos de *pim-pam-pum* de feira entre os quaes o freguês folgasão pode escolher tranquilamente aquêle que quer deitar abaixo.

Tenho defronte do meu nariz um mapa em que estão marcados todos os pontos interessantes da trincheira *boche*. Sei onde ficam os comandos de batalhão e companhia, os postos de signaes, os depósitos, as cozinhas, tudo enfim. Quem me impede de comunicar á artilharia uma simples referencia composta de duas letras e tres algarismos e fazer saltar o *herr* major que comanda ali defronte? Ninguem. E' um entretenimento que está ao alcance do meu capricho. Quem me garante, entretanto, que a esta hora o citado *herr*, que tem sobre a sua banca um mapa tão completo como o meu, não

está pedindo ás suas baterias que façam o possível para me enviarem ou para o hospital ou para um mundo melhor do que este, ao que se diz? Felizmente, como, sem nos conhecermos, temos um pelo outro uma certa consideração pessoal, contentamo-nos em mandar bombardear, quando é indispensavel, crusamentos de trincheira, linhas de supórte e outros pontos por onde Fritz e Folgadinho passeiam sem saberem o perigo que os ameaça.

Porque nada nos garante que não sejamos atingidos de um segundo para o outro, porque durante seis longos dias e seis interminaveis noites temos de nos manter dentro desta prisão de lama, heroes somos nós todos e bastante. O que nos tira o mérito é que acabamos por não calcular que o sômos e por viver pacatamente sem a menor ideia de que podemos morrer por violencia. E' uma heroicidade perpétua, obrigatória, profissional. Somos uns heroes de traser por casa.

Ha, porém, distincções a fazer. Entre os que vão ás patrulhas, ha os que se oferecem para lá ir, os que excedem os objectivos, não se prendendo nos nossos arames e indo até aos de Fritz. Ha os que, sabendo que se não recebe a Cruz de guerra senão em troca de um *boche* vivo, andam nas profundas da *terra de ninguem* com a obsessão de pilhar pelo fundo dos calções um saxónio mais pacóvio ou de meter a baionêta aos peitos de um bávaro mais violento.

Nas horas de bombardeamento, quando se sabe que

por detrás da barragem estão *boches* prontos a saltar-nos em casa, ha os que sentem de repente a necessidade de ir prevenir o comandante de companhia ou a conveniencia urgente de transportar um ferido ao posto de socorros, mas ha tambem os que ficam agarrados á linha, fazendo crepitar as espingardas automáticas ou apertando convulsamente nas mãos as granadas com que se enxotam os importunos.

Certa noite — Augusto Casimiro, um dos meus tenentes, já vos contou esta aventura, — faltou um soldado duma patrulha que o poeta da *Hora de Nun'Alvares* empreendêra na esperança de colher um posto de escuta inimigo. Na manhã seguinte, quando combinavamos outra patrulha para explorar de novo a *terra de ninguem* á cata do perdido, que possivelmente lá podia estar ferido ou cadaver, um soldado veio á porta da caverna-mess onde conversavamos e disse apenas:

— “O soldado que falta está morto dentro de uma cratera ao pé do arame *boche*.”

E, como surpresos lhe perguntássemos donde lhe vinha essa informação, êle muito simplesmente, mostrando a espingarda e o capacête do seu camarada, disse-nos

— “E’ que fui lá ver.”

Fôra em plena manhã, á luz clara do sol, rastejando, nas barbas dos vigias e dos *snipers* alemães, até encontrar o corpo do seu amigo. E voltou lá, de dia ainda, a buscá-lo com dois maqueiros, acenando, é certo, com a cruz vermelha dos braçoes, mas sem a menor garantia de que Fritz não aproveitasse o ensejo para o varrer com um metralhadôra.

Não poderei esquecer tão pouco a frase altamente pitoresca duma estafêta regressando da primeira linha

sob um violentissimo bordardeamento e a quem nervousamente se perguntava :

— “Então ? Que ha ?

Com o seu sorriso mais tranquillo, no estrondear formidavel dos morteiros e granadas cahindo ás dúsias, falando o seu rude falar de soldado, êle explicava :

— “Tudo fixe ! Não ha empêno. Aquilo lá em baixo é um lascar de fogo que é mesmo um louvar a Deus !

* * *

Outros então fazião quotidianamente sob um perigo constante as suas tarefas ingratas sem nunca se queixarem nem procurarem fugir a élas. Durante longos menses de trincheira, mestre Barata, chefe da minha banda de corneteiros, que deveria ficar tranquillo no acantonamento, pois que os seus méritos sinfónicos não tinham applicação naquelas regiões, passou cada noite quatro e cinco horas no encargo da distribuição de material. Ia com os fachinas buscá-lo aos depósitos por meio de um *décauville* que todas as noites recebia alguns milhares de balas. Levava-o depois pelo mesmo processo até á segunda linha por caminhos ainda peores e aí o dividia e o entregava. Em certas noites não havia ao ar livre senão mestre Barata e os seus fâmulos, os quaes mudavam cada vinte e quatro horas, ao passo que êle ficava sempre. A lama dava pelos queixos, não se via um palmo adeante do nariz, as bâtegas de agua ou as rajadas de neve quasi nos derrubavam. Tranquilamente instaladas nas suas casas de *béton* as metralhadoras inimigas fazião o seu serviço e salpicavam de morte as

nossas terceiras linhas... E, enquanto no *museu* todos se enroscavam junto do fogão e estendiam para as brasas as mãos encarquilhadas, alguém pedia licença á porta. Era mestre Barata que vinha participar que várias dificuldades tinham surgido, mas que êle tudo resolvêra afinal a contento de todos e lá se ia, dado o seu recado, gotejando de lama ou vestido de neve, para recommear no dia seguinte.

São estes os heroes de que se não fala senão no dia em que uma bala acerta nestes pobres cântaros fartos de ir silenciosamente á fonte.

A terra imortal

*Aos alferes Michaud e Mercwell, do exército
francez, camaradas queridos.*

Mestre Carril, natural de Tola, concelho de Penéia, meu aio e impedido, abre devagar a porta do meu abrigo e entra com um braçado de flores. Dentro em pouco, distribuidas pelas capsulas de granada de 7,5 que me servem de jarras, ha naquéla caverna de troglodita uma grande rajada de luz. Sobre os meus retratos queridos abre-se a umbéla protectora do carinho da terra de França e mais um sorriso me acompanha, um sorriso triste que teve as suas raízes numa terra abundada de mortos que morreram bem.

As flores de trincheira são irmãs das flores de cemitério. Disem o mesmo protesto da Vida contra a Morte, clamam como eles que a Terra não morre e dará amanhã aos que viérem as mesmas benções que dava hontem aos que se fôram. A Terra imortal dá-nos a maior lição de humildade. Todos quantos sômos, por maiores e melhores que a nossa vaidade nos faça supôr que podemos ser, mirando a grande mortalha florida que cobre tantos mortos, temos de pensar fatalmente na nossa

pequenez, de cismar que, se uma bala ou um estilhaço nos matar, a Vida não parará por isso e não deixarão de romper pelos campos fóra os canticos eternos: pequenas flores frageis e delicadas que um sopro desfaz, fartos campos de pão que cada ano se renovam, arvores a cuja sombra as gerações successivas se sentam.

Nunca contra a Terra um inimigo maior se levantou do que esta guerra. Impiedosamente lhe diz, em desafio; — "Sobre ti desabarão os meus cataclismos. Rasgar-te-ei até ás entranhas com as minhas maquinas infernaes. Destroçar-te-ei, far-te-ei pedaços. Derrubarei as copas que alimentaste, espalharei aos quatro ventos a tua superficie e os meus engênhos mais potentes irão fundo revolver a tua alma. Mudarei o teu aspecto. Aqueles que te queriam não te reconhecerão, mutilada, desfeada, transformada. . . ." E faz o que promete. Desencadeiam-se contra a Terra os horrores da sua terrivel inimiga. Vôa em estilhaços uma linda aldeia, desvia-se um curso de água, desaparece uma estrada, os caminhos confundem-se, a variola das crateras e dos funis de granada estende-se sem piedade. . . . Chega a primavéra, um dia de sol e a Terra, que poderíamos supôr morta, parece estirar-se como uma formosa que acorda e ali, na cova profunda de um *minenwerfer*, uma florinha azul aparece que mestre Carril irá de rastos buscar para a pôr, como um sorriso, sobre a minha mēsa.

* * *

A Terra é a grande amiga do soldado. Nas horas em que cismamos no nosso isolamento, no nosso possível destino, é da terra que pisamos que nos vem a confiança. E' ela que nos diz nas suas mil voses mudas que a Violência é inutil, que amanhã será um grande dia, que os cataclismos passam e a Vida se perpétua. E' ela que alimenta o nosso heroísmo feito mais de passividade do que de acção. E' a grande companheira, a que entende a guerra melhor que todos os corações que nos amam, porque tambem a faz, porque a vê com os mesmos olhos com que nós a vemos.

A sua existência é paralela á nossa. Quando folgamos e o inimigo nos deixa repousar, este pedaço de chão é para nós banco de descanso, preguiçeira de sonho, mêsã de jantar e secretária de escrita. Logo, quando rebentar o bombardeamento, será travês, páracostas, posto de observação e trincheira de combate. Tem ares trágicos agora, daqui a pouco terá aspectos rústicos e quasi idílicos. Hoje é campo de batalha, amanhã será recanto de merenda. Nos momentos de horror encolhe as suas flores, como nós crispamos os nossos sorrisos; nas horas de socêgo elas reaparecem, balouçam-se ao vento, tal como na nossa face se espêlha a nossa inconsciente resignação ou a nossa egoísta felicidade de viver ainda.

Vendo que estamos para aqui isclados, procura distrair-nos. Chama os seus pássaros para que cantem na folhagem, salpica de insectos as suas aguas paradas, agita a rama das suas arvores, cobre as ruínas das apoteóses teatraes dos seus pôres de sol. De noite divide-o

luar em inverosímeis feitos, acumula as suas mais estranhas fantasmagorias e, quando nos podíamos supôr sósinhos, a Terra diz-nos: — “Estou aqui, tal como era ha cinquenta anos, tal como serei daqui a três seculos.” Só ella nos afirma que este inferno não é definitivo, que um dia se voltará a tudo quanto vimos e quanto conhecemos. Tem para nós aquelle amistososo confôrto que nos fornece a experiencia. A terra é um amigo muito velho. Só o que ella tem visto! E, quando a nossa pequenez se assombra, ella diz-nos: — “Deixem lá! Estou farta de assistir a estas cousas e cá estou ainda.” Que leva a guerra afinal? O trabalho transitório do homem. A Terra fica e nella amanhã se poderão tornar a cavar os alicêrces de novas casas, tão facilmente como nella hoje se cavam as sepulturas novas. Sobre as campas que são rasas ella estenderá as flores rasteiras; pelas paredes que são altas ella fará subir as trepadeiras ageis.

Abro a porta do meu abrigo. Defronte ha um largo pasto que só espéra que voltem as vacas cinzentas de outróra. As árvores da beira do drêno estão cobertas de verdura. Os ramos cortados pelas balas das metralhadôras pendem com certa garridice e certa graça. O grande asinheiro, que uma granada feriu em cheio, enfeitado como está pelos seus rebentos novos, parece um mutilado de flor ao peito. O ceu azul é tão tranquilo e firme que o avião *boche* que passeia é um passaro a mais naquella serenidade. A granada que passa lá em

cima e que vae matar não sei aonde é um zumbido em que se não repára.

A terra removida á minha porta para compôr o pára estilhaços trouxe consigo para a sua prisão de taipaes as suas sementes e oito dias bastaram para a encher de alegria e faser déla um canteiro. Entalado entre dois sacos de terra pende do meu telhado um tufo de gramineas tenues como uma penugem, que a aragem agita como cabêlos sôltos de mulher. O meu cão estira-se ao sol. Em cima de um fio telefónico pousa um pardal e põe-se de conversa com um parceiro que saltita sobre as passadeiras. Tenho pêne de os não entender nêsta manhã gloriosa e soberba, pois são os pequenos que melhor sabem falar das cousas grandes, e, inconscientemente, ponho-me a cantarolar uma toada de Portugal.

Circulam os soldados. Poséram-se em mangas de camisa e todos trazem no rosto o contentamento da terra que pisam. Logo, quando a noite caír e o perigo se avisinhar, as sombras e a ameaça farão de bronze aquelas faces rudes. Agora são homens que vivem da vida que a grande mãe carinhosa lhes empresta. Crêm em si próprios, existem e cismam em mil pequenas taréfas que lhes lembrem o tempo em que não eram escravos deste pesadêlo. Alguns cantarolam como eu. Intépellam-se de longe, gracejam e falam de cousas futeis, os pés assentes sobre os mortos que defenderam outróra a terra que êles hoje defendem.

O vento faz ondear as hervas humidas do pasto, traz-nos ao rôsto uma carícia forte a que vamos abrindo gostosamente os pulmões e um arôma campesino que haurimos com sofreguidão. A ideia da guerra desaparece e é com surprêsa nossa que aos ouvidos nos re-

sôam de súbito as detonações das nossas baterias. Que será aquilo ? E, por muito que aquele estridôr nos queira perturbar, o nosso espirito embebe-se deliciosamente na canção formidavel que toda a Terra murmura no pipilar dos seus pardaes, no ramalhar das suas arvores, no grande frémito que passa e faz ondear as hervas da *patûre* abandonada.

A rua do Imperadôr

“Duas companhias de batalhão^m guarnecerão os postos da extrema esquerda da linha dos Aldeias, outras duas acantonarão na Emperor's Road”. Ha quatro dias que estamos cumprindo esta ordem extravagante que nos coloca sem defêsa sob o fôgo mais violento da artilharia *boche* em redutos donde mal podemos ver as terceiras linhas do sector que abandonámos e num ramal de estrada onde restam tres ou quatro *fermes* em ruínas e na extremidade do qual, a tresentos metros uma da outra, duas baterias de artilharia pesada inglesa provocam sem cessar o trabalho de contra bateria inimiga.

Na situação de reserva em que nos encontramos tinhamos sonhado um acantonamento um pouco distante e repousado donde viriamos rapidamente na hora necessaria ocupar as nossas posições de resistência e contra-ataque. De súbito indicam-nos este destino : o de estar aqui longos dias sem ver ao mênos, como nas trincheiras, a linha do inimigo, sem faser contra êle um unico tiro e sujeitos ao dilúvio de metralha com que

fustiga sem descanso á nossailharga as peças de 15 e de 21 britanicas e em tórno de nós as nossas peças de campanha disseminadas pelos arredóres.

Paralélo á Rua do Imperador, a dusentos metros á rectaguarda, circula constantemente um *decauville* de munições que os aviões e os *drackens* referenciaram e que o *boche* martéla todo o dia e toda a noite. Os seus elementos de observação tambem lhe indicaram que os postos da *Village line*, reconstituídos ultimamente, estão anormalmente ocupados. Sobre éles e sem repouso chovem as granadas de 7,7 e as granadas de gaz, desde que, ironicamente e como que a prevenir-nos de que estavamos descobertos, a artilharia inimiga com a maxima méstria plantou certa manhã uma granada na direita e na esquerda de cada posto.

Estamos prêsos numa gaiola de morte e ninguém nos explica o que ali estamos fasendo. Os artilheiros enfurécem-se connosco. O nosso movimento chama a atenção dos passarinhos trigueiros e das "salchichas," que nos espreitam. Nós amaldiçoamos os artilheiros, cujos *fretes* quasi ininterruptos chamam a represália inimiga, e aqui estamos todos para morrer de graça, dados de presente a Berta e aos seus serventes. Não ha medidas de precaução possivel. Nos redutos não ha sequer a sombra de um abrigo; as velhas *fermes* abandonadas da Rua do Imperador um sopro maior do vento as desfaria. Não podemos abandonar os postos que nos designaram. O que nos resta faser? Esperar. O quê? Uma granada que nos acerte em cheio ou um estilhaço que nos colha de flanco. Ha perspectivas mais risonhas, hão de concordar!... Temos desde o começo deste mês de Março mais baixas do que tivémos em oito

mêses de trincheira. O tempo não está mau, faz sol ás vêses, hontem houve luar. . .

O peor desta aventura é o maldito gaz. O *boche* metodicamente entremeia as suas granadas de cruz amarela com as suas granadas de tempos e de percussão. No estridôr destas ultimas não se apercebe o rebentar mais surdo dos projecteis toxicos. Tem corrido constantemente um vento variavel que passeia o venêno e a cada instante vêm ao P. S., instalado num velho casinhôto, incautos que não poséram a tempo a mascára e começam a tossir ou cujos olhos corroídos se injectam de sangue e se vão cerrando pouco a pouco. A minha gente anda dispersa. O alojamento da terceira companhia foi já atingido duas vêses, encostado como está a uma das baterias. No bolêto dos officiaes da segunda entrou, rompendo a parêde, uma granada que, felizmente, atingiu apenas o impermeavel de um alferes por ter chegado a horas em que ninguem ali estava. Os soldados andam de dia pelo campo, deitando-se em válas ou escondendo-se em médas de trigo. Tentei opôr-me um pouco aquêla quasi debandada, mandando pôr uma tarde a minha mêsa no meio da estrada e convidando para um chá ao ar livre dois ou tres officiaes que me acompanham; mas reflecti depois que melhor seria marcar pontos de espéra onde os meus rapases se mantivessem emquanto duram as rajadas. O cosinheiro da terceira não tem largado as suas panélas. Ficou sósinho junto da pessima visinhança britânica. Varios soldados foram feridos em volta dêle; mas, heroe á sua moda, êle deixa-se estar e manda diser á hora do costume ao seu tenente que o rancho está pronto.

A nossa Brigada, cujas imediações foram bombardea-

das, retirou para perto da Divisão. A Brigada ao lado também descaíu para mais seguras paragens e até o comando do grupo de artilharia também se foi. Todos reconhecem que a zona está inhabitavel, a não ser pela *malta*. Não temos ligações telegraficas directas e os meus ciclistas, circulando numa zona batidissima, levam horas e fazem prodígios para chegar ao seu destino. Como o desgaste é continuo, como este capricho me vae já custando em poucos dias mais de dusetos homens e dez officiaes, mandei ordem ao meu depósito de convalescentes estabelecido a alguns quilometros para que avançassem os que podessem fazê-lo e com éles o medico que ficára para os tratar. Alguem que passa, vindo das trincheiras, conta-me que por lá a temporada tem sido tranquila e safa-se lépido e exclamando—“*No bonne!*”

De súbito uma tarde, entre muitas outras, uma detonação. Mal ouvimos o silvo que a antecedeu. Esta foi absolutamente para nós, a cinquenta metros do comando, em cheio sobre o Posto de Soccorros que estava apinhado de doentes suspeitos de gaz. De lá vem correndo, direita a mim, uma multidão espavorida. Alguns caem na estrada, outros rolam-lhes por cima, outros ainda metem-se sem hesitar na água lodosa dos drênos. O primeiro que pode falar explica que deve haver mortos e feridos e, rapidamente, antes que chegue outra granada, precipitam-se os mais ousados para o posto donde sae o médico J... C... e donde vêm já tirando em braços e em macas as pobres vitimas d'aquêlê horror.

A casa mais perto é a ruina onde instalámos o comando e fazemos *mess* de officiaes. Para alí ha que mudar o posto e, emquanto peço a um batalhão visinho um outro médico e as estafêtas cavalgam biciclêtas para ir prevenir a Brigada e á cautela chamar as auto-ambulâncias mais proximas, a casa, o páteo, enchem-se de feridos. Um dêles tem uma perna cortada cerce ao tronco, os intestinos de fóra e os excrementos saíndo dêles. O rosto de outro é como as bolas de alcatrão que as creanças amassam para se divertir e apenas resaltam os dentes brancos na pasta negra que forma toda a face. Um terceiro tem a cara rasgada transversalmente e pendem-lhe os lábios da ferida, deixando um rasto de sangue. Outros sufocam, roídos pelo gaz e, de repente, uma segunda granada chega, passa paraléla á aba do nosso telhado e vae estourar na pastagem mesmo atrás da casa. Estamos referenciados em absoluto.

— “Que fazemos? me pergunta o médico.

— “Ficar. Você para os tratar e eu para lhe faser companhia.

Enxota-se a malta dos que inconscientemente se juntaram á porta e na massa dos quaes outro projectil pode talhar o mesmo trabalho de ha pouco. Ficamos ali, quatro ou cinco pessoas, numa atmosphéra empestada de gaz, entre os gemidos dos feridos, fazendo-se-lhe os primeiros curativos. Dois ou tres não tem remédio. De resto morrerão daqui a pouco nas auto-ambulâncias que não ha meio de chegarem. O peor de todos fala. Pede que o tratem, supplica pouco depois que lhe dêem um tiro, por fim insulta-nos e as mais grosseiras obscenidades silvam na sua bôca crispada. O estertôr dum outro ao lado é como o sôpro de uma forja. Uma

voz chora num canto: — “Minha mãe ! minha mãe !”

Chegou o médico do batalhão ao lado e já vão sahindo amparados, o rosto e as mãos cobertos de pensos brancos, alguns desgraçados que cédem o seu lugar aos que esperam ainda no páteo e sobre a cabeça dos quaes passam, em série e com interválos matematicos, as granadas que vão rebentar na *pature* da casa e cujos estilhaços voltam em feixe por cima do nosso telhado. Um tiro trinta metros mais curto e estamos todos liquidados. Os dois clinicos, um enfermeiro, um impedido, o cosinheiro que retirou do fogão a frigideira onde alouravam as batatas do nosso jantar para que as chamas absorvam um pouco o gaz de que estão impregnadas as roupas dos feridos, todos trabalham agil, nervosamente com a pinça da mascara entalando o nariz e o bocal vedando a bôca. Quasi todos os curativos possiveis estão feitos. Restam apenas por tratar os miseraveis que agonisam na cosinha sobre as macas, o que continua a rogar que o matem, o do estertor violento, o que chora baixinho pela pobre mãe, aquêles a quem nada se pode faser.

Com fragor, na maxima velocidade, aparece finalmente um automovel que me cedeu o posto de soccorros do sector mais proximo. Introdusem-se com cautéla as macas, enquanto uma granada que estoira ali proximo faz esconder o *chauffeur* de gatas sob o carro. Os feridos, que podem ir sentados ou encostados, acumulam-se dentro da viatura, que parte sem a certêsa de levar inteira ao seu destino a sua triste carga dolorida. Estão chegando nesse instante os convalescentes que poderam vir e já um outro cortéjo dos intoxicados e contusos, que conseguem seguir por seu pé, se põe em marcha por

pequenos grupo: naquella Rua do Imperador, bombardeada agora nos seus dois extremos, e onde estamos condenados a viver ainda horas como as que acabam de passar.

E, como toda esta historia tem o seu lado tragicamente comico, todos nós somos sacudidos de um riso interminavel, nervoso, quando, á noitinha, acalmado um pouco o furacão em que vibrámos toda a tarde, chega enfim uma nota da Brigada, a tal que se foi acochar para a rectaguarda, em que se responde á communicação feita da urgência de evacuar casos gravissimos com a indicação de que as requisições devem ser feitas, segundo determina certa alinea de certa ordem, á C. A. T. F. — Coluna Automovel de Transporte de Feridos, segundo uns, segundo outros e dada a qualidade das pessoas que a dirigem, Combinação Automatica de Transporte de Formigas.

A veneravel ordem da "cava,,

A necessidade de procurar escapar, descendo ás *caves*, aos bombardeamentos de artilharia ou aéreos creou na lingua francêsa o verbo *caver*. "*Nous avons cavé trois fois la nuit passée*„, dir-vos-ão corretamente os habitantes do Aire e de Santo Omer, de Boulogne e mesmo de Paris, contando-vos a ultima noite dum *gotha*. De *caver* provem em portuguez "cavar„. Na sua primeira acepção a *cavanço* era aquêlê único recurso que nos resta para opômos a todas as violências contra as quaes não ha resistência directa possivel. A grande escola do *cavanço* é a *trincha*. Que faser perante um morteiro ou uma granada, cuja chegada se anuncia com grande instrumental, senão procurar o travês atrás do qual nos escondâmos, a trincheira velha onde nos agachêmos, o drêno onde nos ponhâmos de barriga para baixo? Todos *cavam*, com relativa serenidade uns, outros sem método e com precipitação. E' difficil, porém, fixar os verdadeiros principios do *Manual do perfeito cavador*. As circumstancias variam ao infinito e raras vê-

ses dão tempo a que se procure o capitulo e a regra a aplicar. O *cavanço* é uma ciência de intuição quasi sempre e é duas horas depois, quando terminou o trabalho *boche*, que os que se présam de entender da matéria conseguem fixar os principios pelos quaes se deviam ter guiado os que, a essa hora, espéram no posto de socorros a auto ambulância que os evacûe.

A artilharia é mais simples de perceber. Tudo está em não apanhar em cheio as primeiras granadas. Quem tiver ensêjo de poder presenciar uma dúsia de "chegadas," conclue com certa segurança. O tiro é feito por três peças : a primeira atira sobre o W. C. da 4.^a, a segunda cinquenta metros á direita, a terceira cinquenta metros á esquerda. Dada a zôna de dispersão dos estilhaços, um *lansudo* que não seja tólo de todo já sabe que, sentando-se á sombra de determinada arvore, está tão tranquilo como se pertencesse á terceira reserva não mobilisavel. Acende o seu cachimbo, deixa correr o aço e o ferro fundido e espéra tranquilamente que o serviço acabe, a não ser que venha um tiro mais curto ou mais comprido que o mate, o que é extremamente lamentavel debaixo de todos os pontos de vista.

O morteiro é mais próprio de surprêsas desagradaveis para aquêles a quem é dedicado. E' uma arma grosseira, de um tiro incerto, principalmente se se trata de morteiro ligeiro ou médio. Vem um pouco ao acaso e tem desvíos formidaveis. Para esse não ha senão o recurso do escalonamento em profundidade e, se mestre Folgadinho está de serviço em primeira linha e esta é batida de repente, o único meio que lhe resta de poupar o esquelêto é ir com certa prestêsa ao depósito de companhia ver se ha arame farpado para concertinas ou

se já chegaram as folhas de zinco para os abrigos que que se tencionavam construir.

O bom *cavador* deve guardar para seu uso o que sabe ou o que julga saber. Nesta guerra de *trincha* cada um trata de si e Deus de todos. Na altura própria cada qual se governa e *cava* conforme pode. As pernas sabem todos para que as querem e conheço um marau que durante menses guardou segrêdo de um velho posto de observação abandonado onde êle, na altura em que as cousas estavam mais pretas, ja tranquilamente dormir a sésta e ressonar de assobio.

A maxima fundamental do *cavanço* é a seguinte : — “Não ouves cantar a granada que te mata”. Se temos tempo de ouvir silvar no ar o projectil que chêga, podemos estar garantidos que não é na nossa freguesia que êle rebenta e então ha tempo para fixarmos o seu ponto de quêda, para determinar o raio d'acção das particulas em que se fracciona e para nos pôrmos longe de um e fóra do alcance das outras. O *lansudo* diz a meúdo :

— “Deus me livre da primeira que das outras me livrarei eu !”

Ha tambem, em matéria de *cavanço*, superstições e convicções singulares. Numa noite de *raid* de aviões vi na bérma duma estrada um enfermeiro colado ao talude e cobrindo a cabeça com um tufo de hervas o qual teria o volume dum daquêles mangericões que se compram na praça da Figueira.

— “Que fases tu aí ! indaguei eu surprêso.

— “E' para livrar dos estilhaços, me respondeu êle e não tentei persuadi-lo do contrário, pois nunca, como aqui, me convenci que mais vale cortar uma perna a um homem do que tirar-lhe uma ilusão.

A rectaguarda estragou o verbo *cavar*. A rectaguarda estraga tudo. Dum vocábulo até certo ponto heroico fez uma cousa ignobil, sinónimo de fugir. *Cavar* para a Base, *cavar* para a junta, *cavar* para Portugal. „ Sobre o *cavanço* se fiséram cantigas de fado em que os poetas, ignobeis *cachapins* de meia tigéla, apresentavam o C. E. P. todo disposto a *cavar*, quando calhasse, desde o general em chefe até ao ultimo fachina. Essas imbecilidades circulavam e desmoralisavam a *trincha*.

A veneravel ordem da *cava*, cujo manto era aquele *capindó* de borracha que nem todos tivéram a honra de usar e serviu de mortalha a tantos, foi invadida por uma multidão inumeravel. O *cavar*, que era a nossa defêsa, tornou-se uma baixêsa ao alcance de todas as cobardías. Em certas horas dolorosas, quando se indagava o que sucedêra a creaturas sobre as quaes pesavam as mais altas responsabilidades, explicavam-nos:

— “*Cavaram!*”

E tinham-no feito, não como nós o fiséramos durante mêses dentro da Morte, mas por estradas direitas e tranquilas onde os pneumaticos dos automoveis rodavam céleres e onde a ameaça era minima. Desde então o *cavar* foi uma vergonha, uma baixêsa que já se não podia faser senão ás escondidas. Antigamente o *cavador* era um homem que se defendia. Depois de certa data era um cobarde que fugia. Desde que o *cavanço* se alargara de desênas de metros a desênas de quilometros, desde que se estendêra aos que mênos expostos estavam, passou a ser uma pratica deshonorada. O que era a vanglória de algns passou a ser a

vilania de muitos. O que constituia um direito, o único direito mesmo da *malta*, tornou-se uma nódoa indelevel sobre o exercito todo.

— "*Cavei*, disia ha mēses com orgulho o *lansudo* coberto de lama.

— "Que remédio tive eu senão *cavar*, explicava embaraçadamente o *cachapim* de barba feita e colarinho lavado.

Como era necessario salvar a honra do convento, a *malta* atirada novamente para deante depois dos dias terriveis da derrota, já não podia *cavar* ás claras. Quando eram ás dūsias os aviões por cima dos bivaques, quando durante horas consecutivas nos pairava sobre a cabeça o *ram-ram* enervante dos motôres, era de rastos e por entre os cordões das sentinelas, dolorosamente empertigadas dentro do seu dever, que, á sorrelfa e como que praticando o crime mais vergonhoso do soldado, o da deserção, sombras se escapuliam das barracas e dos acantonamentos e iam para os grandes campos de trigo procurar á beira das trincheiras recém-abertas uma illusória defêsa contra a formidavel ameaça que zumbia no ar, a tresentos ou quatrocentos metros, na claridade leitosa do luar.

Por honra própria e de todos certos chefes mantinham-se no seu logar e blasonavam de serēnos, quando era certo que tudo eram farroncas inuteis, que uma grande desgraça irremediavel podia succeder de um momento para o outro que lhes acarretaria, se a ela escapassem, inolvidaveis remorsos. O grande e unico remédio ali era *cavar*, dispersar-se metodicamente o aglomeramento mais ou mēnos visivel, mais ou mēnos referenciado, que não oferecia a minima segurança. Esse

era mesmo o dever dentro da obrigação directa e insofismavel de poupar aquêles cujo comando se exerce.

Infelizmente tinha-se feito do *cavar* uma resolução inferior. Quem a adoptasse, mesmo em presença de um grande perigo, irmanava-se ao grande rebanho de Panûrgio que o pânico impelira certo dia adeante de si. E ficava-se, enquanto nas dobras sombrias da Noite havia um formigueiro obscuro dos que, sendo inconscientemente heroes todo o dia, não tinham a força de vontade bastante para sê-lo com decisão um bocado de noite, daquêles que não conseguiam dominar os seus nervos debaixo do rouquejar monótono das aves da Morte que os projectores perseguiam com seus fôcos e á caça das quaes andavam as metralhadoras esparsas nas visinhanças e as baterias anti aéreas dos arredóres.

○ mosqueiro da batalha

Aos que caíram bem em 9 de Abril

Estamos na madrugada de nove de Abril. O meu batalhão, saído da *trincha* às três horas da madrugada de sete, chegou hontem pelo meio dia a Boseghem, aldeia a dôse quilometros do *front*, ainda tranquila ha dois dias e que acaba de viver horas agitadas, invadida como foi de súbito pelos bandos de um batalhão insubordinado que se rendeu horas depois á ameaça de uma absoluta liquidação pelas baterias inglesas semeadas a toda a pressa em tórno desse fóco de revolta. Vamos partir dentro dalgumas horas para um longo repouso : o primeiro que nos dão.¹ Tomarêmos para isso um comboio numa estação proxima e á tarde estarêmos perto do mar. Uma brigada para lá seguiu ha pouco ; o que sobra da nossa, o quartel general de divisão e o resto dos serviços são nossos visinhos e estão repartidos pelas localidades proximas.

Está amanhecendo e um nevoeiro bastante espesso ensombra os vultos das casas ainda adormecidas e as ruas onde circulam alguns raros madrugadôres. Subi-

¹ Thiennes.

tamente a artilharia desperta ao longe. O seu rumôr avoluma-se e torna-se dentro em pouco como o marulhar duma onda brava batendo a rocha sem descanso. O longinquo horisonte ilumina-se sucessivamente. Na vespéra, na antevespéra, todos os nossos canhões bateram sem repouso a zona da rectaguarda *boche* onde se apercebiam movimentos insólitos de tropas e viaturas. Será a continuação desse trabalho? A esta distância não é possível distinguir o som do fogo e o dos rebentamentos. O rumôr não cessa um minuto e em breve toda a aldeia se agita. Todos se erguêram para saber o que ha. De quando em quando ouvem-se perto as *chegadas* da artilharia mais pesada. O inimigo está regando as nossas zonas recuadas. As nossas peças grossas ripostam. Temos a impressão de que cousas formidáveis se estão passando. As horas vão decorrendo sem que aquêlê furacão abrande. Os nossos ouvidos afeitos a taes tempestades reconhecem que esta é a maior de todas.

É chegado, porém, o momento de partir a tomar o comboio. Não acreditamos que não chegue a contraordem que nos detêna. Sem termos a menor indicação, o menor esclarecimento, advinhamos que uma horrivel tragédia se está desenrolando e é impossivel que não sejamos chamados a tomar parte néla. As cornêtas vão fazendo os toques. Pelos cantos se vão agrupando as frações e o rumor não cessa. A última barragem, a mais pesada, não deve estar longe do nosso grande quartel general, a alguns quilometros daqui.

Forma-se afinal o batalhão. Todos, sem falar, contraíndo a face, fazem maquinalmente os movimentos, enquanto o marulhar da onda terrivel se ouve ininterruptamente, enervadôramente. Seguimos para a estação

Crusamos réstos doutras unidades que para ali se encaminham. Toda aquela multidão volta os olhos para a distancia onde está o mistério e sente-se uma estranha flutuação em todos os espiritos. Chegámos á pequena *gare* onde três grandes comboios aguardam a brigada. Dois estão cheios já. Soldados escapados dos seus compartimentos, retardatários que chegam, formam entre os carris e os caes um formigueiro confuso. Estão ali chefes e é preciso manter uma tradição. Uma ordem breve circula pela interminavel bicha do batalhão, os homens empertigam-se, alinham-se as fileiras, sôam as cornêtas, rufam as caixas e o batalhão desfila como em parada para junto dos vagões que lhe são destinados.

Continúa a não se saber nada. A convicção optimista é de que se trata de um *raid* importante ou duma demonstração de artilharia. Os homens estão embarcados, o momento chega e, enquanto lá longe a tempestade insiste e perto se ouve o rebentar dos grossos projecteis, os comboios partem. Um quarto de hora depois não se ouvia mais nada.

A' noite eramos chegados a uma linda aldeia, quasi á beira do mar. Era enfim a tranquillidade, grandes encostas arborisadas em vês da terra interminavelmente plana, aguas correntes em vês dos drênos lodosos e dos canaes parados, casas intactas e garridas em vês de tristes pardieiros em ruínas. Cada qual busca instalar-se no seu bolêto. Era a alegria de estar, ao cabo de dez meses de frente, num descanço absoluto.

Repentinamente uma noticia estupênda corre como

um rastilho pela povoação: — “Os *boches* estão em Laventie.” Quem o disse? Um oficial que acaba de chegar num *camion*. Detalhes não os conhece. Saiu de Boseghem pouco depois de nós e contára-lhe a tragédia um grupo que passava numa estrada atulhando um carro de esquadão a toda a brida. O que fazem as nossas tropas? Resistem ao que parece. Laventie tomado é a extrema esquerda da nossa linha fortemente excedida, é a invasão completa de parte do nosso sistema defensivo. Começam a chegar outras novas. O desastre é maior. Os *boches* estão em Vielle Chapelle, o outro extremo do *front* que defendíamos desde junho do ano passado. E' todo o Corpo Expedicionário repellido.

Então começa para nós a noite do Calvário. A estrada sobre que está situado o nosso acantonamento principia a povoar-se de gente que o espirito e a logica mal comprehendem que já ali esteja. Passam viaturas, cujos conductores chicoteam as mulas violentamente e não querem parar. Surgem soldados desarmados, sem equipamentos, que pertencem aos parques das unidades que deixámos na frente. Só sabem diser de barragens tremendas caíndo de repente e enrodilhando tudo num torvelinho espantoso. Horas passadas, o luar ilumina fracções que vão chegando da brigada que recolheu á rectaguarda pela via ordinária e já vem tocada pela ância que sentimos caminhar para nós.

Oficiaes que aparecem de relance pedem-nos de comer e não podem contar-nos senão aquelas cousas vagas, cuja notícia percorre quilómetros em minutos, nas asas do vento e da desgraça. O que ha de positivo é que fômos violentamente atacados e que não podemos suster o embate. O Q. G. da Brigada, que se instalou

a dois passos num *chateau* imponente, também está sem notícias precisas e não sabe como obtê-las. Interrogamos febrilmente os que vão chegando, atulhando a estrada, pejando-a na escuridão e vão-se acumulando detalhes, citando nomes, dando indicações.

Sabemos que as unidades ocupavam determinados pontos sobre os quaes caiu o principal esforço inimigo. Todas elas, tendo ocupado na vespéra sectores e postos que mal conheciam, foram colhidas de roldão por uma voragem que apenas vagas informações da ultima hora podiam faser prever. Aparece como certo que o *boche* atacou na melhor hora, em plêna rendição, quando todo o sector português estava em movimento e antes que as divisões inglesas destinadas a substituir as nossas, reconhecidamente extenuadas, tivessem chegado á frente. A rêde de espionagem dentro da qual viviamos e de que não sabiamos precaver-nos, indicou-lhe o dia próprio e o momento mais favoravel. Todos aquêles que, nos ultimos dias, tinhamos reflectido na precipitação das nossas deslocações, febrilmente executadas desde que a insubordinação começara lavrando em tropas inutilmente sacrificadas nos ultimos tempos, olhavamos mudamente uns para os outros, aterrados pela rápida confirmação de todos os nossos receios.

Passeavamos da casa de jantar da parteira da terra, onde instaláramos a nossa *mess*, para a estrada onde continuavam a passar vultos indistintos e a cada instante, assaltando um outro, perguntavamos: — “O que é? O que ha?„ E a pobre malta dos foragidos, morta de canção, sem saber onde se encontrava, procaravam uns indagar, pelo numero das suas unidades,

onde seria afinal o canto onde podessem repousar um pouco, decidiam-se outros a ficar ali mesmo, sentados á beira da estrada ou recolhidos ao acaso nos bolêtos dos camaradas.

Anciosamente nos orientavamos e nos voltavamos para o lado do *front*. A noite de um luar leitoso era de uma serenidade impressionante. Algumas estrêlas picavam, aqui e além, o ceu que nos cobria. Nem uma aragem bulia nos ramos das grandes arvores silenciosas e adormecidas. Por mais que para o ponto onde fantasiavamos a batalha nós estendessemos a nossa angústia, a ância dolorosa de saber, a noite guardava o seu segredo. Parecia-nos ver ao longe os cantos familiares distintamente evocados, os nossos irmãos batendo-se ainda, enquanto nós ali estávamos interrogando o horisonte com os olhos e o coração. Apuravamos de repente o ouvido. Parecia chegar até nós o ruído da pelêja. Afinal era ainda a recordação do marulhar trágico que ouvimos de manhã, acordada agora pelo rumôr de um *camion* que se aproximava de faroes acêsos e a quem, de braços erguidos para o faser parar, perguntavamos: — “O que ha? O que ha?” Da boleia uma voz resmungava em inglês e outra perguntava em mau francez o caminho de uma cidade proxima. Mais uma esperança se arredava de sabermos enfim tudo, de acalmar a nossa fébre, de satisfaser os nossos nervos.

E a noite foi passando assim. Oh que horrivel, que interminavel noite!

A marcha dos "gosmas,,

Ao capitão médico Bossa da Veiga, grande soldado do 23.

O batalhão vae em marcha. Para onde? Não sabemos ainda. Saímos com um rumo que não pode ser o verdadeiro, oposto como está á zona onde são urgentemente necessarias as trincheiras que, segundo se diz, nós vamos cavar. Estivemos apênas quarenta horas no acantonamento tranquilo e, de madrugada, a ordem urgente de partirmos dentro de uma hora atirou-nos pelas estradas fóra. Os francezes desta região nunca tinham visto portuguezes, os inglêses que por aqui pairam olham-nos desconfiados, sabedôres como são da retirada da antevéspera. E' preciso paradar um pouco. Temos a consciencia de que vamos para a frente cumprir o resto de um dever e é preciso cumpri-lo bem. Mas ai de nós! A estrada é longa e os meus soldados estão extenuados. Supondo que iam descansar, tinham desgatilhado os seus nervos e deixado adormecer os seus músculos. Ao presenciarem durante longas horas o exódo terrível dos vencidos, vendo-se tão poucos e tão can-

çados, nunca suposéram que os chamassem logo. Ao que parece, porém, a situação é terrível. O *boche* marcha sobre Calais e na linha dos montes, cerca do mar, uma formidável batalha está travada. Porque desceremos nós para o sul? Na segunda *étape*, retomando o verdadeiro caminho, o saberêmos. Para nada. Entretanto pelas estradas intermináveis o batalhão marcha. Ha muitos estropiados dos pés, outros anemiados em extrêmo, bastantes febris, gente que não pode suportar qualquer fardo. Acondicionam-se então as mochilas nos carros, sobre as montadas dos officiaes e, á rectaguarda das quatro companhias, junto ao trem de combate e dos serviços de saude, sob o comando do unico médico que nos resta, o B... da V..., forma-se uma quinta companhia: a dos *gósma*s. Coxos, arfando, batendo o queixo, lá vão no emtanto. Não querem largar o batalhão e vão até onde êle fôr. O seu chefe, doente tambem, amparando-se com estimulantes e anti-térmicos, caminha incessantemente ao longo da sua coluna, como cão de rebanho, para que nenhum fique para traz. Nos carros seguem os mais cançados e, de quando em quando, ha um que se apeia e outro que vem tomar o seu lugar. Se a estrada sobe e se é precisa uma arrancada, ha sempre dois corneteiros dispostos a romper e outros para acertar no côro. Divide-se a *étape* e, de longe em longe, faz-se alto. Alguns não espéram que se formem os sarilhos e, deitados sobre a *tralha*, apoiam-se aos taludes da estrada. Um dêles tem um dito inesquecível. Um grande cão, d'aquêles que os habitantes atrélam, vem fa-rejar um grupo. Então uma voz dolorida suplica:

— "O' *chião*, vae buscar a tua carroça e leva as nossas mochilas."

* * *

Cada noite vamos ficando numa pequena aldeia onde nos não esperam e onde os bolêtos serão sempre feitos um pouco ao acaso. Toda a brigada está em marcha e nunca sabemos ao certo onde pára o seu quartel general, vagabundo como nós. Na segunda marcha, vindo de casa de um cura onde mal se poudo acabar de comer um jantar improvisado, e tendo crusado de noite, através de uma cidade acordada em sobresalto, um interminavel comboio de *camions* que levava para a batalha dos montes divisões francêsas de infantaria d'*élite*, instala-se o comando num celeiro cheio de beterabas que apodrecem. Na manhã seguinte partimos atravessando o resto da aldeola e desfilando perante um acampamento de cavalaria inglêsa. Um cavalo nédio e lusi-dio, escovado como alguem que acaba de sair do barbeiro, tem em tórno dêle dois veterinários e tres enfermeiros, que lhe examinam um casco. Os meus pobres *lansudos* miram com inveja profunda aqueles animaes tão bem tratados e na cauda da coluna a companhia dos *gósmas* cresce. O pelotão de sinaleiros caminha na frente e nem um só dos seus homens deu ainda parte de fraco. Cantam até de vez em quando para animar o resto e pela coluna fóra até aos *gosmas* vão correndo cantigas de Coimbra, a *Marcha do vapor*, a *Nazaré*, a *Amendoeira*...

De súbito, uma tarde, numa estrada em cotovêlo, desponta ao longe um grupo de cavaleiros. Vestem de azul e trazem na cabeça a *bourguignotte* gaulêsa. De começo

¹ Frages.

tomamo-los por *gendarmes*. Trata-se porém da secção de quartéis de um regimento de cavalaria que traz duzentos quilometros nas pernas dos seus cavalos e sobe a toda a pressa para a batalha. Meia hora depois encontramos o grosso da unidade. E' preciso que os primeiros soldados francêses que se crusam com tropas portuguezas guardem desse encontro uma impressão que nos não rebaixe. Rapidamente circula a senha : — "Rapases ! Fixes ! Cabeça alta. Atenção ás continencias !", e a requinta solta o toque de sentido. A' frente do seu regimento o coronel de longos bigodes loiros que o vento faz esvoaçar, cujo peito se ensanguenta da cruz dos bravos, saca da bainha a sua espada, uma espada que brilha ao sol e que vae carregar. O clarim d'ordenança toca o *Garde à vous !* e, enquanto se perfilam as lanças, sucessivamente as minhas cornetas vão mandando as companhias olhar á esquerda. Saúdamo-nos, o coronel e eu, êle abatendo a sua espada e eu erguendo o braço e a alma numa comovida continencia. Volto-me para ver os meus homens e vejo-os todos, cabeça erguida, passo firme, olhando os soberbos *poilus*, que parecem estátuas sobre os seus cavalos. Um grande frémito passa em todas as espinhas e até os *gosmas* não coxeiam, se endireitam e levantam alto os olhos volvidos para a França que desfila.

Os primeiros soldados do mundo, aqueles que ha quatro anos dão sem regatear todo o seu sangue na defesa de todo o mundo, olham com simpatia aqueles pobres *lansudos* estropeados que vêm pela primeira vês. Um cavaleiro, servente de metralhadora, exclama : — "*Bonjour, vieux ! On les aura !*", o medico, gorducho de lunêtas, atira-nos um amistoso adeus e os condutores

dos carros, fumando o seu cachimbo, as pernas embrulhadas nas mantas do gado acordam um pouco da sua sonolência para se debruçarem e nos vêrem. Por fim, no alto da estrada, o regimento que acaba de passar é uma mancha confusa e os *gosmas* já podem coxear, coitados !

Durou cinco dias esta marcha. Acabámos por passar cerca da primeira aldeia onde o batalhão acantonára na sua chegada a França.¹ Vimos ao longe as altas chaminés das minas e voltámos a pisar a região da planície interminável, dos drênos verdes e lodosos. Iam-nos chegando á fornalha. De noite já se via todo o horizonte em brasa e já se percebia o rumôr dos monstros vomitando metralha.

Estamos na testa de todas as unidades. Trasêmos avanço sobre todas e nunca requisitámos um *camion* para as mochilas e não ficou um só *gosma* para traz. Ha uma estafêta que traz um pé torcido, inchado como um trambôlho e que recusa ser evacuado para o hospital. Volta-se para mim o pobre 100, que eu conheci com uma cara de Páscoa florida e anda agora magro como um cão vadio, e diz-me : — “Quero ir onde fôr o meu comandante.” E lá anda ou de carro ou amparado a um cacête ou ainda nas descidas cavalgando de pernas esticadas a bicyclêta dum ciclista.

Em cada paragem, em cada estacionamento, mais me comove esta *malta*, resignada, amiga, a quem basta am-

¹ Enquin-les-Mines.

parar com uma palavra para que o seu brio se estimule e dê uma arrancada ainda. Cada marco quilométrico que deixamos ficar para trás é saudado com alegria. E' mais um. E' tambem mênos um que falta para chegar seja onde fôr, onde se possa atirar para longe aquela cruz que martirisa os hombros, a *cabra* maldita, a *trilha* que os démos levem.

Chega por fim a ultima marcha. Dentro em pouco teremos de parar, que o *boche* está ali perto. Um *palmi-pede* inglez, gordo, que fuma por uma comprida boqui-lha de osso, vem dar-me indicação do nosso destino. Vamos acampar num bosque ¹. Pergunto-lhe que noticias ha. Ele substitue o seu *King's One* por outro e encolhe os hombros, estende os beiços e responde-me apenas:

— “*Il fô faire des tranchées, tout de suite.*”

Fisémos alto para comer o rancho da tarde á beira de uma estrada ² que leva a uma cidade muito nossa conhecida e mal a ultima pinga de caldo está escorrida..

— “Vamos, rapases, é a ultima. . .”

Uma hora depois, após cinco dias de marcha, os pobres *gosmas* viam o bosque que o Staff-Corps inglês nos tinha destinado. Era um pântano e dormimos todos de pé, encostados ás arvores, os pés apoiados sobre tóros de madeira, enquanto a artilharia mais proxima ainda enchia de estridôr aquela noite miseravel. No dia seguinte o batalhão ia cavar durante oito horas a sete quilometros dali.

¹ O bosque de la Góulée, cerca de Norrent Fontes.

² A estrada de Santo Hilaire ao Aire.

Refugiados

Porque o estado maior britânico se convenceu afinal de que não eramos tão batráquios como á primeira vista parecíamos, tiráram-nos do pântano onde estávamos e puseráram-nos numa *pâture* ensombrada de grandes arvores á beira duma linda aldeia ¹. Vivêmos em barracas de lona e o bivaque todo disfarçado com ramagens parece um jardim. Logo de manhã, os homens abalam, a espingarda em bandoleira, as cartucheiras atulhadas de munições e vão cavar para as terceiras linhas da nova frente. Atravessam, muita vez sob as granadas, uma cidade deshabitada ² e durante horas removem terras sob a vigilância dos seus officiaes e sob a direção de capatazes ingleses.

Á tarde espalham-se pela aldeia onde se instalou o Q. G. da Brigada e enchem os *estamiets*. As casas estão pejudas de refugiados. Os officiaes da missão francesa trabalham todo o dia para descongestionar as localidades, condusindo toda aquella miséria para os cen-

¹ Ecquedecques.

² Lillers.

tros de evacuação em *camions* e nas viaturas que lhes podemos emprestar.

Num compartimento dormem vinte e cinco pessoas. É por toda a parte uma multidão de velhos, de mulheres, de raparigas, de creanças. A cidade próxima, que tinha alguns milhares de habitantes, esvaziou-se subitamente e todo o dia é pela estrada uma triste procissão de creaturas desamparadas procurando um albergue transitório. Ha velhas de chapéu apoiadas a sombrinhas astues, velhos de sobrecasaca domingueira, gemendo sob o pêso de varios cestos, pequenotas de cabelos loiros passando em bicycléta, caravanas de creanças pegadas ás saias de mulheres de luto.

— “Não terá por acaso um logarsinho para nós, indaga a uma porta uma mãe de familia. Somos apenas seis.

E, perante o gesto negativo, retoma a sua marcha mais curvada, mais dolorosa, mais cheia de pó.

Circulam grandes carroças de lavoura cheias de moveis. A uma carrocita de mão, pejada de utensilios de cosinha, de caixotes arrombados, atrela-se uma familia inteira e o cão, que vae andando de lingua de fóra e com a cauda a dar, a dar. Já não ha um unico logar vago ali. Talvez mais adiante, a alguns quilometros. Os *camions* ingleses transportam tambem gente e mobilia. Parada numa esquina uma mulher contava a sua aventura :

— “Fiquei até ao fim. O meu marido está na Argonne. Cairam as casas á direita e á esquerda da nossa. Quando as nossas parêdes foram atingidas, agarrei nos pequênos e fugi.

— “E não conseguiu salvar nada ?

— “Sim. O carrinho do pequêno veio atulhado e enchêmos as nossas algibeiras tod’s.

— “E os moveis ?

— “Os moveis ? Devem estar em cinzas a esta hora; mas enfim estamos todos salvos e juntos. Já hontem o escrevi ao pae... Ainda ha quem seja mais infeliz do que nós.

Outra então passeia com olhos de louca. Tinha dois filhos. Desaparecêram na fuga desordenada da sua aldeia. Pergunta a toda a gente se os não viram, descreve-os e olha para as creanças que enxameiam em volta a ver se encontra alguma com quem possa comparar os seus ausentes. Apertando o peito com as duas mãos trémulas, géme :

— “Que dôr ! Que dôr que eu tenho aqui... ”

Os que não viram este horror, a guerra feita aos que se não podem defender, nunca entenderão o ódio profundo que, acima de tudo, da ideia da Patria e da ideia de bandeira, guia o soldado francês na sua ância de desforra e de vingança.

Ha um refugiado que me diverte no meio desta miséria. Era dônô de uma grande loja de modas na cidade proxima e bem quiséra ficar por ali na esperança de poder voltar á sua casa. As ordens, porém, são terminantes. Ha o risco dos aviões e da artilharia ultra-pesada. Os arredóres estão cheios de tropas, nas estradas circula um trafico militar importantissimo, os inglêses acumulam reservas para obstar a um ataque provavel

sobre Béthune e a bacia mineira de Bruay. É necessário que apenas fiquem os civis indispensaveis. Enquanto não é possível transportar todos os que sobêjam, o velhote magrinho, sêco, espevitado, com um barrête de sêda na cabeça, passeia com sua mulher, matrona baselga d'olhos inquietos. O par cumprimenta com respeito os officiaes, o homem faz mesmo a continência espalmando a mão junto ao barretinho redondo rematado por uma borla que lhe cae a um lado da cara. Andam ambos furiosos. Ha um mez eram pessoas importantes pontificando atrás de um balcão e atendendo as senhoras de condição. Agora estão dormindo no chão em pilha e de sùcia com uma ralé onde ha creanças que choram, velhos que tosem e mulheres que se lamentam. Algumas impertinências que soltaram foram pessimamente recebidas e êles andam á cata do adjunto do *maire*, dos officiaes francêses. para se queixarem, para apresentarem as suas reclamações. O velho caminha a largas passadas, difficilmente acompanhado pela sua esposa gorda e, com gestos sacudidos, explica :

— "Isto não fica assim. De resto, não admira. E' gente sem a minima educação. . .

Para cûmulo, uma bella tarde, porque chegam uns primos do dono da casa, o casal é convidado a procurar outro refúgio. Só ao anoitecer conseguem encaixá-los no presbitério, junto ao cemitério, e fase-los hospedes do cura octogenário. Ali, sim. Estarão finalmente entre pessoas bem educadas.

Com os refugiados viéram tambem os vendilhões, os que disputam ao *boche* o terreno palmo a palmo, que, bombardeados hoje, vão estabelecer a sua quitanda um quilometro mais para trás, que espéculam com tudo e

com tudo negociam, até com a filha que põem ao balcão da loja improvisada em qualquer canto. Para esses o findar da guerra será a gavêta que se fecha definitivamente e, contra vontade, irão acabar os seus dias num repouso ganho com a miséria de muitos, com a necessidade de todos-

Ha, aqui a dois passos, uma velha de quasi oitenta anos que deixou a sua casa em plena zona de combate. Entre vários bens que lá ficaram figura um pôrco e as saudades do suíno são tantas, tão vagas são as informações que lhe dão ácerca do possivel destino do bicho, que a velha decide ir vê-lo. Mete os trôpegos pés ao caminho e chega emfim á linha de frente inglêsa. Esta agora não é contínua, não houve ainda tempo de cavar trincheiras e organisaram-se postos isolados. O *boche* fez o mesmo defronte. Entre dois postos, a uma hora de relativo socêgo, a dona do porco atravessa o *no man's land* e chega emfim á sua casa.

— "*Wer da?*" lhe grita lá de dentro um alemão.

A velha não entende e prossegue. Soldados inimigos cercam-na, condusem-na a um official que fala o francez como um redactor do Dicionário da Academia. Acabam por convencer-se de que a pobre creatura não vem espionar e quer apenas ver o seu porco. Infelizmente este faleceu; já deve estar digerido mesmo a estas horas. Só resta á velha a satisfação de poder ordenhar a vaca e os *boches* bebem-lhe o leite depois de o ter dado a provar á dona, não o tivesse ela envenenado de caminho. De repente a *ferme* é bombardeada, caem sem descanso os projecteis ingleses sobre os seus muros debeis, o *boche* procura outro abrigo e a velha, cerrada num estábulo, fica horas sob aquela tempestade. De

noite, irreconhecível de lama, rendida de fadiga, regressa ás linhas inglêsas onde a prendem, a interrogam e a soltam afinal. Agora vagueia por aqui e não ha nada que a console.

— *Mon cochon ! Mon pauv' "quin" !¹ Ils l'ont mangé.*

* * *

É dentro de toda esta miséria física e moral que vamos vivendo. A' tarde não se vêem pelos degraus das portas senão soldados tendo creancinhas sobre os joelhos e sargentos conversando com *mademoiseis*, enquanto nos interiores grulha uma multidão de inglêses bebendo cerveja ou jogando aos dados. Adivinha-se e sente-se muita fome em certos rostos pálidos. O pão francês é escasso e se não fosse a generosidade do Folgadinho e de Tommy muitos se deitariam sem ceia.

Um dito de um comico altamente tragico define bem tudo isto. Um petiz chora desabaladamente encostado a uma hobreira. De dentro da casa a voz irritada da mãe intima-o a que se cale :

— *"Ne braye donc pas comme çá !²*

Nada acalma o chorão. Cada vez o seu alarido é maior. Então, vendo que a coisa não vae sem uma ameaça formidavel que lhe géle o sangue nas veias, a mãe surge de mãos nas ancas e grita :

— "Se não te calas já, dou-te a comer a um refugiado.

O petiz cala-se como por encanto.

¹ Meu pobre querido, em *patois* da região.

² *Brayer* : chorar no dialeto regional.

«On his Majesty's service»

Estamos ha três semanas ao serviço de Sua Magestade, *on his majesty's service*. Dos nossos quartéis generaes não ha noticias e cada tarde o major do Staff Corps, o gordo que fuma por uma boquilha muito comprida e se supõe uma creatura muito importante, entra na nossa Brigada e detalha o serviço para o dia seguinte.

São curiosos estes inglêses. Ha mais de um ano que estamos em contacto e já temos tempo de os conhecer. Muitos de nós irritam-se contra êles. A mim divertem-me e ainda não tive a occasião de encontrar um malcreado para lhe poder mostrar a má criação de um portuguez.

Diz-se que, quando nos arredores de 15 de agosto de 1914 os inglêses começaram a desembarcar em França com uma porção enorme de bagagens, as divisões que marchavam para a frente, não sabendo nada de francês, tinham aprendido já no emtanto uma frase que atiravam como uma saudação ás populações que os viam desfilar : — "*Vingt ans, s'il le faut !*»

Esses soldados de Mons e do primeiro Yser não podéram durar vinte anos. Os de agora, os do actual exercito, os successores dos primeiros cem mil de Kitchener estão na absoluta disposição de se demorarem por aquidusentos anos pelo mênos. A primeira cousa que nos disseram quando nos viram em instrução foi: — "*Guerre no bonne!*" mas, como é preciso fasel-a no entanto, como a terra sacrificada não é a dêles, como as grandes ilhas ísoladas são um manancial inexaurível de homens e de riquêsas, instalaram-se e, ao ver o complicado e metódico mechanismo da sua organização, o passo solemne dos grandes cavalos atrelados ás suas viaturas escrupulosamente limpas, a velocidade moderada dos seus *camions* na sua inalteravel andadeira, os multiplos avisos que êles semeiam nas estradas recomendando que se ande devagar, que se não trote, que se avance a passo, tudo nos dá a impressão que a guerra está para durar dois ou três seculos.

Percorremos ultimamente a pé uma zona de quasi oitenta quilómetros. Não vimos uma só casa que não tivesse pendurada á porta a tabolêta indicando quantos officiaes e *others ranks* ali podiam viver e não atravessámos uma unica aldeia onde não houvesse um inglês a puxar o lustro aos botões da farda ou a limpar com areia o freio de uma cavalgadura.

Nas vésperas da ofensiva de Vimy disia-me um official britanico:

— "No dia tantos, ás tantas horas, tantos minutos, tantos segundos, vamos dar uma grande bordoadá no *boche*."

— "Ah, sim? E depois? perguntava eu interessado.

— “Depois esperamos.

— “O quê ?

— “O que faz o *boche*.

O oficial com quem eu falava não era evidentemente o comandante em chefe ; mas sentia-se que a guerra inglesa era então essencialmente aquilo : manter sendo possível e com o maior conforto as posições ocupadas e, de quando em quando, faser um pouco de *sport*. O comando único veiu alterar esta concepção britânica da grande guerra.

* * *

Os ingleses não gostavam de nós ? É natural, Não gostam senão de si próprios e a grandeza secular da Inglaterra alimenta com fortes razões o orgulho nacional que é o fundo de todas aquelas mentalidades. Ha uma convicção fortemente ancorada em todos estes espiritos : a Inglaterra não póde perder a guerra porque é a Inglaterra. Quando, como e quando a ganhará, isso é indiferente. Depois do nove de abril um official de engenharia inglês disia-me :

— “Este *offensive* foi muito pessimo para nós.

— “Perdeu-se muito terreno, disia eu pensando no nosso sector destroçado.

— “*Yess !* E no *cantine* de Béthune perdemos quarenta mil cigarros egipcios. Eu perdi todo o meu roupa. Muito difficil agora arranjar calções. . .

As divisões australianas e francêsas que tinham ficado no monte Kemmel tomado e retomado cinco vêses, os portugêses que, resistindo em Lacouture, tinham

permitido que se conservassem as posições de Festubert e Givenchy, tudo isso nada era comparado com os cigarros egypcios que o incêndio de Béthune tinha devorado e com a dificuldade de encontrar feto nas *ordenances* desorganizadas temporariamente.

Os soldados perdidos serão substituídos daqui a tempo; no dia tal, ás tantas horas, tantos minutos, dar-se-á uma bordoadá no *boche* se êle tiver a paciência de esperar. O mal agora é ter que fumar o mau Virginia das cantinas baratas.

Para o inglês a guerra é a repartição, o escritório, a oficina, o trabalho, emfim, que tem as suas horas marcadas, findas as quaes se pensa noutra coisa. Se posérem um subdito de Sua Magestade graciosa a dusentos quilometros do *front* a carimbar durante uma tarde inteira guias e recibos, êle dirá daqui a vinte anos a quem lhe perguntar o que fasia no mez de junho de 1918:

— “Estava na guerra,” e se, de surprêsa, o mandarem seguir para a linha da frente, o encorporarem num batalhão de ataque, marchará sobre o Fritz com a mesma impassibilidade com que carimbava ante-hontem e dirá daqui a vinte anos com a mesma fleugma: — “Estava na guerra,”

Para nós, nas trincheiras, um *raid* ou uma patrulha é um acontecimento que se discute durante dias ou durante horas. O inglês — tive ocasião de o presenciar — conversa de tudo ou não conversa até á hora marcada. No momento próprio mira o relógio de pulseira e pondo o capacête, afivelando a pistola, segue para a *terra de ninguem* tal como ha quatro anos em Londres ou em Cambridge pegava no chapéu e na bengala para ir para o seu *office* ou para a sua loja. Alguns vendiam pre-

suntos, antes de serem capitães, ao que se diz. Pois o que me surpreende é que vendam hoje guerra com a mesma falta de entusiasmo e o mesmo escrúpulo no pêso.

Uma vez, viajando para a America do Sul, falei de Shakespeare a um engenheiro electricista britânico. Ouviu-me com atenção e disse no remate :

— “O senhor sabe Shakespeare. Eu não sei. Eu sei de electricidade.

Esta restrição de espirito, esta limitação dentro da especialidade notamol-a aqui tambem. Um official de morteiros não terá nunca a tentação de olhar para uma metralhadôra e a um artilheiro não interessa de modo nenhum uma granada de mão. Cada qual faz bem aquilo que tem a faser e, emquanto ao resto, todas as providências devem estar dadas pelo comando para que se faça. Quando está no exercicio das suas funções, nada o perturba e vae até ao fim. Rudyard Kipling conta algures que um soldado ferido regressado da frente explicava a recrutas prontos a partir :

— “E' escusado excitarem-se contra o *boche*. E' mau para a saude e não é bom para o tiro.

Uma casta interessante de inglêses é a dos officiaes de ligação, a dos interpretes de braçal verde e vermelho. Alguns são pessoas que viveram em Portugal ; o resto, quasi todos, provêm do Brasil e da Argentina, pois que para as altas repartições britannicas portugêses e hespanhoes falam a mesma língua.

Alguns entendem-se bem. Outros, sabendo nós in-

glês e tendo um dicionário, não nos será impossível compreender o português que falam. Vivem conosco, partilham da nossa mēsa, fumam, lēm *magazines* e jornaes e fasem os seus relatórios. São dentro da nossa guerra os olhos do alto comando britânico e, no geral, são uns pobres diabos contentíssimos de terem sido tirados da vida activa da trincheira. Tive um que, todas as manhãs, depois do almoço, me dizia num tom grave de pessoa que toma uma grande decisão :

— “Vou á primeira linha.

— “Bom proveito. Até logo.

O nosso amigo calçava uma botas enormes, vestia o impermeavel, apertava a pistola, prendia a bussola ao cinto, punha o binóculo a tiracólo e agarrava na pasta dos mapas. Antes de sair perguntava-me as coordenadas exactas do morteiro pesado ou indagava se tal trincheira estava transitavel, posto o que seguia pela passadeira até á entrada da terceira linha e aí, resolutamente, sem hesitar a miléssima parte de um segundo, tomava a trincheira de saída e ia ler á Brigada o comunicado da véspera. A' tarde reaparecia e disia-me com um sorriso amavel :

— “Tudo muito bem.

De longe em longe ou chega a ordem de partirem *in leave*, de ir de licença descançar uns sete dias que em geral se prolongam até quinze, ou a indicação de irem faser serviço num batalhão do Somme ou das bandas de Ypres. Explicam neste ultimo caso :

— É para faser moral.

Alguns, nesses banhos de retêmpera, deixaram a pelle que tinham conservado com tanto cuidado durante mēses. Outros voltam, estendem, as pernas, acendem o

cachimbo e das suas impressões dos sectores agitados não ha meio de lhes sacar senão bocados de frases :

— *Allemand très fort bombarde ! Beaucoup camarades finish ! Boche* muito forte. Nós tambem muito forte. O capitão Fulano *napoo !* O tenente Cicrano em Inglaterra. *Bonne blessure.*

Quando se fixarem as características dos vários heroismos desta guerra, o britânico terá de ser definido : — “Uma fervura varios graus abaixo de zero„. Batem-se e morrem muito bem, de peito largo e barba escanhoada ; mas tenho a certêsa de que, se, no meio duma batalha e á beira dum objectivo que já tivesse custado milhares de homens, se ouvisse o toque de sentido, todo esse exercito uniria os calcanhares, batendo as botas e se perfilaria levando a mão ao barrete, com o mesmo gesto sacudido com que nos saúdam quando nos encontram pelas estradas fóra ou quando passa á velocidade regulamentar um automovel de bandeirinha condusindo um general de divisão ou comandante do exercito.

23 sur-la-Lawe

Tivémos que ceder a nossa aldeia a um outro batalhão e vae para dois mēses que estamos acampados á beira de uma estrada, a dois passos da ribeira da Lawe e a dois passos do *boche*. A visinhança é a peor. Grandes parques de gado inglêz, escalões de artilharia de campanha, baterias de artilharia pesada e vários *décau-villes*. Em permanência na nossa frente os *drachens* de amigo Fritz. A um quilómetro, se tanto, acantona o batalhão de reserva da primeira linha e voltámos quasi á situação de Março de estarmos constantemente sob o fogo inimigo sem o vermos e sem podermos fazer-lhe algum mal em represália.

Ninguem nos diz quando se alterará esta situação. Não ha rasão para que não dure anos visto que ainda ha até ao mar muita desêna de quilometros em que se podem cavar trincheiras.

Já que estamos condenados a viver aqui, esquecidos de Portugal e utilizados apenas para tarefas subalternas, toca de alindar este bivaque que viémos encontrar em desordem e que refisémos completamente, derrubando

as barracas e refasendo-as com certa lógica. Quando os homens regressam do trabalho, trabalha-se em melhorar esta aldeia de lôna e de ramagens, enfeitar as cosinhas, erguer caramanchões, limpar os arruamentôs, profundar velhos drênos e traçar outros novos.

Temos entre a nossa gente soldados habeis para entretecer os arcos floridos das romarias, que conhecem os ramos tenros que se amoldam facilmente e sabem de ligar com feixes de hervas compridas as pernadas e os galhos. No bosque proximo vae um desgaste constante. Pela estrada passeiam *lansudos* carregando fardos formidaveis de verdura.

Um enorme pano tenda que estava mal aproveitado desdobra-se e dá uma secretaría e um posto de soccorros. O parque das bicyclétes alinha-se perto. Limpa-se uma grande faixa que servirá de parada e, como de noite pairam sobre as nossas cabeças desênas de aviões e nada ha mais facil do que uma dêssas aves de mau agouro satisfaser sobre nós as suas necessidades de guerra, ha que erguer em tórno de cada barraca uma camada de terra protectora, ao mênos, contra os estilhaços.

As *mess* de sargentos estão instaladas em caramanchões alinhados e para alguns officiaes já se vão construindo autênticas casas com paredes de leivas sobrepostas á laia de certas terriolas humildes de Portugal. Os carpinteiros, pessoas importantes nesta altura, não vão cavar de manhã. Andam assoalhando barracas, construindo moveis, fazendo a armação de bancos de jardim cujo assento será de rêde. O funileiro fabrica lanternas á luz das quaes se possa ler á noite sem chamar a atenção dos aviões e cada qual se vae instalando,

procurando um pouco de conforto enquanto nos não cae do ceu um cataclismo ou o *boche* não alonga um bélo dia o seu tiro. Um domingo de tarde fazemos uma festa de *sport* a que afluem inumeros ingleses da vizinhança e no final, no desfile dos vencedores, abre o cortêjo a nossa filarmónica composta de uma rabeca, de um clarinête, de um cornetim, de um harmonio, de três flautas de cana, um tambôr e uns ferrinhos. O mais triste e o mais grave dos meus sargentos faz rir a bandeiras despregadas recitando inverosimeis monólogos.

Quando recebemos a visita do comandante do exercito inglez em que estavamos incorporados, esse australiano rude ¹ diverte-se imenso com o aspêto singular daquele acampamento e ao recomendar-me que se prepare o espirito dos homens para todas as eventualidades, como eu lhe replique que esse trabalho de manter o moral é o nosso constante disvêlo, ele, com um bom sorriso e pousando-me a mão no hombro, diz-me para orgulho meu e de nós todos:

— *Yess! I know. It's the best...*

Certa manhã alguém me informa que é possível que não tarde muito o momento de termos de cumprir a missão tactica que nos está incumbida. Não estamos ali simplesmente para cavar. Em caso de ataque temos que guarnecer umas trincheiras perto, a cavalo sobre a estrada, recolher nélas os elementos que porventura recuem da primeira linha e aguardar que cheguem os reforços que estão á rectaguarda.

¹ O general Birdwood, libertador de Lille.

A pessoa que me informa — um oficial do estado maior inglês — explica-me que o *boche* tem engatilhada uma ofensiva sobre Lillers e Béthune. Lillers é o córte da linha ferrea que êles bombardeiam todas as noites. Béthune é o acesso para as minas de Bruay que hoje fornecem a terça parte do carvão consumido pela industria francêsa. E' um golpe formidavel, que já está organizado, cujos detalhes já foram fornecidos ás tropas da frente, a tal ponto que foi nos papeis apreendidos num *raid* felis executado perto de Calonne que se soube, por exemplo, a data provavel do ataque. Será entre 18 e 20 de Julho.

Contam-me isto em segrêdo, em prova de grande confiança e acrescentam :

— “Eles não passam. Temos trasido de Inglaterra desde maio mais de tresentos mil homens. Ali á nossa rectaguarda está um corpo canadiano e em Euchin temos mil e dusetos *tanks*.

E o homem bate-me no hombro sorrindo satisfeito e deixando-me a pensar que estou exactamente sobre a principal estrada de marcha para Lillers, que temos de defender a passagem que elles tentarão abrir com uma das suas habituaes ofensivas em massa e que será por cima de nós que os canadianos do contrataque e os *tanks* de Euchin virão deter o embate. Sinto-me na situação dalguem a quem se tenha dito : — “Deixe-se estar aqui tranquilo porque lhe vae desabar em cima um prédio de cinco andares.

Olhava para os meu *lansudos* entretidos á tarde ou a jogar o loto sentados no chão ou a contemplar a verde *camuflagem* das suas barracas ou ainda a jogar a bola de sùcia com inglêses da visinhança. Olhava para os

poucos officiaes que ainda me restavam e ouvia-os conversar de licenças que iam restabelecer-se, de cartas que tinham vindo com noticias e esperanças de Portugal e não me atrevia a anunciar a toda aquela gente o destino singular que os aguardava. A' noite os boletins de informação anunciavam movimentos de tropas naquela frente, referenciação de novas baterias e os dias fataes iam-se aproximando. Media o cançasso moral e physico daqueles desterrados a quem os aviões não deixavam dormir e que passavam os seus dias a cavar interminavelmente em interminaveis trincheiras. Punha-me a cismar o que seria o dia da offensiva que cada noite decorrida aproximava mais. Seria o que podesse ser. A perspectiva mais segura era a de estoirarmos no nosso logar, emquanto sobre nós se degladiassem os exercitos de Rupprecht da Baviera e os tresentos mil ingleses recém desembarcados.

Dias antes da data temerosa rebenta a contra offensiva de Gouraud na Champagne, apoiada logo a seguir pela acção de Mangin. E' a gente do kronprinz derrotada violentamente e tendo de recuar quando ensaiava o definitivo arranco sobre Paris.

Mas os outros ainda ali estavam defronte. Mantinham os seus grupamentos, as suas concentrações de artilharia. Eu interrogava ínglêses companheiros e ninguem sabia nada. Chegou o dia desoito, chegou o dia vinte. Á noite, quando o fogo *boche* sobre as baterias proximas se acelerava, logo me figurava que se encetára o martelamento preliminar. Passaram finalmente os dias marcados. Eram excelentes as noticias do sul. Os francêses avançavam victoriosa, irresistivelmente e uma tarde alguem me disse emfim que os balões e aéroplanos come-

çavam a assinalar o deslocamento de tropas da nossa frente para acudir ao descalabro que ia tomando os ares de catastrophe. Pude respirar então, contente por nunca ter dito o que sabia e não ter alarmado inutilmente a minha pobre aldeia.

Tinham-se estabelecido as licenças e chegou a data da minha, concedida já ha oito menses. Extenuado como estava, ela vinha na hora própria. Ia poder emfim matar a ância do meu coração expressa na quadra que eu pregara na lona da minha barraca:

— *Minha tenda de soldado,*
E's como a cella de um frade:
Lá fóra o mundo agitado,
Cá dentro a paz da Saudade.

Ao chegar, porém, a hora da despedida, vendo todos os que deixava ali, muitos dos quaes eram meus fieis companheiros de desesseis menses de campanha, não tendo como eu abandonado nem um só dia o batalhão, ao vêr grande parte dêles doentes, anemiados, roidos da tristêsa da Ausência, a mim próprio perguntava se poderia deixá-los com inteira paz da minha consciencia. Então lembrei-me de tantos que não tinham dado ao seu dever nem a sombra da centessima parte dos nervos que eu consumira em França, que nunca tinham sentido as angústias que tanta vês me tinham torturado, que tinham arrastado nas trincheiras e fóra delas uma existência torpemente egoista, sem o

minimo espirito de sacrificio, e senti-me redimido da falta que porventura cometia partindo e deixando ali a minha malta, sabe Deus até quando.

Era o momento, emfim, de partir. Percebia que em volta de mim alguns me invejavam sem maldade. O que vae de licença é sempre uma creatura muito feliz. Vae descansar, não voltará talvez. Tornará a vêr os seus, a descansar sob o tétro da sua casa, a viver entre os rostos e os objétoes familiares. Os que ficam continuám no mesmo problêma, dentro do mesmo mistério, encerrados no mesmo cárcere. Despedi-me dalguns, não tendo alma para me despedir de todos e vêr mais olhos daquêles que me olhavam com saudade e com carinho, mas com uma amistosa censura tambem.

Subi para o carro que havia de levar-me á estação. Os meus melhores amigos abraçaram-me na estrada e quando o cocheiro fustigou as alimárias, quando a largo trote das muares passei junto da minha sentinêla que se perfilava, puz-me de pé para retribuír a continência e duas lagrimas me caíram pela cara abaixo.

⊙ “meu,, batalhão

*Aos que se mantiveram sempre fieis
no batalhão de infantaria 23.*

Quando parti de Portugal ignorava qual seria o batalhão em que ia servir; mas, como um principe de balada que parte á conquista duma Béla Desconhecida, já sabia que havia de ser o melhor de todos e que dentro dêle não haveria companhia melhor que a do meu comando. E assim foi. Quando, horas depois da minha chegada, seguíamos para as trincheiras, mirando as filas á testa das quaes caminhava, eu sentia que não haveria nunca soldados como aquêles. Mais tarde, quando as circunstancias, que não o favor de ninguem, me déram o comando de mil almas e a defêsa dum trôço da linha portugûesa, em certas noites em que latejava no meu peito o coração de todos os meus rapases, eu quasi chorava de orgulho. Não trocaria o meu batalhão por nenhum e com o cégo amor de um pae repetia sempre: “E’ o melhor!”

Batalhão de cadêtes, como alguem lhe chamava, em que os capitães eram tenentes e o comandante capitão,

em que todos trabalhavam unidos, em que os que mandavam eram os primeiros a ensinar como se cumpre; batalhão que pode hoje, após quasi dois anos de França e meses sem conta de linhas avançadas, diser altivamente que não tem em mãos de *boches* nem um prisioneiro, nem um desertor, e nunca deixou pisar por tacões inimigos o chão que lhe davam a guardar; batalhão que soube, como os bons cavaleiros, ser sempre fiel á sua divisa, aos dois versos arrancados á sua canção de marcha:

“Que a gente do vinte e três
Má figura nunca fez. . .”¹

batalhão que nas horas duras de desanimo ou de fadiga, soubeste sempre responder á voz de quem te clamava: “Para a frente,; batalhão onde aprendi a conhecer-me e vivi os maiores momentos da minha vida, acompanhei-te como a um filho que vemos crescer e medrar em forças e perfeições e senti, nas belas horas da fé e da esperança, a tua alma coléctiva afaser-se ás mil tragédias de cada instante e temperar-se cada vez mais. Faz hoje um ano que senti bem que o amor que te tinha era merecido. Lembram-se, rapases, o 14 de Agosto? Aquelas tropas de assalto, especialmente adés-tradas, vindas de propósito de tranquilos campos de trêno da Alsacia e lançadas de madrugada sobre as historicas ruinas de Neuve Chapelle? Era o primeiro e formal grande *raid* sobre as nossas linhas e, ao passo que no sub-sector visinho a surprêsa colhia efeito e havia prisioneiros e havia uma baralha infernal, a

¹ Vidé Nota III.

nossa linha mantinha-se íntegra, vedada pelas metralhadoras da ilharga. Os *boches* que por ela passavam ou iam de pernas vacilantes, prisioneiros, ou de pés adiante, mortos. Que importa que então se sonegassem relatórios? Vocês bem sabem, meus soldados, o que foi essa madrugada, aniversário de uma outra madrugada gloriosa: a de Aljubarrota. Que importa que então vos não louvassem, se o vosso maior amigo, o vosso comandante, ao voltar ao seu abrigo, sentia estoirar o peito de alegria?!

* * *

Os meses foram passando e o meu amor por ti, meu batalhão, não esmorecia, nem mesmo quando, durante algumas semanas de *rectaguarda*, outras mãos, que não as minhas, te dirigiram. Eu sabia então que havias de voltar, que entre a minha alma e a tua havia laços que só uma fé maior do que a minha poderia quebrar. E não havia fé maior. No alvorecer deste ano á minha mão voltaste, ali na lama revolvida das trincheiras, e nunca mais a cegueira inepta das repartições nos voltou a separar. Passaram os dias dolorosos de Março em que te vi sacrificado inutilmente e viéram as horas crueis de Abril de que nos salvámos. Um suor frio de orgulho me cobria o corpo naquéla manhã em que, á beira do torvelinho do combate, eu entrei á tua frente na estação na qual nos esperava o comboio que devia levar-nos para a *rectaguarda* e onde desfilámos, cornêtas e ciclistas em frente, fileiras alinhadas como para uma parada, enquanto em tórno de nós havia uma multidão

de soldados desamparados, no sobresalto de uma insubordinação e na atmosfera de uma derrota. E tu, meu batalhão, desfilavas assim, porque, na véspera, cara a cara, como um grande amigo, em formatura de fileiras cerradas e saídos da fórmula os poucos officiaes que restavam connosco, eu te tinha falado claramente e te tinha feito compreender que o primeiro acto de uma revolta tua deveria ser a minha liquidação porque enquanto houvesse balas na minha pistola nunca eu veria um soldado meu deixar de ser soldado. Sentiras então que era teu dever manteres-te através de tudo e assim cumpriste, quando, cuidando chegar a um descanso sempre prometido e nunca concedido, não conseguiste medir os palmos de terra da cama em que te ias deitar e meia dúzia de horas depois partiste novamente para a frente. E foi então essa marcha que deve ser um dos teus orgulhos, como é um dos meus. Para onde iam? Nem tu o sabias nem eu. Era para a "frente", para onde estava o inimigo triunfante, onde troava sem descanso o canhão. Todos estavam exaustos, sangravam os pés da maior parte e sangrava o meu coração onde pesavam todos os desconfortos e todas as angústias. Marchavamos no entanto, dispensando os *camions* que transportassem as mochilas, não quedando para trás um único estropeado ou doente, não abandonando um único artigo de material. Eram muitos os quilómetros. Embora! Como aquêles soldados de Napoleão que Raffet immortalizou, vocês grunhiam, mas marchavam sempre. Ficavam para a rearguarda os batalhões saídos antes de nós e, através das povoações, as caras curiosas que vinham ás portas viam-nos passar, as maxilas cerradas pelo esforço, mas de cabeças levantadas.

Lembram-se, rapases, aquella tarde de sol e de poeira em que crusámos numa estrada interminavel os reglmentos de cavalaria francêsa que, com cincoenta légoas de marcha sem interrupção, subiam para os lados do Monte Kimmel onde ficaram aniquilados depois de se baterem quinze dias consecutivos com um inimigo oito vêses superior em numero? Nós sentimos que aquêles eram grandes soldados desde o coronel de Legião de Honra ao peito até áquêle alferes que parecia uma menina. Eles sentiram que nós, restos de um corpo derrotado, buscavamos ainda ser dignos companheiros. Para onde iam essas duas tropas que se cruzavam? Para o dever. E na continência então trocada nessa estrada interminavel houve qualquer cousa de grande.

Depois foi a "frente," novamente, as horas que tu, meu batalhão, passaste cavando trincheiras com a espingarda á mão, o inimigo accumulando na nossa frente os preparativos de uma offensiva, tendo por primeiro objectivo a cidade deserta cujo acesso deviamos defender. Não ha um mez ainda, a data estava fixada. Assim nol-o comunicavam todas as informações. Era uma questão de horas e, a efectuar-se o ataque, quantos de nós teriam voltado? Mas lá em baixo, na Champagne, a contra-offensiva finalmente victoriosa desencadeava-se e por fim as divisões inimigas foram descendo a acudir ao desastre irremediavel. Respirou o meu coração oppresso. Mais uma vez a sorte te poupou, batalhão que bem o mereces! Na hora da decisão, sei bem que não hesitarias e que marcharias em frente. Recordas-te daquela tarde de Maio ultimo em que, braços estendidos para a nossa bandeira, eu te fiz renovar o

juramento classico, o de te dar todo á patria e ao nosso nome? Na hora decisiva havias de cumpril-o porque eras o *meu* batalhão. No emtanto senti-me feliz que a ameaça afrouxasse e senti-me feliz por ti.

No momento em que me concediam um repouço a mim próprio perguntei, á minha consciencia de soldado, se o merecia. Só que eu fosse no mundo nunca me teria separado de ti. Mas, na terra distante de Portugal, uns braços pequeninos se estendiam para mim e um gorgueio de passarinho cada noite resava ao Menino para que eu voltasse. E tu, meu batalhão, bem sabes que me não poupei ás tuas fadigas, que caminhei a pé as estradas onde os teus pés sangraram, que dormi sempre na mesma lama onde tu descançaste, que sempre estive onde estiveste e nunca saí do meu lugar. Sabes bem que, por te castigar ás vêses, não deixei nunca de ser o chefe amovavel que não se esquece de ser pae. Sabes que sempre falei em teu nome aos chefes claramente e sem baixêsas.¹ Sabes bem que não fiz a *minha* guerra, mas sim a nossa e que mais me envaideciam um louvor que te davam ou um elogio que te dispensavam do que poderiam contentar-me as maiores satisfações do meu amor próprio. Os galões novos que trago nas mangas foste tu que mos ganhaste e são teus. Convicto de que merecia um repouso para o qual não podia, infelizmente, traser-te comigo, vim.

¹ Vidé Nota II.

Hoje, numa casa bem longe da terra onde ficaste, cada noite ao deitar-se uma creancinha résa na sua algaravía ainda confusa as orações que sua mãe lhe ensinou para que pedisse a Deus a volta breve de seu pae. E, como seu pae voltou e a escuta enternecido, para ti, meu batalhão, vão as préces de minha filha: —“Menino Jesus! Muita sorte para os amigos do papá que estão na guerra. . . .”

Meu batalhão, agora que não posso dar-te mais nada, que, nas longinquas terras de Artois, onde ficaste, te acompanhe a minha saudade e te ajudem as résas ingénuas de uma creancinha.

Figueira da Foz, 14 de Agosto de 1918.

APÊNDICE

APPENDICE

Nas asas da Vitória

Quando em começos de Agosto da 1918, de passagem para Portugal e sob o sol radioso de Biarritz, eu escrevia o prefácio da primeira edição deste livro, palpitavam as asas da Vitória, vibravam ao longo da frente, sentia-se que iam abrir num gesto formidável, anciosamente esperado ha quatro anos dolorosos pelos homens de boa fé e alto coração.

Céleres correram os dias de repouso que eu viéra passar a Portugal. Passei-os em parte disendo nas colunas de *A Capital* e de *A Manhã* algumas das verdades que era necessário diser ácerca do C. E. P., enquanto havia na Alemanha irmãos nossos prisioneiros que era preciso libertar e em França os restos de um corpo expedicionário que era urgente render ou reforçar. Não entendeu o governo conveniente a minha presença em Portugal e, vindo ao encontro do que já era então o meu maior desejo, ordenou-me que me reunisse imediatamente ao meu batalhão. Uma epidemia fechava, porém, as fronteiras e tão présto não abriram estas que se não cerrassem sobre mim as portas duma

prisão politica sob o fácil pretexto duma das convulsões em que perpetuamente se agita o nosso paiz.

Foi dentro dos velhos muros do Forte da Graça que o meu coração sentiu as horas formidaveis de Novembro: o abatimento definitivo da Bochiá, o triunfo da Rasão sobre a Força, da Verdade sobre a Mentira arvorada em sistêma. Foi no alto dum vetusto torreão dessa fortalêsa-cadeia que o pendão da Vitória se arvorou para os meus olhos, onde as lagrimas dançavam de alegria, sob a forma duma esfarrapada bandeira verde-ru-bra que parecia ter andado por *lá*, nos campos de gloria onde as grandes asas pairavam.

Entretanto, que era feito do meu batalhão? Dêle não tivêra senão vagas noticias de longe em longe, mercê das varias censuras com que nos têm afrontado a todos. Sabia que, abandonando em fins de Agosto o bivaque onde eu o deixára, passara Setembro e começos de Outubro trabalhando em terceiras linhas cêrca de Béthune. Que destino teria sido o seu nas horas formidaveis em que o poder do Boche se esfarrelava deante da arrancada victoriosa dos Aliados?

Chegaram um dia, finalmente, novas positivas e, dentro da minha prisão, encheram-me de uma alegria compensadôra que ninguem me pode roubar.

No momento do avanço final, dos vinte e quatro batalhões iniciais do C. E. P. nove apenas se mantinham e, desses, dois sómente estavam em linhas avançadas: o de infantaria 15 comandado pelo major Ferreira do Amaral que ficará como uma das figuras mais curiosas da guerra de França e o meu, o de infantaria 23, cujos officiaes tinham solicitado, após a minha saída, ao comandante em chefe que fosse nomeado para os dirigir

o major Helder Ribeiro, meu companheiro dos tempos de escola, apaixonado intervencionista.

Quando os exercitos germanicos iniciaram a sua retirada definitiva, o batalhão de infantaria 23 era da infantaria portugueza o único que, completo e como batalhão de combate, entrava em sua perseguição incorporado na 140.^a brigada inglesa. Os officiaes que tinham ido completar os seus quadros eram quasi todos voluntários de outros batalhões e alguém que presenciou em 4 de Novembro a abalada para a primeira linha escrevia para Portugal *«que o batalhão marchava com uma fé que enchia a alma, que todos se sentiam orgulhosos ao ver a forma como éle se apresentava deante dos ingleses companheiros e que, perante o seu desfile, as lagrimas subiram aos olhos de quantos presenciaram a sua passagem.»*

É que os soldados sentiam bem que na expressão exacta e feliz da proclamação de Helder Ribeiro — “levavam consigo a honra da infantaria portugueza e a honra de Portugal”.

No dia 10 de Novembro passavam victoriosos o Escalda e no dia 11, quando se dispunham a ficar constituindo a guarda avançada da brigada, chegou a noticia do armistício. Os ultimos tiros naquêle sector de infantaria disparados contra os alemães foram os de duas companhias do 23.

* * *

Hoje está terminada a Grande Aventura, a maior a que se deitou Portugal.

A historia detalhada da acção do meu batalhão, para a qual este livro pode dar alguns subsidios e que outros escreverão com maior talento, que não com maior comoção de espirito e de coração, prova insofismavelmente duas cousas: que se não enganavam os que pregavam a entrada de Portugal na Guerra Santa e que soldados portugêses foram sempre tão longe como os mais gloriosos e valentes quando tivéram junto de si officiaes que soubessem dar-lhes o exemplo.

Numa tarde de Maio, pouco depois dos tenebrosos dias de Abril, num descampado junto a Liliers e celebrando o anniversário da nossa entrada nas trincheiras, eu fis jurar aos que eram meus soldados e sobre a bandeira de Portugal que iriam até ao fim.¹ Nesse momento essa jura soléne tinha uma grandêsa trágica que só podem medir os que a ela assistiram e no espirito de alguns ficou a dúvida de que ela podesse ser cumprida.

Assim foi no emtanto e, ao traçar estas linhas num dos cárceres de Portugal, vejo como num sonho a aldeia coberta de neve onde os soldados do batalhão que "má figura nunca fez," descansam hoje tranquilamente e meus olhos embaciados volvem-se para o emblêma cosido na manga direita da minha farda e que, no meu melhor orgulho, não trocaria agora por nenhuma outra distincção.

¹ Vidé Nota I.

Ficará na minha vida, para minha honra e alegria, o ter-me batido por Portugal e em terras de França nas fileiras desse batalhão do qual a nossa historia militar terá que diser, como o disia em Julho no bivaque de Cantrainnes esse grande soldado que se chama o general Birdwood:

— *“Sim. Bem sei. É o melhor !*

Forte da Graça — Elvas.

Natal de 1918.

AS CRÓNICAS DE QUE SE COMPÕE ESTE
LIVRO FORAM PUBLICADAS NA REVIS-
TA «PORTUGAL NA GUERRA», PUBLI-
CADA EM PARIS E NO JORNAL DE LIS-
BOA, «A CAPITAL». A SEGUNDA EDI-
ÇÃO DÊSTE LIVRO ACABOU DE SE IM-
PRIMIR A 30 DE JANEIRO DE MIL NO-
VECENTOS E DESENOVE * * * * *

NOTAS

NOTA I

Alocução proferida a 26 de maio de 1918 por ocasião do aniversario da entrada do batalhão de infantaria 23 nas trincheiras

Rapases :

E' para mim uma grande honra ter podido pôr ao peito de soldados do meu batalhão medalhas inglesas que elles souberam ganhar pela sua coragem ao lado dos seus companheiros britannicos. E' para mim uma profunda tristesa não poder dar aos que a mereceram as Cruses de Guerra portugueza ; mas apesar dos meus instantes pedidos não mas enviaram, como anteriormente as não tinham entregues quando chamaram para as receber os bravos que as tinham ganho.

Faz hoje um ano que o nosso batalhão entrou nas trincheiras pela primeira vês e o que estes dose meses representam de canceiras, de sacrificios e de perigos, melhor do que ninguem o podem sentir aquêles dos vossos officiaes que sempre vos acompanharam e eu orgulho-me de ter sido um dêles.

Hoje são as tropas da 1.^a Divisão de que fasêmos

parte as únicas a quem compete, na frente de batalha, a honra e o dever de manter o prestígio da bandeira portugueza e, se não devessemos ao nosso nome de soldados, ás tradições do nosso exercito e ao destino de Portugal o estarmos á altura dessa honra e desse dever, bastava-nos o exemplo dos nossos irmãos de armas, das tropas de 1.^a linha da 2.^a Divisão, que, em 9 de Abril, na peor das situações em que soldados se podem encontrar, esmagados pelo numero, desprovidos de ordens e mal conhecedôres do terrêno, apesar de tudo escreveram com a maior das abnegações uma das mais belas páginas da nossa crónica militar.

E' para esses heroes do nosso sangue, que nesta hora se tem de volver todo o nosso coração, no qual, a par da saudade, outro sentimento não deve existir senão o desejo de vingá-los ou, sendo necessário, de lhes seguir o exemplo.

Se, porém, qualquer destas glórias vos fôr negada, restar-vos-ha pelo menos a de terdes sido os soldados desta guerra a que mais prolongadas fadigas foram impostas sem um dia de licença ou de verdadeiro repouso.

Mas, nas horas de cansasso e de desalento, lembrêmo-nos sempre daquêles nove mil soldados da Legião Portuguesa, que, arrancados á sua terra ha pouco mais de um século, percorreram meia Europa, batendo-se em Hespanha, na Baviéra, na Austria, no coração da Russia, vencendo em Saragoça e em Essling, avançando em Wagram quando as outras forças recuavam e regressando a Paris, na escolta duma futura imperatriz, para

faser nas Tulherias guarda a Napoleão, honra que a nenhuma tropa fora dada que não fossem da guarda imperial. Ali o grande imperador, que um dia disséra ao conde da Ega: — “Senhor conde, não ha melhores soldados que os portuguezes”, põe ao peito de sessenta e dois heroes a Crûs da Legião de Honra.

Vem depois a campanha da Russia, a passagem victoriosa do Dnieper após a qual o marechal Ney manda seguir os soldados de Portugal na vanguarda da columna encarregada da perseguição e responde a Napoleão que indaga a razão de tal preferencia: — “São os portuguezes nossos guias porque os que lhes seguirem os passos nunca se desviarão do caminho da Vitória”. Tempos passados, ainda na primeira linha de atiradores e na batalha de Moscow, lá estavam os nossos e, se elles souberam ser grandes no triunfo, foi nas horas horriveis da retirada que elles souberam ser enormes. Caminhando centenas de léguas pelo gêlo e em regiões assoladas, sem terem de comer, devorando cavalos para não morrerem de fome, quando o panico se apoderava de todo o exercito em debandada, os soldados de Portugal, redusidos e disimados, mantinham-se em volta dos seus chefes, de Gomes Freire, do marquês de Loulé e do Coronel Pégo que os fiséra avançar em Wagram, bradando-lhes: — “Avanté. rapases! Portuguezes não recúam”. Ainda se batem em Orcha, no Beresina e em Wilna e o que restava desses valentes chegou a Portugal seis anos depois de ter saído de lá.

* * *

Pois bem, meus rapases e meus amigos! Não se poderá dizer de nós, soldados desta guerra em que se joga o destino da nossa Patria, que um ano de fadigas e de saudades nos tenha abatido. Eu sei que na hora em que fôr preciso nenhum de vocês hesitará quando ouvir, nesta terra distante da nossa, alguém gritar em bom português, neste português em que vos fallo, como o coronel Pêgo gritava em Wagram: — “Avante. rapases! Portuguezes não recuam.”.

Não recuáram os que no dia 9 de Abril estavam nas linhas e poucos voltaram para contar da batalha. Nós saberemos ser dignos dos soldados de outróra e dos soldados de hontem. Mais vos recordo que faz hoje cento e sete anos que infantaria 23 entrava em Badajoz após um cêrco de três semanas e em companhia de tropas inglêsas.

E' ao lado dos soldados francêses, nétos dos companheiros da Legião Portuguêsa e a par dos soldados britannicos descendentes das tropas de Welington que amanhã nós temos de vencer. A nossa bandeira flutuará ao lado da dêles. Temos de levá-la até á hora da Vitória, e, pela minha honra de soldado, aqui juro sobre as duas côres da Patria e da Republica que tudo farei por isso, como tenho procurado faser até aqui. A todos, officiaes, sargentos e soldados do meu batalhão, vos peço o mesmo juramento.

NOTA II

Carta dirigida ao General Gomes da Costa depois da parada em Esquedecques

Meu general :

Tenho a satisfação e o orgulho de poder comunicar a V. Ex.^a que o batalhão de infantaria 23 do meu comando, tendo recordado, no domingo ultimo, o aniversário da sua entrada nas trincheiras com uma parada em que foram entregues condecorações inglêsas á mingua de se poderem distribuir as Crûses de Guerra Portugêsas que nunca chegam por mais pedidos officiaes e particulares que se façam, foi louvado em ordem de Brigada "*pela maneira brilhante como se apresentou e garbo com que desfilou*".

O representante do general comandante da 14.^a divisão inglêsa a que pertencemos actualmente, os officiaes britânicos de ligação da brigada e os officiaes francêses presentes juntaram as suas felicitações ás do nosso comandante de brigada.

Creio que V. Ex.^a estimará saber que tropas que foram do seu comando, hoje ainda ligadas aos quartéis

generaes portuguezes pelo laço burocrático de varios mapas e relações, ainda conseguem nas circumstanças actuaes manter algumas das tradições fundadas em Neuve Chapelle e distanciam-se dos trabalhadores chinêses em cuja visinhança se encontram, esperando dias melhores para o seu orgulho de soldados e portuguezes.

Em campanha, 29-5-918.

Capt. André Brun.»

NOTA III

Canção de marcha do batalhão de infantaria 23

I

Na nossa linda terra,
A terra da alegria,
Alguem nos disse um dia :
— “Soldado! Vae para a guerra!,”
E sem hesitação
Nosso dever
Com alma e coração
Viémos fazer.

E, na hora da *rascada*,
A nossa rapasiada
Ha de vencer
— Vocês vão ver! —
Que a gente do vinte e três
Má figura nunca fez...
Vocês verão
Que batalhão!
Vocês hão de ver
Como êle sabe vencer.

II

Nões temos de mostrar
Aos nossos aliados
Que em bríos de soldados
Não nos têm que ensinar,
Pois somos os herdeiros
— Gloria imortal! —
Dos velhos marinheiros
De Portugal.

E, na hora da *rascada*, etc.

III

Na nossa Pátria amada
Todos temos alguém :
Ou seja esposa ou mãe
Ou noiva ou namorada.
Pois que esse amor distante
Faról nos seja,
A alma nos levante
E nos protêja !

E, na hora da *rascada*, etc.

Capt. André Brun.

Musica de Edmond Lassailly

INDICE

Madame Letailleur	16
José Maria Folgadinho	21
Iniciação	30
«Estaminets»	43
Um almoço no «front»	47
A terra de ninguém	52
Nossa Senhora das Trinchas	58
A lingua do pas compris	61
Um enterro	66
Manhã de «raid»	72
Mil e uma noite de trincheiras	81
Q. G. 3	87
Alicate ou as quarenta ligações	93
Fritz e Berta	99
O almocréve das pêtas	105
Os meus abrigos	111
A repartição dos humoristas	117
O mêdo	123
«Palmipedes» e «cachapins»	129
Um pintor nas trinchas	135
A recóca	1

As cidades mortas	147
Heroes de trazer por casa.	153
terra imortal	159
A rua do Imperador.	165
A veneravel ordem da «cava».	172
O mosqueiro da batalha	179
A marcha dos «gosmas»	184
Refugiados	190
«On his magesty's service»	196
23 sur-la-Lawe	203
O «meu» batalhão	211

APÊNDICE

Nas asas da Vitória.	219
------------------------------	-----

NOTAS

Nota I	227
Nota II.	231
Nota III	233



Amado



*** GUIMARÃES * & * C.^A ***

*** EDITORES ***

68 * RUA * DO * MUNDO * 70

*** L. O. S. B. O. A ***